

Obra poética integral de Cesário Verde (1855-86). Organização, apresentação, tábua cronológica e cartas reunidas por Ricardo Daunt.

Texto definitivo

RICARDO DAUNT

Índice

1. Apresentação

2. Tábua cronológica

3. Critérios editoriais adotados

4. Obra poética de Cesário Verde (1855-86)

5. Cartas reunidas

1. Apresentação

Raras vezes na literatura portuguesa, cotidiano e poesia lograram tão intenso e satisfatório grau de intercâmbio, como nos versos de José Joaquim Cesário Verde (1855-86).

Homem especialmente envolvido desde a adolescência pelo que se convencionava em sua época -- e até nossos dias -- chamar de "o lado prático da vida" (como se versos não fossem uma resultante do ato de enunciação do sujeito prático e um objeto de nosso viver, como outros artefatos que encontramos pelo caminho e deles fazemos uso), Cesário cultivou uma educação eclética, de matiz francês, que soube filtrar, vindo a superar o impasse dos modelos estéticos implantados em seu país de origem.

Introduziu em seus versos elementos do dia-a-dia, situações humanas no trabalho, tipos sociais "menos sublimes" (e portanto proibidos de freqüentar o cardápio das musas na grande maioria das mesas), mas soube, demonstrando um fulminante aprendizado, também superar o impasse do modelo realista, para criar uma poesia que não se contenta em permanecer no interior da cápsula do real.

A obra poética de Cesário Verde principia, como veremos em detalhe na Tábua cronológica, em 1873, ano em que publicou cinco de seus poemas na imprensa de Portugal, e encerra-se abruptamente poucos anos depois, com a publicação de "Nós" em 1884, antes de sua prematura morte.

Vivenciando o fluxo e refluxo do Romantismo, fustiga-o a príncipio a reação satânico-católica de Baudelaire a esse mesmo Romantismo (cerne de todos os *ismos* até o final do sec. XIX); colhe, posteriormente -- ou diria melhor, simultaneamente -- o impacto renovador do Impressionismo nas artes plásticas e antevê o Expressionismo da viragem do século.

Sua obra está, como veremos, congestionada de seu tempo, tanto pelos assuntos que a interessam, como pela forma de tratá-los. A originalidade maior talvez resida no fato de ter conseguido reinterpretar, combinar, refundir e caldear os programas de arte da época, de forma que sua produção poética traduz a crise, a crítica e a

ultrapassagem dos modelos de estesia defendidos por tais programas de arte epocais.

Diferentemente de Junqueiro, "cujo verbo exaltado arrostava o criador em entusiasmos de adjetivação",[1] Cesário aplicou-se em destilar uma adjetivação eventualmente desconcertante, mas que não chega a ser pletórica, como no primeiro.[2]

Cesário, ainda, adotará amiúde o alexandrino, que Junqueiro introduziu entre os portugueses; e, como ele, promoverá a denúncia social. Mas semelhanças não se fazem presentes quando se trata da concepção de mundo do sujeito lírico, muito diversa em ambos os poetas. De fato, em Cesário Verde, a abordagem do real por parte do sujeito lírico (como também no que diz respeito à forma de interação do eu com a realidade circundante) põe fim à semelhança notada entre ambos.

Além do que, Cesário emprestará, sobretudo a seus poemas de maturidade ("Num bairro moderno", "Cristalizações", "O sentimento dum ocidental"), o ponto de vista de um observador transeunte que se exprime através de um lirismo antideclamatório, embora envolvido pela atmosfera do que busca captar.

Da mesma geração de João Penha, Cesário Verde mantém como este, freqüentemente, um contato com o mundo travado de ironia, eventualmente autófago de um romantismo medular, que se revela em um descompasso na busca do prazer e do afeto, mas que Cesário prestamente ultrapassa quando um temário urbano social se desenha no

---

[1]CAMPOSA, Carlos -- Cesário Verde e Junqueiro: breves reflexões sobre a poesia de circunstância. *Gazeta do Sul*. Montijo, 5/mar/1976: 5.

[2]Senão vejamos: "Na aldeia morta. A terra esquálida e funérea, / Em lugar das canções da abundância e do amor, / Do trigo verde a rir dentro da sebe em flor, / Calcinada e cruel cospe violentamente / Só o cardo torcido, epiléptico, ardente, / Rompendo duro e hostil, como a praga blasfema / Dum assassino quando um carcereiro o algema". GUERRA JUNQUEIRO - "A sesta do Sr. Abade". Em sua: *A velhice do Padre Eterno* (com um estudo de Camilo Castelo Branco). 2. ed., Porto, Lello e Irmão, s.d., p. 157-8.

horizonte de possibilidades temáticas. Aí, não o instiga mais o satanismo lisboeta de um Gomes Leal.[3]

Cesário Verde é, também, contemporâneo de Guilherme de Azevedo, e descobre como este a "velha cidade! a cortesã devassa"[4] e por ela caminha, por vezes "enfastiado, ou turvo".[5] Todavia, controla sua comoção, dilapidando o verso amaneirado do primeiro, para alcançar a concisão e a precisão do detalhe (que ganha em intensidade devido à importância que Cesário concede aos sentidos na exploração do mundo).

Da mesma geração que Gonçalves Crespo, tem em comum com o mentor parnasiano o apuro formal dele se afastando para ao invés do belo eterno e do mítico visitar o transitório, o passageiro, o comezinho.

Assim, ao escolher o transitório e o relativo, tornam-se ao alcance do poeta assuntos prosaicos, ampliando-se o espectro lírico de sua obra.

Cesário Verde aproxima-se de concepção expressa por Baudelaire no *Salon de 1846*, onde defende que a beleza absoluta e eterna não existe, não sendo mais do que uma abstração.[6] Naturalmente, o leitor verá, nem sempre o poeta português se comporta desta forma, alçando também seu olhar para o "eterno incognoscível infinito, / Que as idéias não podem abranger!" (estrofe cento e dezenove de "Nós") .

Atraído, contudo, como já frisamos, pelo dia-a-dia, pelo cotidiano, afasta-se de qualquer intuito de fazer do poema um território filosófico, como Antero de Quental. Sua obra atesta a presença de um sujeito lírico que deambula pelo mundo urbano da civilização industrial capturando os variegados recortes físicos e os múltiplos estímulos sensoriais da cidade labiríntica.

---

[3]"Por isso, eu quero ver como o seu belo rosto, / se crispa, à sensação estranha do meu braço: / e quero, na tenaz sinistra do Desgosto, fazê-la ressaltar como uma mola d'aço!": Cf. GOMES LEAL -- "Nevrose noturna". *In:* BOM, Laurinda, e AREIAS, Laura -- *"Subitamente -- que visão de artista!". Cesário Verde -- uma proposta de trabalho*. Lisboa, Livros Horizone, 1983, p. 67.

[4]AZEVEDO, Guilherme de, *apud* BOM, Laurinda e AREIAS, Laura, *op. cit*., p. 39.

[5]*Ibid*., p. 41.

[6]Cf. BAUDELAIRE, Charles, "Do heroísmo da vida moderna". Em sua: *A modernidade de Baudelaire*. Trad. bras., São Paulo, Paz e Terra, 1988, p. 24.

Sua poesia antecipa o bergsonismo, na medida em que concede importância à percepção como determinante do trabalho intelectual. Contudo, se de um lado seus poemas mais significativos e marcantes atualizam a percepção de um transeunte solitário, a ânsia unanimista do poeta, seu desejo de se integrar racialmente, historicamente, afetivamente a um coletivo arcaico e atemporal, vai modular o pessimismo de sua produção inicial, redirecionando-a.

A poesia cesarina também antecipa Husserl, pois toda ela se fundamenta na bipolarização da vivência intencional, e que no entanto também se encontra questionada pelo caráter transrealista do poeta que almeja a transcendência, a dimensão do absoluto.

Se de um lado o individualismo à maneira de Nietzsche, seu contemporâneo, possibilita a Cesário Verde a formulação de seu solitário herói andarilho, testemunha de um mundo em transformação radical, seu humanitarismo proudhonista leva-o a atentar para as questões contingenciadas pela condição social imanente.

Ademais, o senso de justiça, arraigado em Cesário (eventualmente kantiano uma vez que situa o direito aqui e ali como um fundamento racional *a priori*), é um antídoto para o cosmopolitismo deletério dos protodecadentistas de seu tempo.

A superação da aversão ao paradigma científico-progressista, em Cesário, bem observa Seabra Pereira[7], converge para a postulação de um conhecimento antipositivista, prenúncio do Simbolismo, posto que entreliçado a um sistema analógico com o real, mesmo que por vezes esotérico.

Uma análise dos primeiros poemas cesarinos confirmará seu embate com as correntes românticas, quer pela variante irônica, quer pela intersecção do texto cesarino com um e outro poema baudelairiano: "Meridional" e "La chevelure"; "A débil" e "À une passante", e assim por diante.

"Num bairro moderno" vai, nessa rota, apropriar-se do sol criador do poema "Le soleil", cujo velho *faubourg* francês se transforma nas

[7]Cf. SEABRA PEREIRA, José Carlos -- Em demanda da perfeição das coisas. *Prelo*. Lisboa, 12: 16-25, jul-set/1986, *passim*.

mãos do poeta ibérico em um faubourg moderno, como acentua S. Reckert.[8] A pobre vendedora de frutas e legumes desse bairro lisboeta é um parente deserotizado da personagem feminina de "À une mendiante rousse", do mesmo Baudelaire.

A intertextualidade não é um procedimento exclusivamente moderno. A tradição sempre foi uma fonte de inspiração e de pesquisa. O que difere, na modernidade em que Cesário foi um dos pioneiros, é a franqueza, a naturalidade com que o texto em processo se *comunica* com o texto do passado.

Um exame dos poemas de Cesário Verde a partir de "Esplêndida" dá conta de um poeta contagiado pelo presente, pelo espaço do transitório, ressaltando cada vez mais a presença de um olhar em movimento que busca apreender o mundo e a realidade quando esta, no dizer de John Timm, está começando a se desintegrar em seu constante devir, em seu perpétuo e caótico vir a ser.[9]

Com o passar do tempo, e devemos assinalar que "Desastre" é um marco dessa fase, o poeta vai observar os tipos sociais que depara nas ruas, os dramas de toda sorte que ocorrem a poucos passos do andarilho lírico. Então, nesse momento, libera-se da propositura romântico-maniqueísta que coloca a figura feminina como condutora e fetiche do jogo de forças que oscila entre bem e mal, prazer e culpa suprema, para buscar compreender a sociedade.

"Cristalizações", por exemplo, bem pode representar o descortinar do complexo mundo social; nele vamos encontrar um Cesário interessado em compreender o funcionamento da luta de classes, e em desvendar sutis práticas ideológicas. Indo além do "jornalismo" de "Desastre", "Cristalizações" revela um intérprete social que não esgota sua tarefa em uma apologia ao oprimido indefeso.

---

[8]Cf. RECKERT, Stephen -- "'Subitamente -- que visão de artista' (Baudelaire, Cesário ou a arte de fazer de novo)". *In*: *Les rapports culturels et littéraires entre le Portugal e la France* (actes du Colloque. Paris, 11-16 octobre 1982). Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1983, 361e *passim.*

[9]Cf. TIMM, John T. F. -- A study of the grotesque in Cesário Verde's "Sentimento d'um ocidental". *Luso-Brazilian Review*. Madison: 78-86, dez/1972, *passim.*

"O sentimento dum ocidental", uma viagem infernal pelas ruas de Lisboa até o alvorecer, fornece-nos de corpo inteiro o herói camoniano, em sua aventura solitária, por vezes medíocre, mas valorosa, e que sem contar com a força do destino caminha na tentativa de transcender o mundo fragmentário para atingir o ideal, o atemporal, a perfeição do que é fabricado com as armas do imaginário.

Temos então, por fim, um Cesário que revoluciona a poesia portuguesa com um timbre e intensidade raros no Portugal do século XIX.

Sua autonomia, repetimos, com respeito a modelos estéticos de seu tempo, fazem de Cesário Verde um precursor. Seu trabalho, incompreendido pelos seus pares, vem sendo finalmente reconhecido, em Portugal e aqui, no Brasil. Que a presente edição da *Obra poética integral de Cesário Verde (1855-86)* colabore para aquecer a morna discussão sobre sua poética.

Nas páginas seguintes, o leitor encontrará, como mencionamos de passagem, a parte intitulada "Tábua cronológica**"**, onde destacamos aspectos biográficos do poeta, bem como acontecimentos literários e políticos que determinaram em grande medida a índole da época em que Cesário viveu.

"Critérios editoriais adotados**"**, que antecede a **"**Obra poética integral de Cesário Verde (1955-86)", justifica o ordenamento concedido à produção literária do poeta. Em "Cartas reunidas**"**, está arrolada aquela correspondência que a nosso ver melhor baliza sua vida, enfeixada por destinatário. Por fim, o derradeiro segmento, 'Miscelânea', onde foi arrolada sua correspondência vária, profissional ou não, a destinatários não habituais -- ou com os quais o poeta mantinha um relacionamento limitado e superficial.

.

2. Tábua cronológica

1731

A 15 de agosto, Giovanni Verde, natural de Gênova, e que viria a ser o trisavô paterno de Cesário Verde, casa-se em Lisboa, na freguesia de São Paulo, com Ana Maria de Pré. Por essa época D. João V é o rei de Portugal; a Companhia de Jesus é expulsa de diversos países.

1735

Nasce a 17 de setembro Manuel Batista Verde.

1771

Manuel Batista Verde por esse tempo é proprietário de uma loja de ferragens na rua do Lombaz, na freguesia de Santa Catarina; casa-se a 20 de janeiro com Joaquina Vitória de Meireles. Poucos anos depois, precisamente em 1777, subiria ao poder D. Maria I.

1779

Nasce Antonio José Verde a 22 de maio, quinto filho de Joaquina Vitória e Manuel Batista. Nesse ano é criada a Academia de Ciências de Lisboa. Antônio José contaria 20 anos quando estourasse a Revolução Francesa.

1809

A 7 de janeiro desse ano, Antonio José Verde casa-se na freguesia dos Mártires com Joana Rosa de Cristo, filha de Faustino Maria Guerra e Ana Joaquina de Cristo. O avô de Cesário já está estabelecido na Rua dos Fanqueiros, onde faz prosperar um negócio de ferragens e quinquilharias.
Dois anos antes, em 1807, D. João VI embarca com sua corte para o Brasil; os ingleses invadem Portugal em 1808 e os franceses tornam a fazê-lo em 1809.

1813

A 11 de maio nasce o terceiro filho de Joana Rosa e Antônio José. Seu nome é José Anastácio Verde e será o futuro pai do poeta.

Nos anos que se seguiram muitos fatos marcantes tiveram lugar: em 1817, acontece a conspiração de Gomes Freire de Andrade; em agosto a sublevação do Porto; em setembro, a de Lisboa; a partir de 1820, burguesia e detentores de bens feudais protagonizam um cenário de embate político dir-se-ia mortal; surge o partido cartista, composto de proprietários rurais ligados ao mundo financeiro internacional e o partido setembrista, da pequena burguesia industrial (e que sobe, por um brevíssimo tempo, em 1836, ao poder); em 1822 é promulgada a 1.ª Constituição Liberal e nesse mesmo ano o Brasil proclama sua independência de Portugal; contra o constitucionalismo eclode em 1823 a Vilafrancada e em 1824 a Abrilada; 1826 é o ano da Carta Constitucional e D. Pedro IV está no poder; em 1828 os miguelistas assumem, com o retorno de D. Miguel ao reino; em 1838 ocorre o restabelecimento da Carta; em 1853 D. Pedro V está no trono; as pautas alfandegárias protecionistas são um fato econômico determinante para o desenvolvimento de Portugal; estradas de rodagem e de ferro são abertas pelo país e nas comunicações o telégrafo é a grande novidade; nas Letras, em 1825, assiste-se à publicação do *Camões* de Garrett, considerado marco inicial do Romantismo português; em 1836, Herculano publica *A voz do profeta*, inspirado em Lamennais; em 1845, Charles Baudelaire faz sua estréia oficial, publicando na revista *L'Artiste* seu soneto "À une dame créole".

1852

A 17 de junho José Anastácio casa-se com Maria da Piedade dos Santos, filha de Joaquim David dos Santos e de Catarina Maria da Assunção de Cristo; a cerimônia teve lugar na Igreja dos Mártires, no afamado bairro do Chiado; na Rua da Padaria, 16, do mesmo bairro, o

casal estabeleceu residência; José Anastácio que, seguramente, desde 1848 era sócio dos irmãos na loja da Rua dos Fanqueiros, 198, nesse ano passou a proprietário único da pequena empresa de comércio.
Vive-se, em Portugal, a Regeneração, movimento que principiou um ano antes com o golpe de Estado e no qual participaram socialistas utópicos, setembristas e cartistas moderados. Progresso é a palavra de ordem e o engenheiro Fontes Pereira de Melo, sua encarnação.

1853

Maria Júlia, primogênita do casal Verde nasce a 9 de novembro; D. Pedro V receberá uma Carta Constitucional profundamente modificada pelo ato adicional de 1852 (fruto da unidade entre setembristas e Cartistas contra a ditadura de Costa Cabral); o ato adicional de 1855 irá restringir o Poder Moderador do rei e fortalecer a representatividade da Câmara dos Pares.

1855

José Joaquim Cesário Verde nasce na Rua da Padaria, a 25 de fevereiro, dia de São Cesário.
Nesse ano ocorrem a Exposição Industrial do Porto, e a Exposição Universal de Paris; D. Pedro V é aclamado; nas Letras portuguesas Herculano publica *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal* (em 2 v.), Camilo Branco lança *O livro negro do padre Dinis* e Soares de Passos edita *Poesias*.
Na França, Nerval publica *Aurelie* e Baudelaire consegue que *La Revue des Deux Mondes* estampe 18 poemas inéditos de *Fleurs du Mal*.
Walt Whitman nos Estados Unidos edita *Leaves of grass*.

1856

A 3 de setembro nasce Adelaide Eugênia, irmã de Cesário Verde; o cólera-morbo em Portugal atinge proporções de grande epidemia; a escravatura fica abolida.

Em Portugal Alexandre Herculano dá início à publicação de *Portugaliae Monumenta Historica*; Camilo Castelo Branco lança *Onde está a felicidade?*

A guerra da Criméia termina e Fulhrott descobre o homem de Neanderthal; Hugo edita *Les contemplations*; Gustave Flaubert lança *Madame Bovary* e Tocqueville publica *L'Ancien Régime et la révolution*.

1857

No dia 22 de julho um carregador da alfândega de Lisboa apresenta sintoma que fazem dele a primeira vítima da febre amarela, peste que vem se juntar à epidemia da cólera; alarmada, a família Verde resolve deixar Lisboa e se transferir para Linda-a-Pastora, alguns quilômetros a oeste de Lisboa, um pouco além e abaixo de Carnaxide.

No dia 25 de junho desse ano Baudelaire publica *Les fleurs du mal* e dois meses depois o tribunal correcional obriga o poeta francês a pagar uma multa de 300 francos e a suprimir seis poemas de seu livro, sob a justificativa de que ofendem a moral pública e os bons costumes; no mesmo mês da condenação de seu livro de estréia, Baudelaire assina, em uma pequena revista chamada *Le Présent*, um conjunto de seis poemas a que denominou "Poèmes nocturnes".

Nesse mesmo ano Marx lança *Introdução à crítica da economia política*, Lamartine publica *La vigne et la maison*; morre Musset e nasce o contista Fialho de Almeida.

1858

A 29 de dezembro nasce Joaquim Tomás, irmão do poeta. A família Verde decide regressar a Lisboa, instalando-se na Rua dos Fanqueiros, 9, 3.º andar, nas proximidades da Praça do Comércio e junto ao Tejo.

Nesse ano, D. Pedro V casa-se com D. Estefânia e Camilo Castelo Branco publica mais uma obra: *Carlota Angela*; Wagner compõe *Siegfried*, Proudhon escreve *La justice dans la révolution* e Ibsen publica *Primeiros dramas*.

As leis da hereditariedade de Mendel estão na ordem do dia, bem como a aparição de Lourdes; é inaugurado o transporte marítimo regular entre Portugal e Angola e Pasteur ganha as manchetes após haver conseguido isolar as bactérias.

1859

A família Verde está de luto: morre de cólera, em maio desse ano, Adelaide Eugênia; tem início a construção do canal de Suez; Darwin publica *A origem das espécies*; Livingstone explora a África Central e o petróleo jorra nos Estados Unidos; Gounot compõe *Fausto*, Verdi *Um baile de máscaras* e Wagner cria *Tristão e Isolda*; Renan publica *Ensaios de morale et de critique*; Victor Hugo lança *La Légende des Siècles*.

Em Portugal Fontes Pereira de Melo cria a Direção Geral da Instrução; é também o ano da introdução do sistema métrico e da fundação do Curso Superior de Letras, por D. Pedro V; no ano seguinte é criada a Associação Industrial Portuguesa, Setúbal e Guimarães elevadas a cidade; Rebelo da Silva inicia a publicação da *História de Portugal dos séculos XVII e XVIII*; Júlio Dinis surge no cenário das Letras e Camilo Castelo Branco é preso por adultério com Ana Plácido; 1860 é também

o ano da construção do metrô de Londres, da descoberta do motor à explosão e da construção do dínamo.

Em Portugal, no ano seguinte, a Sociedade do Raio, com sede em Coimbra, consegue, tendo o estudante Antero de Quental papel de destaque, opor-se ao reitor Basílio Pinto; 1861 é também o ano da fundação do Observatório Astronômico de Lisboa; da inauguração da linha ferroviária entre Barreiro e Vendas Novas e entre Pinhal Novo e Setúbal.

Camilo Castelo Branco escreve *Memórias do Cárcere* e D. Pedro V morre, legando a seu irmão D. Luís a coroa.

Nos Estados Unidos tem início a guerra da Secessão e na Itália Victor Manuel, aclamado rei, proclama a Unidade Italiana; na Rússia é abolida a servidão, tornando homens livres algumas dezenas de milhões de camponeses; em Paris tem início a construção do L'Opéra e nessa cidade assiste-se ao Tannhauser de Wagner.

Dickens publica *Great expectations* e Dostoievski *Recordações da casa dos mortos*; Degas pinta *La famille Bellini* e Reiss faz experiências decisivas com o telefone.

1862

A família Verde já se encontra no 1.º andar do n.º 107 da Rua do Salitre, longe da insalubre freguesia da Madalena, nas proximidades do Passeio Público. Dali, podia-se entrever a Praça da Alegria. Nesse local aprazível e menos congestionado que o domicílio da Baixa, nasce o último filho do casal Verde: Jorge.

Nesse ano D. Luís casa-se com D. Maria Pia de Sabóia; em Portugal, as congregações religiosas estão proibidas de funcionar; Bismark é o presidente do Conselho da Prússia e Garibaldi é derrotado pelos estados papais.

Em Coimbra, a Sociedade do Raio rebela-se contra a reitoria da Universidade e Camilo Castelo Branco publica *Amor de Perdição*; Victor Hugo publica *Les misérables,* Flaubert *Salambô*, Dostoievski *Os*

possessos; em 1863 a ligação ferroviária com Évora é concluída, bem como a ligação de Portugal com a Espanha.

Em Braga ocorre uma exposição agrícola e industrial e a indústria têxtil se faz representar em uma exposição no Teatro de D. Maria II, em Lisboa; Antero de Quental lê a Alexandre Herculano suas *Odes modernas*.

Nos Estados Unidos a escravatura está abolida; Maxwell desenvolve a teoria matemática das ondas eletromagnéticas, Lenoir põe em funcionamento um veículo movido a petróleo e Jules Verne publica *Cinco semanas em um balão*; Littré edita o *Dictionnaire de la langue française* e Renan *Histoire des origines du Christianisme*; Taine edita *Histoire de la Littérature*; Manet pinta *Le Déjeuner sur L'herbe*.

No ano seguinte, em 1864, eclode a Rolinada, movimento coimbrense contra o duque de Lulé, então chefe do Governo; em Lisboa, é fundado o jornal *Diário de Notícias* e as estradas de ferro chegam a Gaia, ao norte e no sul alcançam Beja.

Esse ano é também o ano da fundação da Primeira Internacional dos Trabalhadores; na França é assegurado o direito à greve; é fundada a Cruz Vermelha Internacional e Nobel inventa a nitroglicerina. Mallarmé publica *Hérodiade*, Monet pinta em Honfleur, no norte da França, reduto dos impressionistas; Jules Verne realiza sua *Viagem ao Centro da Terra* e Martin inventa o forno para o fabrico do aço.

1865

José Joaquim Cesário Verde está com dez anos de idade; aos domingos, sai com os pais pelo Passeio Público, onde é ouvinte diletante da Charanga da Armada; freqüenta o teatro mecânico, o circo Price; em Linda-a-Pastora o cultivo da terra interessa-o.

Antero publica finalmente suas *Odes modernas* e tem início a Questão Coimbrã; Taine publica *Filosophie de L'Art*; Lewis Carroll edita *Alice no pais das maravilhas*; Tolstoi lança *Guerra e paz*, Verne volta às livrarias com *Da Terra à Lua*; os Goncourt publicam *Germinie Lacerteux*.

Os russos tomam o Turquestão, Kekule descobre a fórmula do benzeno e Parkes a celulóide; Claude Bernard publica *Introdução ao estudo da medicina experimental* e Proudhon *Teoria da propriedade*.

1866

Ignora-se o estabelecimento de ensino em que Cesário cursou as primeiras letras; presume-se, pelo que se sabe de José Anastácio, seu pai, que o poeta não foi matriculado em alguma instituição de ensino religiosa, como a de Campolide ou a de São Luís dos Franceses. Cesário, em carta escrita posteriormente ao amigo Macedo Papança, faz referência a uma sineta tocando às quatro da tarde, anunciando o fim das aulas; e a um pátio de recreio em um local amplo -- o que sugere que o poeta não foi educado em uma daquelas escolas improvisadas em andares, tão comuns em Lisboa, mas em estabelecimento com edifício próprio e vários professores, como ressalta o biógrafo Pinto de Figueiredo.

Nesse ano de 1866 estoura a guerra austro-prussiana; Whitehead inventa o torpedo e Pasteur combate a filoxera e outras doenças da vinha; Baudelaire publica *Les épaves*, Verlaine edita *Poèmes saturniens*, Daudet *Lettres de mon Moulin*; Dostoievski *Crime e Castigo*, Camilo Castelo Branco *A queda de um anjo*, Júlio Dinis *As pupilas do Senhor Reitor* (em folhetim) e Eça publica, na *Gazeta de Portugal, Notas marginais*, vindo a fundar, nesse mesmo ano, o jornal *Distrito de Évora*.

1867

Vez ou outra Cesário Verde freqüenta a loja de ferragens do pai, situada, como sabemos, na Rua dos Fanqueiros, na Baixa; nas Letras Portuguesas, *As pupilas...* são editadas em formato livro, Guilherme de Azevedo publica *Aparições*, e Eça ao lado de Jaime Batalha Reis, Santos Valente e Salomão Saraga formam, na travessa do Guarda-Mor,

no quarto de Batalha Reis, o grupo literário denominado de "O Cenáculo"; nesse ano, Eça continua como colaborador da *Gazeta de Portugal*; sua produção bienal para o periódico seria futuramente enfeixada e reunida nas *Prosas Bárbaras*.

Em Lisboa tem início a construção da Câmara Municipal; entra em vigor o novo Código Civil Português e fica abolida a pena de morte. No Porto, ocorre a revolução conhecida pelo nome de Janeirinha, contra o imposto recém-criado; 1867 é o ano de nascimento de Antônio Nobre, Camilo Pessanha e Raúl Brandão.

O Alaska é comprado pelos Estados Unidos; Garibaldi ataca os Estados Pontifícios, e Lister desenvolve o tratamento antisséptico; Christopher Sholes inventa a máquina de escrever e na França Zola publica *Thérèse Raquin*; Marx edita o primeiro volume de *O Capital*, Brahms apresenta *Un requiem allemand*, Ibsen *Peer Gynt*; morre Baudelaire.

No ano seguinte, em Portugal, 'O Cenáculo" ganha a presença de Antero de Quental; no Porto, começa a circular o jornal *O Primeiro de Janeiro* e em Coimbra, João Penha lança o jornal *A Folha*; sai em folhetim *A morgadinha dos canaviais*, de Júlio Dinis e o mesmo autor publica *Uma família inglesa*; Antero lança *Portugal perante a revolução de Espanha* e Tomás Ribeiro publica *Delfina do mal*; Dostoievski lança *O idiota*, Moussorgski *Boris Goudounov*, Cézanne pinta *Le nègre scipion*, Pissarro *Rue de Pontoise*; nos Estados Unidos os negros alcançam o direito de voto.

1869

O ruído do realejo a tocar na Praça da Alegria chamava a atenção do jovem Cesário Verde; da janela de seu quarto pressentia uma multidão composta de cavalheiros de chapéus altos, militares, burguesinhas e fidalgotes; um ruído de seges e traquitanas chegava aos ouvidos do futuro poeta e nos fins de semana era conduzido pelos pais por um Passeio Público onde os mais diversos e estranhos tipos sociais desfilavam.

Nesse ano, Carlos Fradique Mendes, pseudônimo (e futuro personagem) de Eça de Queirós, publica *Poemas do macadam*; o canal de Suez é finalmente inaugurado; Hittorf descobre os raios catódicos; na Alemanha é fundado o partido Socialista Democrático; Hartmann edita *Filosofia do inconsciente*; Zola publica o 1º. volume de *Les Rougon-Macquart*, Flauber *L'Education Sentimentale*, Verlaine *Les fêtes galantes* e Degas pinta a tela *Tête de jeune femme*; morre Sainte-Beuve e Lamartine.

1870

Gonçalves Crespo publica *Miniaturas*, Ramalho Ortigão e Eça de Queirós *O mistério da estrada de Sintra*, Júlio Dinis *Serões da província*; nesse ano, Ramalho entra para o Cenáculo e Teófilo Braga inicia a publicação da *História da literatura portuguesa*.

Morre Charles Dickens, e Taine publica *L'intelligence;* Herbert Spencer edita *Princípios de psicologia* e Roma torna-se a capital da Itália; Monet pinta *Sur la plage*, em Trouville, França.

1871

Com 16 anos de idade, Cesário é fotografado na Calçada do Duque, em frente ao portão da escola comercial em que estudara após as primeiras letras; por esse tempo, Cesário corresponde-se com João de Sousa Araújo, noivo de sua irmã mais velha, Maria Júlia.

A primavera desse ano Cesário passa em Linda-a-Pastora; José Anastácio decide que o filho ingressará no ano seguinte na loja de ferragens; enquanto isso, realizam-se as conferências do Casino Lisbonense, logo proibidas; Ramalho e Eça iniciam a publicação das *Farpas*, Guilherme de Azevedo publica *Radiações da noite*.

Em Lisboa é criado um núcleo da Internacional e da Aliança da Democracia Socialista; 1871 é o ano da Comuna de Paris e é o ano em que Guilherme I é proclamado imperador do II.º Reich.

Victor Hugo publica *L'année terrible* e encena-se *Aida*, de Verdi; Cézanne pinta *L'homme au chapeau de paillee*, Monet pinta a *Gare St. Lazare* pela primeira vez; nasce Proust e Darwin lança *A descendência do Homem*.

1872

No início de janeiro, Cesário Verde começa a trabalhar na J. A. Verde, Ltda. Júlia, sua irmã, adoece, tomada pela tísica; muito certamente no verão desse ano vem a falecer, uma vez que a 15 de abril, José Anastácio Verde, percebendo que o noivo da filha moribunda preparava um golpe, buscando antecipar as bodas e assim assegurar-se do generoso dote antes que a noiva viesse a morrer, comunica a Sousa Araújo que a filha não se encontra em condições de se casar; e que se tal vier a acontecer, contrariamente à opinião do médico Pereira Coutinho e à sua vontade, não contribuirá com mais do que o estipulado; reforça essa evidência o fato de Cesário Verde, a 12 de outubro daquele ano, haver escrito a Sousa Araújo uma carta, até certo ponto convencional, em que comenta sobre o passamento da irmã.

Nesse ano de 1872, Antero publica *Primaveras românticas*, Oliveira Martins *Teoria do socialismo*; Teófilo Braga *Teoria da história literária portuguesa*; sai a edição póstuma de *Os fidalgos da casa mourisca*, de Júlio Dinis.

Em Lisboa, acontecem os primeiros movimentos grevistas, é fundada a Associação Fraternidade Operária e o jornal O Pensamento Social em que participam Antero, Oliveira Martins e José Fontana; na Inglaterra o escrutínio das células eleitorais se torna secreto; Brayton desenvolve o motor a dois tempos, Westinghouse o freio a ar comprimido, Jules Verne lança *A volta ao mundo em 80 dias*, Nietzsche edita *A origem da tragédia* e Degas pinta *Le foyer de la danse à L'Opera*.

1873

Este é o ano da estréia literária de Cesário Verde; no *Diário de Notícias*, de Lisboa, a 12 de novembro de 1873 são impressos três poemas do poeta: "A forca" (com data de fatura de 2 de abril de 1873); "[Num tripúdio]" (com data de fatura de 2 de abril do mesmo ano) e "[Ó áridas]".

No mesmo ano Cesário publica "Eu e ela " e "Lúbrica", ambos a 3 de dezembro, no *Diário da Tarde*, do Porto; por essa época, muito provavelmente, o jovem poeta vez por outra se aboleta em uma mesa do Martinho, café freqüentado por Gomes Leal, João de Deus, Ramalho, Eça e muitos outros literatos.

No outono Cesário matricula-se no curso superior de Letras, onde trava conhecimento com Silva Pinto e com o brasileiro Luiz Andrade.

Nesse ano, Oliveira Martins publica *Portugal e o socialismo*, Herculano o tomo I dos *Opúsculos*; Bakounine publica *O Estado e a anarquia*, Tolstoi *Anna Karenina*, Rimbaud *Une saison en enfer*, Gomes Leal *A canalha*; Wundt edita *Elementos de psicologia patológica*; é concluída a ligação ferroviária entre Évora e Estremoz; 1873 é também o ano da fundação do Centro Republicano Federal, em Portugal.

1874

Cesário, que a partir de 26 de outubro do ano anterior acompanha as aulas do curso de Letras no antigo convento de Jesus, logo no início de 1874 abandona os estudos, nem bem passados três meses do início das aulas, para dedicar-se à universidade da vida; em sua discreta boemia trava conhecimento com Bittencourt Rodrigues, Fernando Leal (autor e tradutor de Hugo, Musset e eventualmente de Baudelaire), João Bonança (fundador do jornal republicano *O Trabalho*), os irmãos Barros Seixas, o médico Leão de Oliveira, entre outros; Cesário afirma-se, junto ao grupo, como republicano; publica "Ele", em folha solta (provavelmente impresso na tipografia do primo e também poeta Júlio

Hermenegildo Verde), uma sátira contra o *Diário Ilustrado* cuja editoria, a 17 de janeiro, registra a recepção do "insulto" do poeta; o referido poema, vazado em termos que não deixavam margem a dúvidas, e ironicamente dedicado àquele periódico, não poupava a parcela da imprensa comprometida com a intriga e a manobra, da qual fazia aquele jornal representante. Cesário publicou ainda, enfeixados sob o título de "Ecos do Realismo", entre os dias 20 e 23 de janeiro, no *Diário da Tarde* (Porto), os poemas "Impossível", "Lágrimas", "Pró pudor" e "Manias".

Uma hipótese levantada por Pedro da Silveira, cesarista, sugere que o poeta, por essa época, publicara um poema hoje perdido, de nome "Voto negro".[10]

São também de 1874 os poemas "Heroísmos" (publicado no *Diário da Tarde*, do Porto, a 7 de fevereiro), "Cantos de Tristeza" (depois publicado com o título de "Setentrional"), impresso no mesmo jornal a 14 de fevereiro e "Cinismos", também estampado nesse periódico, a 12 de março. Sob o título de "Fantasias do impossível", Cesário Verde publicou a 22 de março no *Diário de Notícias* os poemas "Caprichos", (título alterado posteriormente para "Responso"), "Esplêndida" e "Arrojos"; "Vaidosa" (publicado pela *A Harpa*, Porto, no n.14, l.a série), "Flores venenosas, I -- Cabelos" (título alterado posteriormente para "Meridional" (mantido o subtítulo 'Cabelos'), escrito em abril e também impresso no Porto, pela *A Tribuna*, a 18 de outubro, em seu n.o 42, 2.a série); "Melodias vulgares" (título alterado posteriormente para "Flores velhas" (impresso no *Jornal da Tarde*, Porto, a 4 de dezembro) e "Cadências tristes" (publicado com o pseudônimo de Margarida n'*A Tribuna*, também do Porto, a 27 de dezembro, no n.o 52, 2.a série), escrito em Lisboa, no outono, encerram o rol de poemas que vieram a lume nesse ano.O poema póstumo "Humilhações", contrariamente à voz corrente, parece-nos fatura da mesma época de

[10]Joel Serrão sustenta que além de "Voto negro", outro poema, "Subindo", veio a lume em periódico da época. O rastreamento desses versos não foi frutífero até agora. Cf. SERRÃO, Joel -- Apelo a propósito de Cesário Verde. *Diário de Notícias*. Lisboa, 23/mar/1986, Supl. Cultural: 2.

"Esplêndida", poema que, aliás, recebeu quando de sua publicação severas *farpas* de Ramalho Ortigão.

Nesse ano de 1874, Guerra Junqueiro publica *A morte de D. João*, Guilherme Azevedo lança *A alma nova*, Camilo Castelo Branco edita *O regicida* e Eça *Singularidades de uma rapariga loira*; no mundo da ciência, o bacilo da lepra é isolado por Hansen, Cantor desenvolve a teoria dos conjuntos, Brentano escreve *A psicologia de um ponto de vista empírico* e Boutroux lança *Sobre a contingência das leis da natureza*. Nas letras francesas, Flaubert publica *La tentation de Saint Antoine*, Verlaine *Romances sans paroles*, Barbier D'Aurevilly edita *Les diaboliques*. Thomas Hardy lança *Far from the mudding crowd* e Monet pinta *Impression, soleil levant*.

1875

Cesário convive com Gomes Leal, Coelho de Carvalho (então estudante de Direito em Coimbra), Cristóvão Aires, Henrique das Neves, José Manuel Fernandes (diretor da inédita revista Mundo Novo). O ano de 1875 não testemunha o lançamento do primeiro volume de poesias de Cesário Verde, e que fora anunciado no jornal *República*, nos últimos dias do ano anterior. O poeta trabalha agora mais lentamente; publica nesse ano apenas "Deslumbramentos" (no *Mosaico*, em Coimbra, em fevereiro, no n.6); "Humorismos do amor" (*A Tribuna*, do Porto, a 11 de abril, no n. 67, 2. série), e que teve seu título alterado posteriormente para "Frígida", "Ironias do desgosto"(*A Tribuna*, do Porto, de 26 de setembro, no n. 91, 2.ª série), escrito no ano anterior e "Desastre"(no *O Porto*, do Porto, a 30 de outubro).

Cesário Verde escreve "A débil", impresso em 1876. Por esse tempo convive nos centros republicanos com Leão de Oliveira, João Bonança, Carrilho Videira e o próprio Ramalho, com quem mantém agora excelente relacionamento. O ano de 1875 marca o inicio da amizade entre Cesário Verde e Antônio Macedo Papança (que conhecera entre fins de dezembro de 1874 e início de janeiro desse ano), amizade

testemunhada por inúmeras cartas trocadas entre eles ao longo dos anos.

1875 marca, ainda, a data da fundação do Partido Operário Socialista. Nesse ano, Eiffel inicia a construção da ponte de ferro sobre o Douro e se funda a Sociedade de Geografia de Lisboa. Oliveira Martins lança a *Revista Ocidental*, Camilo Castelo Branco edita *As novelas do Minho*, Gomes Leal publica *Claridades do sul* e Azevedo Gneco redige o jornal *O Protesto*. Taine escreve *Origens da França contemporânea* e Marx a *Crítica do programa de Gotha*; cujo congresso teve lugar nesse ano.

Na Inglaterra promulga-se nova legislação sobre as relações patrão e empregado; Cèzanne pinta *Le buffet* e Lombroso lança *O homem criminoso*.

1876

Cesário, que até o inverno do ano anterior era uma espécie de funcionário interno da firma do pai, em 1876 passa também a realizar as compras do estabelecimento, cujo estoque agora se diversifica enormemente, passando a oferecer à clientela desde bombas para poços a artigos de mercearia, como extratos de tomates e outros gêneros. Em companhia de Junqueiro, Gomes Leal, João de Deus, Bettencourt Rodrigues, João e Augusto Rosa, Fernando Leal, Coelho de Carvalho, Luís Andrade e outros, Cesário freqüenta a travessa da Assunção, 52, onde agora residia (e recebia nababescamente) Macedo Papança. Nesse ano de intensa atividade social e comercial, Cesário publica dois poemas: "Nevroses"(*O Porto*, Porto, 18 de março de 1876) -- e que posteriormente teve seu título modificado para "Contrariedades"--, e "A débil" (*A Evolução*, Coimbra, novembro, n. 1).

Em Portugal, com o consentimento do rei D. Luís, funda-se o Partido Republicano, em que pontificam Oliveira Marreca, Latino Coelho, Elias Garcia e Jacinto Nunes; nas letras portuguesas Eça de Queirós publica _*O crime do padre Amaro* e Teixeira de Queirós publica

Primeiros contos; o estado de saúde de Antero se agrava. Mallarmé publica *L'après midi d'un faune*, Mark Twain lança *As aventuras de Tom Sawyer* e Renoir pinta *Le moulin de la Galette*; Gerges Sand e Bakounine morrem. Spencer prepara *Princípios de Sociologia* e termina a Primeira Internacional. A rainha Vitória é proclamada imperatriz da Índia e Bell desenvolve o telefone elétrico. Otto inventa o motor a quatro tempos e Caylay descobre as funções elípticas.

1877

Em janeiro desse ano Cesário encontra-se em Linda-a-Pastora, a trabalho. A iminência de obras nas proximidades da Rua do Salitre (projeta-se uma avenida que irá tomar o lugar do Passeio Público) acaba por convencer a família Verde a se mudar para a Rua das Trinas do Mocambo, 50. Ademais, o novo endereço estava mais próximo de Linda-a-Pandora. No verão, Cesário Verde escreve o poema "Num bairro moderno". Escreve ainda "Manhãs brumosas -- versos de um inglês" e "Merina" , depois intitulado "Noites gélidas -- Merina".
Morre Alexandre Herculano. Oliveira Martins escreve *O Helenismo e a civilização cristã*; Zola edita *L'assommoir*, Hugo *La légende des siècles*, Tourgouniev *Terras virgens*, Henri James *O americano* e Rodin esculpe *L'âge d'airain*. Tchaikovski executa *O lago dos cisnes*. Charles Cross e Edison inventam simultaneamente o fonógrafo e Hughes desenvolve o microfone. Morre o pintor Coubet. Eiffel conclui a ponte D. Maria, no Porto, cidade agora servida também pela estrada de ferro e ligada a Lisboa.

1878

No inverno desse ano, Silva Pinto parte para o Rio de Janeiro, onde permanece por curtos dois meses. No regresso instala-se no Porto, contrariando o poeta. A amizade entre Cesário Verde e Silva Pinto encontra-se estremecida por essa época e, a julgar pela correspondência de Cesário, este sente-se só. Não bastasse isso, um misterioso Juvenal

Pigmeu, que se revelou depois ser Angelina Vidal, redatora de *A Tribuna do Povo* (jornal dirigido por Carrilho Videira e apoiado por republicanos), dirige insultos ao poeta, que imaginando tratar-se de uma provocação do diretor do periódico, envia Fernando Leal e Bettencourt Rodrigues em seu encalço, para exigir explicações. Com receio de ter de se haver com Cesário em um duelo, Carrilho Videira empenha-se em que a verdadeira autora da afronta se identifique. Esta escreve a Videira uma carta em tom de chacota e Cesário é forçado a descartar a heróica hipótese do duelo, engolindo a seco, visto que se tratava de uma mulher. Nesse ano, Cesário publica "Num bairro moderno" (Lisboa, 'Brinde aos assassinos do Diário de Notícias', *Diário de Notícias*; separata), "Merina" (Lisboa, *Ocidente*, a 1. de maio), título modificado posteriormente para "Noites gélidas -- Merina" e "Sardenta" (*Renascença*, Porto).

José Anastácio, pai de Cesário, que a partir de 74 vinha ampliando consideravelmente a extensão de sua quinta, vai completar em maio 65 anos. Decide que Cesário doravante irá cuidar da propriedade rural em Linda-a-Pastora. Para tanto, o poeta ali se instala, assumindo com pulso os negócios; em agosto, começa a exportar frutas, apesar de seu estado de saúde desde o ano anterior haver dado já seus primeiros sinais de enfraquecimento (de fato, em carta datada de julho do ano anterior e endereçada ao amigo Macedo Papança, Cesário queixa-se de "umas escrófulas no pescoço" e que se alastram; em outra carta do mesmo ano, o poeta informa ao amigo que se sente "um pouco adoentado, com suposições de doenças, de futuros quebrados, confusamente baço, sem lucidez de cérebro nem de ponto de vista"). Apesar de tudo, escreve "Cristalizações" no inverno desse ano (ainda em Lisboa) e "Em petiz" (já em Linda-a-Pastora).

Nesse ano de 1878, o primeiro deputado republicano é eleito pelo Porto; Guerra Junqueiro também se elege. O observatório astronômico da Ajuda começa a funcionar; em Lisboa têm lugar as primeiras experiências com a iluminação elétrica; as principais cidades de Portugal, como Porto, Viana do Castelo, Viseu, Coimbra, Portalegre, Évora, Faro, Funchal, além naturalmente, da capital, dispõem agora de

telégrafo. Eça de Queirós publica *O primo Basílio*, Fialho o conto "A ruiva" e Silva Pinto, o mais chegado amigo de Cesário Verde, edita *Controvérsias e estudos literários*; Junqueiro publica *A velhice do Padre Eterno*. Teófilo Braga e Júlio de Matos publicam a revista *Positivismo.*

Nietzsche edita *Humano, demasiado humano* e Engels *Anti-During*; Dvorak executa *Rapsódias eslavas* e *Danças eslavas*.

A barca Imógene aporta em Lisboa, trazendo uma ameaçadora carga: a febre-amarela.

1879

Cesário publica "Cristalizações" (Porto, Revista de Coimbra, maio, n. 1), "Noitada" (*Novidades*, Lisboa, 24 de agosto), sob o pseudônimo de Claúdio, e que posteriormente teve seu título modificado para "Noite fechada". Publica ainda "Num álbum" (*Cancioneiro Português*, Porto, setembro, lo. fasc.), "Em petiz" (*Diário de Notícias*, Lisboa, a 22 de setembro) e "Manhãs brumosas -- versos de um inglês" (*Renascença*, Porto), e que teve também seu título modificado posteriormente com a supressão do subtítulo, passando a se chamar simplesmente "Manhãs brumosas". Seguindo o exemplo de *A Tribuna do Povo*, o *Diário Ilustrado* ataca o poema "Em petiz", que fora impresso há pouco (no *Diário de Notícias*): em seus números de 30 de setembro e de 4 de outubro, em comentários respectivamente intitulados "Pérolas realistas" e "Execução patibular", o jornal utiliza termos violentos e ultrajantes contra o poeta; nessas condições, "Em petiz" reaparece como uma espécie de prova criminal para reforçar os argumentos da promotoria. O tiro, decerto, sai pela culatra. Não obstante, Cesário, revoltado, em carta impressa a 5 de outubro no *Novidades* -- e que reproduzimos na seção 'Miscelânea'-- comunica à praça que propôs um "desforro", desta feita a Pedro Correia (diretor do referido jornal): o empresário declinou da proposta -- e o pugilato não se deu.

A 16 de julho, Cesário escreve a Bettencourt Rodrigues, na ocasião estudante de medicina em Paris, confessando-lhe o desejo de se ausentar do país, "foco de mandriice e de asneiras"; chega a solicitar empenho do amigo no intuito de selecionar anúncios de emprego na França.

No ano de 1879, em Portugal, acontece o congresso socialista português; nascem os jornais *A Voz do Operário* e *O Operário*. Bolívia e Chile estão em guerra; na França, Jules Guesde funda o Partido Socialista Francês, Oliveira Martins publica como partes integrantes de sua 'Biblioteca de ciências sociais' as obras História da civilização ibérica e História de Portugal; Teófilo Braga edita *Soluções positivas da política portuguesa*; Junqueiro *A musa em férias*.

Ibsen escreve a peça *Casa de boneca*, Dostoievski edita *Os irmãos Karamazov*; Spencer divulga *Princípios de moral evolutiva*; Edison e Swan inventam a lâmpada elétrica; Pasteur descobre o princípio da vacinação e o estreptococo.

1880

Comemora-se em Portugal o tricentenário de Camões; Lisboa agita-se, o comércio local investe nos festejos: medalhas são cunhadas para a efeméride; cortejos cívicos estão programados. Bolachas e fósforos ganham o nome do vate e prospera o negócio de aluguel de janelas para assistir ao programa. Cesário Verde homenageia o épico em um poema dedicado a Guerra Junqueiro: "O sentimento dum ocidental" (*Portugal a Camões*, Porto, 10 de junho, publ. do *Jornal de Viagens*).

O primeiro semestre de 1880 Cesário desfruta-o em Linda-a-Pastora. Em julho, acompanhado de um irmão, peregrina pelo concelho de Loures, em busca de novos fornecedores de maçã de espelho; com esse intento, visita Fetais, na freguesia de Camarate e depois Arruda dos Vinhos. Permanece em Lisboa o resto do ano, despachando frutas para Hamburgo, Liverpool e Maranhão.

Na capital, funda-se o Ateneu Comercial de Lisboa e chega a seu término a linha férrea de Cáceres. Oliveira Martins publica *Elementos*

de antropologia; Camilo Castelo Branco, que no ano anterior publicara *Eusébio Macário*, volta às livrarias com *A corja*; Eça publica a novela *O mandarim* e Manuel Maria Bordalo Pinheiro vem a falecer. Na França os jesuítas são expulsos e o ensino primário torna-se ali obrigatório; Lawson e Stanley constróem a bicicleta e Poincaré descobre as funções fuchsianas. Maupassant publica seus *Contes*, Nietzsche edita *O viajante e a sua sombra* e Rodin esculpe *Le penseur*, enquanto Renoir pinta *De la loge*.

1881

Cesário participa das reuniões do grupo do Leão, como eram então chamados os pintores e literatos que se agregavam nas mesas da cervejaria de Antônio Monteiro. Eram eles: Abel Botelho, Alberto de Oliveira, Mariano Pina, Fialho de Almeida, Silva Porto (professor de pintura, de formação francesa), Ramalho, João Vaz, Cipriano Martins, Henrique Pinto, Rodrigues Vieira, Columbano Malha e Rafael Bordalo, entre outros. Dois poemas, somente publicados após a morte de Cesário Verde, provavelmente são dessa época, igualmente, o entrevero entre o poeta e Oliveira 'qualquer coisa', acompanhante de Tomásia Veloso, atriz que chegou a interessar Cesário. Como resultado da briga, Cesário passou alguns dias acamado em uma casa da rua do Bomjardim, defronte o Teatro da Trindade, local em que também se hospeda Luís Botelho, afamado jornalista, além do próprio Silva Pinto.

Após o incidente, Cesário retrai-se mais, vindo a ampliar sobremaneira seus negócios: passa a exportar cebolas para o Rio de Janeiro, comercializa laranjas e tomates, intensifica mesmo o comércio com a província, abastecendo-a de oleados e ferramentas de tanoaria. Nesse período, não obstante, Cesário delineia o projeto de um jornal, *O Mercantil*, e que teria a colaboração de Teófilo Braga e João de Deus, mas que não foi para diante.

Em Portugal, procede-se ao Inquérito Industrial; o jornal *O Século* é fundado. Fialho publica *Contos*, Oliveira Martins edita *As Raças humanas e a civilização primitiva*, *O Brasil e as colônias portuguesas* e

Portugal contemporâneo; Gomes leal, que estivera preso em virtude da publicação de *Traição*, é posto em liberdade; José Augusto Vieira publica *A divorciada*, Silva Pinto *O realismo em arte*, Joaquim de Araújo *Lira íntima*.

Em Londres, acontece o congresso anarquista e na França sai uma legislação sobre a liberdade de imprensa; Pasteur testa a vacina contra o carbúnculo. Eberth descobre o bacilo do tifo e nas ruas de Berlim circula um coletivo movido a eletricidade. Machado de Assis publica *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Flaubert *Bouvard et Pécuchet*, Henry James *Retrato de uma senhora*, Offenbach *Os contos de Hoffmann*. Renoir pinta *Le déjeuner des canotiers* e Dostoievski e Moussorgski morrem; Verlaine publica *Sagesse*.

1882

Joaquim Tomás, irmão de Cesário adoece seriamente, vindo a falecer ao que tudo indica de tuberculose. O poeta canaliza suas energias para o trabalho: traça planos para exportar vinho para Bordeaux; viaja para Cartaxo e depois para Paiol, na freguesia de Aldeia Galega da Marceana, concelho de Alenquer, com o objetivo de manter contatos com fornecedores potenciais e colher amostras do vinho dessas regiões.

Em Portugal a malha ferroviária alcança Beira Alta, o Minho e Valença. Em Lisboa edifica-se a estação do Rossio, obra do arquiteto José Luís Monteiro; Gonçalves Crespo publica *Noturnos*, Antônio Feijó *Transfigurações*, Oliveira Martins lança mais um volume de sua 'Biblioteca das ciências sociais': *Sistema dos mitos religiosos*; Camilo, como de hábito, lança mais um título: *A brasileira de Prazins*, Conde de Sabugosa *Poemetos*, Silva Pinto *Combates e críticas*.

Nesse ano, a Inglaterra ocupa o Egito, os judeus são expulsos da Rússia e em Nova Iorque inaugura-se a iluminação elétrica pública. O bacilo da tuberculose é isolado por Koch; Strasburguer e Fleming descobrem os cromossomas. Stevenson edita *A ilha do tesouro*, Nietzsche *O alegre saber*, Cézanne pinta seu *Autoportrait*. Wagner compõe *Persifal*.

1883

Entre a segunda e a terceira semana de fevereiro desse ano, Cesário Verde parte para a França, no intuito de realizar seu projeto de exportação. Vai diretamente para Paris, onde encontra Mariano Pina e Bettencourt Rodrigues, além de Antônio Ramalho (ex-integrante do grupo do Leão de Ouro). Após uma curta estada na capital francesa, parte para Bordeaux, ali se entrevistando com comerciantes locais, dentre eles Charles Delapièrre. O acordo de comércio que Cesário almejava realizar não chega a bom termo, uma vez que o preço do vinho português afasta o comprador. A 24 de maio do mesmo ano chega ao porto de Lisboa. A despeito de tudo, prossegue nas tratativas, buscando convencer o comerciante francês. Ainda em Lisboa, testemunha o regresso do cólera. A quarentena dos portos obriga Cesário Verde a abandonar de vez seu projeto.

Oliveira Martins edita *O regime das riquezas*, Teófilo Braga *Contos tradicionais do povo português*, Teixeira de Queirós *Salústio Nogueira*, Ramalho Ortigão *A Holanda -- notas de viagem*. Na Rússia, Plekhanov funda o Partido Social Democrata Russo e os franceses intervêm em Madagascar.

Em Londres, funda-se a Fabians Society; Delamare e Debouteville inventam o automóvel com motor a explosão; Klebs descobre o bacilo da difteria. Nietzsche publica *Assim falava Zaratustra*. Morrem Wagner e Turgueniev.

1884

Cesário Verde publica "Nós" (*Ilustração*, Paris, a 5 de setembro); progressivamente abandona os meios literários, dedicando seu tempo integralmente aos negócios da quinta e da loja; cartas endereçadas a Londres, Paris, Nancy, Rouen, Boston, Manchester, Liverpool, -- Halifax e a diversas localidades da província -- atestam o empenho comercial de Cesário.

Nos meses de agosto e setembro retrai-se em Linda-a-Pastora, já profundamente debilitado.

Em outubro volta para Lisboa.

Na Póvoa de Santa Iria funda-se a primeira fábrica de adubos químicos; a Inglaterra reconhece os direitos de Portugal ao norte de Ambriz e obtém permissão de navegação e de comércio no Zaire e no Zambeze.

Nesse ano, Gomes Leal publica *O anticristo*, Teófilo Braga *Sistema de Sociologia*, Antônio Feijó *Líricas e bucólicas*, Oliveira Martins *Tábuas de cronologia*. Em Lisboa publica-se *A Ilustração Portuguesa* (semanário literário e artístico) e circula no Porto o primeiro jornal anarquista: *Revolução Social*. Nicolaier descobre o bacilo do tétano, Waterman inventa a caneta e na Irlanda trafega o primeiro trem elétrico. Margenthaler inventa o linotipo e a seda artificial começa a ser fabricada. Leconte de Lisle publica *Poèmes tragiques*, Daudet *Sapho*, Ibsen *O pato bravo*, Engels *A origem da família, da prosperidade e do Estado*. Em Barcelona, Gaudí cria *La sagrada família* e Degas pinta *Les repasseuses.*

1885

Apesar de seu estado de saúde, Cesário continua nos negócios, correspondendo-se com Londres, Barcelona, Liège e Paris. Em fevereiro desse ano encontra-se em Linda-a-Pastora, onde enceta o inconcluso "Provincianas" (descoberto mais tarde no espólio do poeta). Em março regressa a Lisboa, onde subscreve a mensagem dos intelectuais portugueses por ocasião da morte de Victor Hugo. Em 1885 morre D. Fernando de Saxe; no Porto circulam os primeiros bondes elétricos; Abel Botelho publica *Lira insubmissa*, Oliveira Martins *História da República Romana*, Guerra Junqueiro *A velhice do Padre Eterno*.

Nesse ano o Congo alcança sua independência; em Berlim acontece uma convenção sobre a escravatura. Pasteur testa a vacina anti-rábica, enquanto Jaime Ferran y Clua descobre a vacina contra o cólera. Verlaine edita *Jadis et naguère*, Zola *Germinal*, Maupassant *Bel-Ami*,

Kropótkine *Palavras de um revoltado*; Van Gogh pinta *Os comedores de batatas*.

1886

No período do carnaval, Cesário reencontra Silva Pinto; ocorre um novo desentendimento entre ambos. Dias depois, o intempestivo amigo do poeta encontra Alberto de Oliveira, que transmite a Silva Pinto notícias nada alvissareiras a respeito do estado de saúde de Cesário, ao mesmo tempo que lhe comunica a vontade do moribundo de querer vê-lo. Silva Pinto encontra o amigo prostrado em seu quarto da rua das Trinas. À saída, cai em prantos, com a certeza de que o estado de Cesário Verde era gravíssimo.

Na primavera desse ano, o poeta instala-se em Caneças, no Lugar d'Além, de propriedade de um conhecido de José Anastácio Verde. Macedo Papança, agora conde de Monsaraz; Silva Pinto, os pais e o irmão Jorge visitam amiúde o poeta.

A 16 de junho Cesário Verde, sem ânimo, escrevendo a Antonio de Macedo Papança, interroga-se: "curo-me? Sim, talvez. Mas como fico eu? Um cangalho, um canastrão, um grande cesto roto, entra-me a chuva, entra-me o vento no corpo escangalhado".

Em poucos dias transfere-se para uma casa do Largo da Ermida, no Paço do Lumiar, que pertencia a Manuel Cabaço, viticultor e antigo sócio no projeto dos vinhos.

No dia 19 de julho, Jorge, seu irmão, encontra-se à cabeceira do leito e pergunta a Cesário: "queres alguma coisa?" "Não quero nada. Deixa-me dormir", responde Cesário, e estas foram suas últimas palavras. No dia seguinte, às cinco da tarde, o poeta foi enterrado. *O livro de Cesário Verde*, sob responsabilidade de Silva Pinto, seria editado no ano seguinte, numa edição de apenas 200 exemplares, que não chegaram a ser postos à venda.

Em 1886, o teatro S. Carlos passa a receber iluminação elétrica própria; é inaugurada a ponte de D. Luís, na cidade do Porto; *Os*

sonetos completos de Antero de Quental são publicados; Sampaio Bruno edita *A geração nova* e Antônio Feijó *À janela do ocidente*. O grupo Vida Nova realiza o primeiro encontro no hotel Bragança, no bairro do Chiado, e a morte de Cesário passa quase inteiramente desapercebida nos meios literários e jornalísticos. Rimbaud, na França, publica *Les iluminations* e J. Moréas imprime no suplemento do *Le Figaro* seu manifesto simbolista.

3. Critérios editoriais adotados

A obra poética de Cesário Verde recebeu diversos de seus compiladores e mereceu inúmeras edições.

A primeira edição de seus poemas deu-se, como já sabemos, após a morte do poeta e foi de responsabilidade de Silva Pinto. Nessa edição, que ganhou o título de *O livro de Cesário Verde*, diversos poemas, com ou sem o consentimento do autor, foram relegados. Edições posteriores arrolaram o espólio poético disponível, embora, igualmente, vários organizadores não fizeram mais do que reproduzir a edição de Silva Pinto.

As edições da obra poética de Cesário Verde que se seguiram, nem todas elas que arrolaram a produção completa do poeta o fizeram de acordo com um mesmo plano de trabalho: em algumas dessas edições os poemas excluídos *d'O livro de Cesário Verde* comparecem à parte, como apêndice a*O livro...*; em outras edições, tais poemas são mesclados àqueles que fizeram parte da primeira edição.

Ao lado de tudo isso, infelizmente, desacertos quanto a simples contagem dos poemas deixados por Cesário. É que o poeta em algumas oportunidades agrupou poemas debaixo de um título geral, antológico. É o caso dos poemas "Impossível", "Lágrimas", "Proh pudor" e "Manias", reunidos sob o título de 'Ecos do Realismo'. Ocorre que, até recentemente, constatamos que antologias poéticas de Cesário Verde desconsideravam a gritante evidência de que cada um desses trabalhos é uma unidade autônoma, de sentido também autônomo, completa, lógica e morfologicamente falando --, apresentando tais trabalhos com *status* diverso dos demais poemas e tomando os títulos antológicos como se poemas fossem.

Ora, tal critério é asneira grave e imperdoável, porque ao apresentar essas unidades poéticas indepentes como se partes fossem, e não como

um todo portador de sentido, o organizador altera a hierarquia dos conteúdos expressos em cada um desses poemas, corrompe a estrutura da obra, presta em suma um desserviço. Seguindo o mesmo raciocínio, é imprópria, embora tenha ocorrido ao longo da pouco feliz história póstuma dos escritos cesarinos, a inclusão de mais de uma versão de um mesmo poema como se uma e outra fossem unidades autônomas, quando de fato apenas identificam um flagrante do processo de trabalho do escritor.

Ademais, o compilador de uma obra literária, desnecessário, mais uma vez, dizer, por maçante e fora de lugar, pode e deve assumir e defender com objetividade e competência intelectual e editorial aquela versão de um trabalho literário que considera ser a que o poeta adotaria, se escolher pudesse; ou, ainda, aquela que de acordo com critérios que levem em conta o grau de representatividade, complexidade e de realização do trabalho, mais condizentes sejam com o legado poético do autor. Pode e deve, justiça seja feita, o compilador divulgar as fontes de que se serviu, e nas quais encontrou estampadas as diversas versões desse ou daquele trabalho, mas deve apresentá-las com meridiana clareza, para assim fornecer real contributo às gerações futuras que porventura se interessem pela obra desse autor.

Deixemos tais questões de lado; não cabe estendermo-nos demais sobre isso, uma vez que não tencionamos aqui discutir a fortuna editorial do poeta português, assunto, contudo, que não é despiciendo. Que fique entretanto consignado que quaisquer que sejam os argumentos, as razões e os motivos alegados pelos antologistas e editores de Cesário, com a finalidade de justificar os incontáveis e lamentáveis feitos editoriais, estes não poderão ser justificados à luz do senso comum, e muito menos da razão e da ciência.

Tudo isso posto, acalmada a *jus beligerandi*, voltemos ao assunto desta seção, que é a de elucidar o leitor quanto aos critérios editoriais empregados.

A presente edição, com a qual o leitor já teve algum contato nas páginas precedentes, e que logo a seguir apresentará a produção literária de Cesário Verde, foi planificada segundo o critério de

ordenamento cronológico de publicação (para os poemas impressos antes da morte do poeta) e de ordenamento conforme semelhança formal e temática com os poemas impressos em vida do autor (para aqueles que ficaram inéditos até o passamento de Cesário Verde).

Tal procedimento explica-se por diversas razões: primeiramente, porque poucos poemas de Cesário trazem a data de fatura (completa ou não), como podemos facilmente verificar ao repassarmos a "Tábua cronológica". Em segundo lugar, essas raras datas de fatura, encontradas no espólio do poeta -- nem mesmo estas, a rigor, podem nos assegurar de que o poeta posteriormente se absteve de realizar uma e outra modificação (e pelas diversas versões compulsadas de seus poemas, sabemos que o poeta era um exigente artesão e severo revisor de seus versos). No final das contas, o que temos, com certeza, em raros poemas, repita-se, é a data de *uma* versão que pode ser a única, a primeira, a segunda, a terceira..., ou a última.

Desnecessário dizer que o impasse em que se vê compelido o leitor crítico de Cesário Verde em nada difere do impasse propiciado por muitos outros grandes poetas e escritores. Daí, a freqüência com que deparamos edições equivocadas, no mais das vezes alicerçadas em premissas errôneas, em suposições vãs.

A data de remessa de um poema para a publicação em um periódico, por exemplo, seria, talvez, nas mãos do leitor profissional, uma informação de interesse, uma vez que o envio de um poema à impressão é um sinal tácito, inequívoco, de que o autor, ao menos naquele momento, considera concluído seu trabalho de criação no que diz, bem entendido, respeito àquele poema específico.

Contudo, ficamos, de fato, mais ou menos na mesma: a data de remessa não deixa de ser semelhante à data de uma determinada versão daquele poema, muito embora essa informação viesse a acrescentar alguma coisa ao exame dos registros diacrônicos das transformações sofridas por um poema. Se o exame do espólio de um autor sugere uma personalidade sistemática, a confiabilidade nos registros autorais será necessariamente maior.

No entanto, o próprio Cesário é uma exceção a essa suposta regra: sua biografia sugere uma mente compulsivamente organizada; seus poemas refletem uma lira cuidadosamente refletida e pensada, sobretudo após os primeiros anos de carreira. No entanto, o que temos no que tange a registros de datas de fatura? Alguns poucos e imprecisos. Resta-nos a irrefutável evidência temporal de sua presença nos periódicos da época.

Em terceiro lugar, levando em consideração que o período de tempo decorrido entre a fatura de um poema qualquer e sua publicação parece não ser muito significativo (podemos mesmo admitir que a imensa maioria dos poemas cesarinos não aguardaram mais do que 12 meses para serem estampados em periódico); levando, pois, em consideração, esses três fatores acima mencionados, o *critério editorial de ordenamento cronológico de publicação* (para os poemas publicados em vida por Cesário Verde) parece-nos o mais isento e realista.

Resta-nos indagar sobre a adoção do segundo critério mencionado, com respeito aos poemas póstumos. Por que estamos adotando o critério editorial de ordenamento poético conforme semelhança formal e temática com os editados antes da morte do poeta? Porque deixá-los à parte prejudicaria a possibilidade de apreensão da obra como um conjunto; porque editá-los como anexos desvirtuaria a verdade de sua concepção; porque tais poemas póstumos articulam-se claramente, em diversos pontos, com a produção do autor; e porque seu exame em separado afasta-os artificialmente do restante da obra de Cesário Verde.

Coube-nos, então, considerar os pontos em que tais poemas contatam com o resto da obra cesarina, para situá-los e inseri-los devidamente, conforme o legítimo ordenamento a que fazem jus, no plano da obra poética de Cesário Verde. E foi isso o que fizemos: consideramos a realidade formal e temática desses três poemas, “Humilhações”, “De tarde” e “De verão”-- e nos convencemos de que o primeiro inegavelmente postula um lugar próximo a “Esplêndida”, sendo, pois, inserido logo após o tríptico originalmente intitulado ‘Fantasias do impossível’, do qual este último poema faz parte.

"De tarde"e "De verão"sugerem-nos haver sido concebidos antes de "Nós", como um lanço preparatório -- e isto, quer em virtude dos aspectos formais e temáticos, quer, ainda, devido ao procedimento lógico adotado pelo sujeito de enunciação lírico, em que a "ação da memória" parece executar um desarquivamento recente. Ademais, como ficou patente na "Tábua cronológica", defendemos a hipótese (lastreada na biografia do poeta) de que esses dois poemas datam de 1881 (e nisto estamos de acordo com o biográfo João Pinto de Figueredo).

Resta por fim observar, quanto ao trabalho inacabado 'Provincianas', que, ao contrário das demais antologias que o incluíam com o mesmo destaque concedido aos poemas (objetos conclusos), nós, em respeito à coerência lógica -- e admitindo como todos os demais leitores críticos e compiladores da obra do poeta admitem (ou por omissão concordam, expressando esse acordo pelo traço pontilhado logo abaixo do último verso escrito) que 'Provincianas' não é um fato consumado, mas um trabalho em progresso, apresentamos os versos desse projeto inacabado após o poema "Nós", mas em corpo menor e marginalmente à obra poética -- e o fazemos a título de interessar aos que pretendem persistir na biografia de Cesário Verde. Para estes, o documento 'Provincianas' pode vir a ser objeto biográfico de valia.

No entanto, no que diz respeito ao estudo de Cesário Verde (de sua produção poética, bem entendido), devemos imediatamente concordar ser contra-senso chamar de poema um qualquer texto que o próprio autor não autorizou a ser.

4. Obra poética integral de Cesário Verde (1855-86)

A forca

Já que adorar-me dizes que não podes,
Imperatriz serena, alva e discreta,
Ai, como no teu colo há muita seta
E o teu peito é peito dum Herodes,

Eu antes que encaneçam meus bigodes
Ao meu mister de amar-te hei de pôr meta,
O coração mo diz - feroz profeta,
Que anões faz dos colossos lá de Rodes.

E a vida depurada no cadinho
Das eróticas dores do alvoroço,
Acabará na forca, num azinho,

Mas o que há-de apertar o meu pescoço
Em lugar de ser corda de bom linho
Será do teu cabelo um menos grosso.

[Num tripúdio]

Num tripúdio de corte rigoroso,
Eu sei quem descobriu Vênus linfática,
-- Beleza escultural, grega, simpática,
Um tipo peregrino e luminoso. –

Foi lâmpada no mundo cavernoso,
Inspiradora foi de carta enfática,
Onde a alma candente mas sem tática,
Se espraiava num canto lacrimoso.

Mas ela em papel fino e perfumado,
Respondeu certas coisas deslumbrantes,
Que o puseram, ó céus, desapontado!

Eram falsas as frases palpitantes
Pois que tudo, ó meu Deus, fora roubado
Ao bom do *Secretário dos Amantes*.

[Ó áridas]

Ó áridas Messalinas
não entreis no santuário,
transformareis em ruínas
o meu imenso sacrário!

Oh! a deusa das doçuras,
a mulher! eu a contemplo!
Vós tendes almas impuras,
não me profaneis o templo!

A mulher é ser sublime,
é conjunto de carinhos,
ela não propaga o crime,
em sentimentos mesquinhos.

Vós sois umas vis afrontas,

que nos dão falsos prazeres,
não sei se sois más se tontas,
mas sei que não sois mulheres!

Eu e ela

Cobertos de folhagem, na verdura,
O teu braço ao redor do meu pescoço,
O teu fato sem ter um só destroço,
O meu braço apertando-te a cintura;

Num mimoso jardim, ó pomba mansa,
Sobre um banco de mármore assentados.
Na sombra dos arbustos, que abraçados,
Beijarão meigamente a tua trança.

Nós havemos de estar ambos unidos,
Sem gozos sensuais, sem más idéias,
Esquecendo para sempre as nossas ceias,
E a loucura dos vinhos atrevidos.

Nós teremos então sobre os joelhos
Um livro que nos diga muitas cousas
Dos mistérios que estão para além das lousas,
onde havemos de entrar antes de velhos.

Outras vezes buscando distração,
Leremos bons romances galhofeiros,
Gozaremos assim dias inteiros,
Formando unicamente um coração.

Beatos ou pagãos, vida à *paxá*,
Nós leremos, aceita este meu voto,
O *Flos-Sanctorum* místico e devoto
E o laxo *Cavaleiro de Faublas*...

Lúbrica

Mandaste-me dizer,
No teu bilhete ardente,
Que hás-de por mim morrer,
Morrer muito contente.

Lançaste no papel
As mais lascivas frases;
A carta era um painel
De cenas de rapazes!

Ó cálida mulher,
Teus dedos delicados
Traçaram do prazer
Os quadros depravados!

Contudo, um teu olhar
É muito mais fogoso,
Que a febre epistolar
Do teu bilhete ansioso:

Do teu rostinho oval
Os olhos tão nefandos

Traduzem menos mal
Os vícios execrandos.

Teus olhos sensuais,
Libidinosa Marta,
Teus olhos dizem mais
Que a tua própria carta.

As grandes comoções
Tu neles, sempre, espelhas;
São lúbricas paixões
As vívidas centelhas...
Teus olhos imorais,
Mulher, que me dissecas,
Teus olhos dizem mais
Que muitas bibliotecas!

Ele

Ao *Diário Ilustrado*

Era um deboche enorme, era um festim devasso!
No palácio real brilhava a infame orgia
E até bebiam vinho os mármores do paço.

O champagne era a rodo, o deus era a Folia;
Entre o rumor febril soltava gargalhadas,
Pálido e embriagado, o herói da monarquia.

Riam-se os cortesãos p'ras taças empinadas,

E referviam sempre os ponches palacianos,
Nas mesas de oiro e prata, em Roma cinzeladas.

Era a repercussão dos bodos luculianos!
E os áulicos boçais e os parasitas nobres
Bebiam avidamente os vinhos de mil anos.

Desmaiavam na rua, à fome, os Jobs, os pobres;
Em peles de leões os régios pés gozavam
E o norte nos salões gemia uns tristes dobres.

À louca, os convivas, com força, arremessavam
Garrafas de cristal a espelhos de Veneza
E à chuva, ao vento, ao frio, os povos soluçavam.

Tremia vinolenta a velha realeza,
Caíam na alcatifa os duques e os criados
E, sujos, com fragor, rolavam sob a mesa.

A púrpura nadava em vinhos transbordados,
Cantava um cardeal não sei que *chansonnette*
E o espírito subia aos cérebros irados.

Era um tripúdio infrene o festival banquete!
O rei, bêbedo, enfim, vazando o copo erguido,
Quis saudar e caiu, de bruços, no tapete.

E o sultão em regra em vinhos imergido,
Pisado pelo chão, rojou-se p’ra janela,
Como um lagarto imundo, estúpido e comprido.

A brisa dessa noite, hiberna noite bela,
Deu na fronte real uma fugaz lufada,
E o rei, agoniado, à luz de cada estrela,

Curvou-se e vomitou nas pedras da calçada.
.....
Na praça, de manhã, havia, ó rei brutal!
Montões de sordidez horrível e avinhada...

-- Nascera o *Ilustrado* -- um vômito real!

Ecos do Realismo

Impossível!

Nós podemos viver alegremente,
Sem que venham, com fórmulas legais,
Unir as nossas mãos, eternamente,
As mãos sacerdotais.

Eu posso ver os ombros teus desnudos,
Palpá-los, contemplar-lhes a brancura,
E até beijar teus olhos tão ramudos,
Cor de azeitona escura.

Eu posso, se quiser, cheio de manha,
Sondar, quando vestida, p'ra dar fé,
A tua camisinha de *bretanha*,
Ornada de *crochet*.

Posso sentir-te em fogo, escandescida,
De faces cor-de-rosa e vermelhão,
Junto a mim, com langor, entredormida,

Nas noites de Verão.

Eu posso, com valor que nada teme,
Contigo preparar lautos festins,
E ajudar-te a fazer o *leite-creme*,
E os mélicos pudins.

Eu tudo posso dar-te, tudo, tudo,
Dar-te a vida; o calor, dar-te *cognac*,
Hinos de amor, vestidos de veludo,
E botas de duraque.

E até posso com ar de rei, que o sou!
Dar-te cautelas brancas, minha rola,
Da grande loteria que passou,
Da boa, da espanhola,

Já vês, pois, que podemos viver juntos,
Nos mesmos aposentos confortáveis,
Comer dos mesmos bolos e presuntos,
E rir dos miseráveis.

Nós podemos, nós dois, por nossa sina,
Quando o Sol é mais rúbido e escarlate,
Beber na mesma chávena da China,
O nosso chocolate.

E podemos até, noites amadas!
Dormir juntos dum modo galhofeiro,
Com as nossas cabeças repousadas,
No mesmo travesseiro.

Posso ser teu amigo até à morte,
Sumamente amigo! Mas por lei,

Ligar a minha sorte à tua sorte,
    Eu nunca poderei!

Eu posso amar-te como o Dante amou,
Seguir-te sempre como a luz ao raio,
Mas ir, contigo, à Igreja, isso não vou,
    Lá nessa é que eu não caio!

Ecos do Realismo

Lágrimas

Ela chorava muito e muito, aos cantos,
Frenética, com gestos desabridos;
Nos cabelos, em ânsias desprendidos,
Brilhavam como pérolas os prantos.

Ele, o amante, sereno como os santos,
Deitado no sofá, pés aquecidos,
Ao sentir-lhe os soluços consumidos,
Sorria-se cantando alegres cantos.

E dizia-lhe então, de olhos enxutos:
-- “Tu pareces nascida da rajada,
“Tens despeitos raivosos, resolutos:

“Chora, chora, mulher arrenegada;
“Lagrimeja por esses aquedutos...
-- “Quero um banho tomar de água salgada.”

Ecos do Realismo

Proh pudor!

Todas as noites ela me cingia
Nos braços, com brandura gasalhosa;
Todas as noites eu adormecia,
Sentindo-a desleixada e langorosa.

Todas as noites uma fantasia
Lhe emanava da fronte imaginosa;
Todas as noites tinha uma mania,
Aquela concepção vertiginosa.

Agora, há quase um mês, modernamente,
Ela tinha um furor dos mais soturnos,
Furor original, impertinente...

Todas as noites ela, ah! sordidez!
Descalçava-me as botas, os coturnos,
E fazia-me cócegas nos pés...

Ecos do Realismo

Manias!

O mundo é velha cena ensangüentada,
Coberta de remendos, picaresca;
A vida é chula farsa assobiada,
Ou selvagem tragédia romanesca.

Eu sei um bom rapaz, -- hoje uma ossada --,
Que amava certa dama pedantesca,
Perversíssima, esquálida e chagada,
Mas cheia de jactância quixotesca.

Aos domingos a déia, já rugosa,
Concedia-lhe o braço, com preguiça,
E o dengue, em atitude receosa,

Na sujeição canina mais submissa,
Levava na tremente mão nervosa,
O livro com que a amante ia ouvir missa!

Heroísmos

Eu temo muito o mar, o mar enorme,
Solene, enraivecido, turbulento,
Erguido em vagalhões, rugindo ao vento;
O mar sublime, o mar que nunca dorme.

Eu temo o largo mar, rebelde, informe,
De vítimas famélico, sedento,
E creio ouvir em cada seu lamento
Os ruídos dum túmulo disforme.

Contudo, num barquinho transparente,
No seu dorso feroz vou blasonar,
Tufada a vela e n'água quase assente,

E ouvindo muito ao perto o seu bramar,
Eu rindo, sem cuidados, simplesmente,
Escarro, com desdém, no grande mar!

Setentrional

Talvez já te não lembres, triste Helena,
Dos passeios que dávamos sozinhos,
À tardinha, naquela terra amena,
No tempo da colheita dos bons vinhos.

Talvez já te não lembres, pesarosa,

Da casinha caiada em que moramos,
Nem do adro da ermida silenciosa,
Onde nós tantas vezes conversamos.

Talvez já te esquecesses, ó bonina,
Que viveste no campo só comigo,
Que te osculei a boca purpurina,
E que fui o teu sol e o teu abrigo.

Que fugiste comigo da Babel,
Mulher como não há nem na Circássia,
Que bebemos, nós dois, do mesmo fel,
E regamos com prantos uma acácia.

Talvez já te não lembres com desgosto
Daquelas brancas noites de mistério,
Em que a Lua sorria no teu rosto
E nas lajes campais do cemitério.

Talvez já se apagassem as miragens
Do tempo em que eu vivia nos teus seios,
Quando as aves cantando entre as ramagens
O teu nome diziam nos gorjeios.

Quando, à brisa outoniça, como um manto,
Os teus cabelos de âmbar, desmanchados,
Se prendiam nas folhas dum acanto,
Ou nos bicos agrestes dos silvados.

E eu ia desprendê-los, como um pajem
Que a cauda solevasse aos teus vestidos,
E ouvia murmurar à doce aragem
Uns delírios de amor, entristecidos.

Quando eu via, invejoso, mas sem queixas,
Pousarem borboletas doudejantes
Nas tuas formosíssimas madeixas,
Daquela cor das messes lourejantes.

E no pomar, nós dois, ombro com ombro,
Caminhávamos sós e de mãos dadas,
Beijando os nossos rostos sem assombro,
E colorindo as faces desbotadas.

Quando, Helena, bebíamos, curvados,
As águas nos ribeiros remansosos,
E, nas sombras, olhando os céus amados
Contávamos os astros luminosos.

Quando, uma noite, em êxtases caímos
Ao sentir o chorar dalgumas fontes,
E os cânticos das rãs que sobre os limos
Quebravam a solidão dos altos montes.

E assentados nos rudes escabelos,
Sob os arcos de murta e sobre as relvas,
Longamente sonhamos sonhos belos,
Sentindo a fresquidão das verdes selvas.

Quando ao nascer da aurora, unidos ambos
Num amor grande como um mar sem praias
Ouvíamos os meigos ditirambos
Que os rouxinóis teciam nas olaias.

E, afastados da aldeia e dos casais,
Eu contigo, abraçado como as heras,
Escondidos nas ondas dos trigais.
Devolvia-te os beijos que me deras.

Quando, se havia lama no caminho,
Eu te levava ao colo sobre a greda,
E o teu corpo nevado como arminho
Pesava menos que um papel de seda.

Talvez já te esquecesses dos poemetos,
Revoltos como os bailes do Casino,
E daqueles byrônicos sonetos
Que eu gravei no teu peito alabastrino.

De tudo certamente te esqueceste,
Porque tudo no mundo morre e muda,
E agora és triste e só como um cipreste,
E como a campa jazes fria e muda.

Esqueceste-te, sim, meu sonho querido,
Que o nosso belo e lúcido passado
Foi um único abraço comprimido,
Foi um beijo, por meses, prolongado.

E foste sepultar-te, ó serafim,
No claustro das Fiéis emparedadas,
Escondeste o teu rosto de marfim
No véu negro das freiras resignadas.

E eu passo tão calado como a Morte
Nesta velha cidade tão sombria,
Chorando aflitamente a minha sorte
E prelibando o cálix da agonia.

E, tristíssima Helena, com verdade,
Se pudera na terra achar suplícios,
Eu também me faria gordo frade

E cobriria a carne de cilícios.

Cinismos

Eu hei-de lhe falar lugubremente
Do meu amor enorme e massacrado,
Falar-lhe com a luz e a fé dum crente.

Hei-de expor-lhe o meu peito descarnado,
Chamar-lhe minha cruz e meu Calvário,
E ser menos que um Judas empalhado.

Hei de abrir-lhe o meu íntimo sacrário
E desvendar a vida, o mundo, o gozo,
Como um velho filósofo lendário.

Hei-de mostrar, tão triste e tenebroso,
Os pegos abismais da minha vida,
E hei-de olhá-la dum modo tão nervoso,

Que ela há-de, enfim, sentir-se constrangida,
Cheia de dor, tremente, alucinada,
E há-de chorar, chorar enternecida!

E eu hei-de, então, soltar uma risada...

Responso

I

Num castelo deserto e solitário,

Toda de preto, às horas silenciosas,
Envolve-se nas pregas dum sudário
E chora como as grandes criminosas.

Pudesse eu ser o lenço de Bruxelas
Em que ela esconde as lágrimas singelas.

II

É loura como as doces escocesas,
Duma beleza ideal, quase indecisa;
Circunda-se de luto e de tristezas
E excede a melancólica Artemisa.

Fosse eu os seus vestidos afogados
E havia de escutar-lhe os seus pecados.

III

Alta noite, os planetas argentados
Deslizam um olhar macio e vago
Nos seus olhos de pranto marejados
E nas águas mansíssimas do lago.

Pudesse eu ser a Lua, a Lua terna,
E faria que a noite fosse eterna.

IV

E os abutres e os corvos fazem giros
De roda das ameias e dos pegos,
E nas salas ressoam uns suspiros
Dolentes como as súplicas dos cegos.

Fosse eu aquelas aves de pilhagem
E cercara-lhe a fronte, em homenagem.

V

E ela vaga nas praias rumorosas,
Triste como as rainhas destronadas,
A contemplar as gôndolas airosas,
Que passam, *a giorno* iluminadas.

Pudesse eu ser o rude gondoleiro
E ali é que fizera o meu cruzeiro.

VI

De dia, entre os veludos e entre as sedas,
Murmurando palavras aflitivas,
Vagueia nas umbrosas alamedas
E acarinha, de leve, as sensitivas.

Fosse eu aquelas árvores frondosas,
E prendera-lhe as roupas vaporosas.

VII

Ou domina, a rezar, no pavimento
Da capela onde outrora se ouvia missa,
A música dulcíssima do vento
E o sussuro do mar, que se espreguiça.

Pudesse eu ser o mar e os meus desejos
Eram ir borrifar-lhe os pés, com beijos.

VIII

E às horas do crepúsculo saudosas,
Nos parques com tapetes cultivados,
Quando ela passa curvam-se amorosas
As estátuas dos seus antepassados.

Fosse eu também granito e a minha vida
Era vê-la a chorar arrependida.

IX

No palácio isolado como um monge,
Erram as velhas almas dos precitos,
E nas noites de inverno ouvem-se ao longe
Os lamentos dos náufragos aflitos.

Pudesse eu ter também uma procela
E as lentas agonias ao pé dela!

X

E às lajes, no silêncio dos mosteiros,
Ela conta o seu drama negregado,
E o vasto carmesim dos reposteiros
Ondula como um mar ensanguentado.

Fossem aquelas mil tapeçarias
Nossas mortalhas quentes e sombrias.

XI

E assim passa, chorando, as noites belas,
Sonhando uns tristes sonhos doloridos,

E a refletir nas góticas janelas
As estrelas dos céus desconhecidos.

Pudesse eu ir sonhar também contigo
E ter as mesmas pedras no jazigo!
.....

XII

Mergulha-se em angústias lacrimosas
Nos ermos dum castelo abandonado,
E as próximas florestas tenebrosas
Repercutem um choro amargurado.

Uníssemos, nós dois, as nossas covas,
Ó doce castelã das minhas trovas!

Esplêndida

Ei-la! Como vai bela! Os esplendores
Do lúbrico Versailles do Rei-Sol
Aumenta-os com retoques sedutores.
É como o refulgir dum arrebol
Em sedas multicores.

Deita-se com langor no azul celeste
Do seu *landau* forrado de cetim;
E os seus negros corcéis que a espuma veste,
Sobem a trote a rua do Alecrim,
Velozes como a peste.

É fidalga e soberba. As incensadas
Dubarry, Montespan e Maintenon
Se a vissem ficariam ofuscadas
Tem a altivez magnética e o bom-tom
Das cortes depravadas.

É clara como os *pós à marechala*,
E as mãos, que o *Jock Club* embalsamou,
Entre peles de tigres as regala;
De tigres que por ela apunhalou,
Um amante, em Bengala.

É ducalmente esplêndida! A carruagem
Vai agora subindo devagar;
Ela, no brilhantismo da equipagem,
Ela, de olhos cerrados, a cismar
Atrai como a voragem!

Os lacaios vão firmes na almofada;
E a doce brisa dá-lhes de través
Nas capas de borracha esbranquiçada,
Nos chapéus com roseta, e nas librés
De forma aprimorada.

E eu vou acompanhando-a, corcovado,
No *trottoir*, como um doido, em convulsões,
Febril, de colarinho amarrotado,
Desejando o lugar dos seus truões,
Sinistro e mal trajado.

E daria, contente e voluntário,
A minha independência e o meu porvir,

Para ser, eu poeta solitário,
Para ser, ó princesa sem sorrir,
Teu pobre trintanário.

E aos almoços magníficos do Mata
Preferiria ir, fardado, aí,
Ostentando galões de velha prata,
E de costas voltadas para ti,
Formosa aristocrata!

Arrojos

Se a minha amada um longo olhar me desse
Dos seus olhos que ferem como espadas,
Eu domaria o mar que se enfurece
E escalaria as nuvens rendilhadas.

Se ela deixasse, extático e suspenso
Tomar-lhe as mãos *mignonnes* e aquecê-las,
Eu com um sopro enorme, um sopro imenso
Apagaria o lume das estrelas.

Se aquela que amo mais que a luz do dia,
Me aniquilasse os males taciturnos,
O brilho dos meus olhos venceria
O clarão dos relâmpagos noturnos.

Se ela quisesse amar, no azul do espaço,
Casando as suas penas com as minhas,
Eu desfaria o Sol como desfaço
As bolas de sabão das criancinhas.

Se a Laura dos meus loucos desvarios
Fosse menos soberba e menos fria,
Eu pararia o curso aos grandes rios
E a terra sob os pés abalaria.

Se aquela por quem já não tenho risos
Me concedesse apenas dois abraços
Eu subiria aos róseos paraísos
E a Lua afogaria nos meus braços.

Se ela ouvisse os meus cantos moribundos
E os lamentos das cítaras estranhas,
Eu ergueria os vales mais profundos
E abateria as sólidas montanhas.

E se aquela visão da fantasia
Me estreitasse ao peito alvo como arminho,
Eu nunca, nunca mais me sentaria
Às mesas espelhentas do Martinho.

Humilhações

De todo o coração -- a Silva Pinto

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quase Job,
Aceito os seus desdéns, seus ódios idolatro-os;
E espero-a nos salões dos principais teatros,
Todas as noites, ignorado e só.

Lá cansa-me o ranger da seda, a orquestra, o gás;
As damas, ao chegar, gemem nos espartilhos,

E enquanto vão passando as *cortesãs* e os brilhos,
Eu analiso as peças no cartaz.

Na representação dum drama de Feuillet,
Eu aguardava, junto à porta, na penumbra,
Quando a mulher nervosa e vã que me deslumbra
Saltou soberba o estribo do *coupé*.

Como ela marcha! Lembra um magnetizador.
Roçavam no veludo as guarnições das rendas;
E, muito embora tu, burguês, me não entendas,
Fiquei batendo os dentes de terror.

Sim! Porque não podia abandoná-la em paz!
Ó minha pobre bolsa, amortalhou-se a idéia
De vê-la aproximar, sentado na platéia,
De tê-la num binóculo mordaz!

Eu ocultava o fraque usado nos botões;
Cada contratador dizia em voz rouquenha:
-- Quem compra algum bilhete ou vende alguma senha?
E ouviam-se cá fora as ovações.

Que desvanecimento! A pérola do Tom!
As outras ao pé dela imitam de bonecas;
Têm menos melodia as harpas e as rabecas,
Nos grandes espetáculos do Som.

Ao mesmo tempo, eu não deixava de a abranger;
Via-a subir, direita, a larga escadaria
E entra no camarote. Antes estimaria
Que o chão se abrisse para me abater.

Saí: mas ao sair senti-me atropelar.

Era um municipal sobre um cavalo. A guarda
Espanca o povo. Irei-me; e eu, que detesto a farda,
Cresci com raiva contra o militar.

De súbito, fanhosa, infecta, rota, má,
Pôs-se na minha frente uma velhinha suja,
E disse-me, piscando os olhos de coruja:
- Meu bom senhor! Dá-me um cigarro? Dá?...

Vaidosa

Dizem que tu és pura como um lírio
E mais fria e insensível que o granito,
E que eu que passo aí por favorito
Vivo louco de dor e de martírio.

Contam que tens um modo altivo e sério,
Que és muito desdenhosa e presumida,
E que o maior prazer da tua vida,
Seria acompanhar-me ao cemitério.

Chamam-te a bela imperatriz das fátuas,
A déspota, a fatal, o figurino,
E afirmam que és um molde alabastrino,
E não tens coração, como as estátuas.

E narram o cruel martirológio
Dos que são teus, ó corpo sem defeito,
E julgam que é monótono o teu peito
Como o bater cadente dum relógio.

Porém eu sei que tu, que como um ópio

Me matas, me desvairas e adormeces,
És tão loira e doirada como as messes
E possuis muito amor... muito *amor-próprio*.

MERIDIONAL

CABELOS

Ó vagas de cabelo esparsas longamente,
Que sois o vasto espelho onde eu me vou mirar,
E tendes o cristal dum lago refulgente
E a rude escuridão dum largo e negro mar;

Cabelos torrenciais daquela que me enleva,
Deixai-me mergulhar as mãos e os braços nus
No báratro febril da vossa grande treva,
Que tem cintilações e meigos céus de luz.

Deixai-me navegar, morosamente, a remos,
Quando ele estiver brando e livre de tufões,
E, ao plácido luar, ó vagas, marulhemos
E enchamos de harmonia as amplas solidões.

Deixai-me naufragar no cimo dos cachopos
Ocultos nesse abismo ebânico e tão bom
Como um licor renano a fermentar nos copos,
Abismo que se espraia em rendas de Alençon!

E, ó mágica mulher, ó minha Inigualável,
Que tens o imenso bem de ter cabelos tais,
E os pisas desdenhosa, altiva, imperturbável,
Entre o rumor banal dos hinos triunfais;

Consente que eu aspire esse perfume raro,
Que exalas da cabeça erguida com fulgor,
Perfume que estonteia um milionário avaro
E faz morrer de febre um louco sonhador.

Eu sei que tu possuis balsâmicos desejos,
E vais na direção constante do querer,
Mas ouço, ao ver-te andar, melódicos harpejos,
Que fazem mansamente amar e elanguescer.

E a tua cabeleira, errante pelas costas,
Suponho que te serve, em noites de verão,
De flácido espaldar aonde te recostas
Se sentes o abandono e a morna prostração.

E ela há-de, ela há-de, um dia, em turbilhões insanos
Nos rolos envolver-me e armar-me do vigor
Que antigamente deu, nos circos dos Romanos,
Um óleo para ungir o corpo do gladiador.

. . . . . .
. . . . . .

Ó manto de veludo esplêndido e sombrio,
Na vossa vastidão posso talvez morrer!
Mas vinde-me aquecer, que eu tenho muito frio
E quero asfixiar-me em ondas de prazer.

Flores velhas

Fui ontem visitar o jardinzinho agreste,
Aonde tanta vez a lua nos beijou,
E em tudo vi sorrir o amor que tu me deste,
Soberba como um sol, serena como um vôo.

Em tudo cintilava o límpido poema
Com ósculos rimado às luzes dos planetas;
A abelha inda zumbia em torno da alfazema;
E ondulava o matiz das leves borboletas.

Em tudo eu pude ver ainda a tua imagem,
A imagem que inspirava os castos madrigais;
E as viações, o rio, os astros, a paisagem,
Traziam-me à memória idílios imortais.

Diziam-me que tu, no flórido passado,
Detinhas sobre mim, ao pé daquelas rosas,
Aquele teu olhar moroso e delicado,
Que fala de langor e de emoções mimosas;

E, ó pálida Clarisse, ó alma ardente e pura,
Que não me desgostou nem uma vez sequer,

Eu não sabia haurir do cálix da ventura
O néctar que nos vem dos mimos da mulher.

Falou-me tudo, tudo, em tons comovedores,
Do nosso amor, que uniu as almas de dois entes;
As falas quase irmãs do vento com as flores
E a mole exalação das várzeas rescendentes.

Inda pensei ouvir aquelas coisas mansas
No ninho de afeições criado para ti,
Por entre o riso claro, e as vozes das crianças,
E as nuvens que esbocei, e os sonhos que nutri.

Lembrei-me muito, muito, ó símbolo das santas,
Do tempo em que eu soltava as notas inspiradas,
E sob aquele céu e sobre aquelas plantas
Bebemos o elixir das tardes perfumadas.

E nosso bom romance escrito num desterro,
Com beijos sem ruído em noites sem luar,
Fizeram-mo reler, mais tristes que um enterro,
Os goivos, a baunilha e as rosas-de-toucar.

Mas tu agora nunca, ah! nunca mais te sentas
Nos bancos de tijolo em musgo atapetados,
E eu não te beijarei, às horas sonolentas,
Os dedos de marfim, polidos e delgados...

Eu, por não ter sabido amar os movimentos
Da estrofe mais ideal das harmonias mudas,
Eu sinto as decepções e os grandes desalentos
E tenho um riso mau como o sorrir de Judas.

E tudo enfim passou, passou como uma pena

Que o mar leva no dorso exposto aos vendavais,
E aquela doce vida, aquela vida amena,
Ah! nunca mais virá, meu lírio, nunca mais!

Ó minha boa amiga, ó minha meiga amante!
Quando ontem eu pisei, bem magro e bem curvado,
A areia em que rangia a saia roçagante,
Que foi na minha vida o céu aurirrosado,

Eu tinha tão impresso o cunho da saudade,
Que as ondas que formei das suas ilusões
Fizeram-me enganar na minha soledade
E as asas ir abrindo às minhas impressões.

Soltei com devoção lembranças inda escravas,
No espaço construí fantásticos castelos,
No tanque debrucei-me em que te debruçavas,
E onde o luar parava os raios amarelos.

Cuidei até sentir, mais doce que uma prece,
Suster a minha fé, num véu consolador,
O teu divino olhar que as pedras amolece,
E há muito me prendeu nos cárceres do amor.

E cheio das visões em que a alma se dilata,
Julguei-me no teu peito, ó coração que dormes!
E foram embalar-me as águas da cascata
De búzios naturais e conchas multiformes.

Os teus pequenos pés, aqueles pés suaves,
Julguei-os esconder por entre as minhas mãos,
E imaginei ouvir ao conversar das aves
As célicas canções dos anjos teus irmãos.

E como na minha alma a luz era uma aurora,
A aragem ao passar parece que me trouxe
O som da tua voz, metálica, sonora,
E o teu perfume forte, o teu perfume doce.

Agonizava o Sol gostosa e lentamente,
Um sino que tangia, austero e com vagar,
Vestia de tristeza esta paixão veemente,
Esta doença, enfim, que a morte há-de curar.

E quando me envolveu a noite, noite fria,
Eu trouxe do jardim duas saudades rouxas,
E vim a meditar em quem me cerraria,
Depois de eu morrer, as pálpebras já frouxas.

Pois que, minha adorada, eu peço que não creias
Que eu amo esta existência e não lhe queira um fim;
Há tempos que não sinto o sangue pelas veias
E a campa talvez seja afável para mim.

Portanto, eu, que não cedo às atrações do gozo,
Sem custo hei-de deixar as mágoas deste mundo,
E, ó pálida mulher, de longo olhar piedoso,
Em breve te olharei calado e moribundo.

Mas quero só fugir das coisas e dos seres,
Só quero abandonar a vida triste e má
Na véspera do dia em que também morreres,
Morreres de pesar, por eu não *viver* já!

E não virás, chorosa, aos rústicos tapetes,
Com lágrimas regar as plantações ruins;
E esperarão por ti, naqueles alegretes,

As dálias a chorar nos braços dos jasmins!

Cadências tristes

A João de Deus

Ó bom João de Deus, ó lírico imortal,
Eu gosto de te ouvir falar timidamente
Num beijo, num olhar, num plácido ideal;
Eu gosto de te ver contemplativo e crente,
Ó pensador suave, ó lírico imortal!

E fico descansada, à noite, quando cismo
Que tentam proscrever a sensibilidade,
E querem denegrir o cândido lirismo;
Porque o teu rosto exprime uma serenidade,
Que vem tranqüilizar-me, à noite, quando cismo!

O enleio, a simpatia e toda a comoção
Tu mostras no sorriso ascético e perfeito;
E tens o edificante e doce amor cristão,
Num trono de bondade, a iluminar-te o peito,
Que é toda a melodia e toda a comoção!

Poeta da mulher! Atende, escuta, pensa,
Já que és o nosso irmão, já que és o nosso mestre,
Que ela, ou doente sempre ou na convalescença,
É como a flor de estufa em solidão silvestre,
Ao tempo abandonada! Atende, escuta, pensa.

E, ó meigo visionário, ó meu devaneador,

O sentimentalismo há-de mudar de fases;
Mas só quando morrer a derradeira flor
É que não hão-de ler-se os versos que tu fazes,
Ó bom João de Deus, ó meu devaneador!

Deslumbramentos

Milady, é perigoso contemplá-la,
Quando passa aromática e normal,
Com seu tipo tão nobre e tão de sala,
Com seus gestos de neve e de metal.

Sem que nisso a desgoste ou desenfade,
Quantas vezes, seguindo-lhe as passadas,
Eu vejo-a, com real solenidade,
Ir impondo *toilettes* complicadas!...

Em si tudo me atrai como um tesoiro:
O seu ar pensativo e senhoril,
A sua voz que tem um timbre de oiro
E o seu nevado e lúcido perfil!

Ah! Como me estonteia e me fascina...
E é, na graça distinta do seu porte,
Como a Moda supérflua e feminina,
E tão alta e serena como a Morte!...

Eu ontem encontrei-a, quando vinha,
Britânica, e fazendo-me assombrar;
Grande dama fatal, sempre sozinha,

E com firmeza e música no andar!

O seu olhar possui, num jogo ardente,
Um arcanjo e um demônio a iluminá-lo;
Como um florete, fere agudamente,
E afaga como o pêlo dum regalo!

Pois bem. Conserve o gelo por esposo,
E mostre, se eu beijar-lhe as brancas mãos,
O modo diplomático e orgulhoso
Que Ana de Áustria mostrava aos cortesãos.

E enfim prossiga altiva como a Fama,
Sem sorrisos, dramática, cortante;
Que eu procuro fundir na minha chama
Seu ermo coração, como um brilhante.

Mas cuidado, *milady*, não se afoite,
Que hão-de acabar os bárbaros reais;
E os povos humilhados, pela noite,
Para a vingança aguçam os punhais.

E um dia, ó flor do Luxo, nas estradas,
Sob o cetim do Azul e as andorinhas,
Eu hei-de ver errar, alucinadas,
E arrastando farrapos -- as rainhas!

Frígida

I

Balzac é meu rival, minha senhora inglesa!
Eu quero-a porque odeio as carnações redondas!
Mas ele eternizou-lhe a singular beleza
E eu turbo-me ao deter seus olhos cor das ondas.

II

Admiro-a. A sua longa e plácida estatura
Expõe a majestade austera dos invernos.
Não cora no seu todo a tímida candura;
Dançam a paz dos céus e o assombro dos infernos.

III

Eu vejo-a caminhar, fleumática, irritante,
Numa das mãos franzindo um lençol de cambraia!...
Ninguém me prende assim, fúnebre, extravagante,
Quando arregaça e ondula a preguiçosa saia!

IV

Ouso esperar, talvez, que o seu amor me açoite,
Mas nunca a fitarei duma maneira franca;
Traz o esplendor do Dia e a palidez da Noite,
É, como o Sol, dourada, e, como a Lua, branca!

V

Pudesse-me eu prostrar, num meditado impulso,
Ó gélida mulher bizarramente estranha,
E trêmulo depor os lábios no seu pulso,
Entre a macia luva e o punho de bretanha!...

VI

Cintila ao seu rosto a lucidez das jóias.
Ao encarar consigo a fantasia pasma;
Pausadamente lembra o silvo das jibóias
E a marcha demorada e muda dum fantasma.

VII

Metálica visão que Charles Baudelaire
Sonhou e pressentiu nos seus delírios mornos,
Permita que eu lhe adule a distinção que fere,
As curvas da magreza e o lustre dos adornos!

VIII

Desliza como um astro, um astro que declina;
Tão descansada e firme é que me desvaria,
E tem a lentidão duma corveta fina
Que nobremente vá num mar de calmaria.

IX

Não me imagine um doido. Eu vivo como um monge,
No bosque das ficções, ó grande flor do Norte!
E, ao persegui-la, penso acompanhar de longe
O sossegado espectro angélico da Morte!

X

O seu vagar oculta uma elasticidade
Que deve dar um gosto amargo e deleitoso,
E a sua glacial impassibilidade
Exalta o meu desejo e irrita o meu nervoso.

XI

Porém, não arderei aos seus contactos frios,
E não me enroscará nos serpentinos braços:
Receio suportar febrões e calafrios;
Adoro no seu corpo os movimentos lassos.

XII

E se uma vez me abrisse o colo transparente,
E me osculasse, enfim, flexível e submissa,
Eu julgaria ouvir alguém, agudamente,
Nas trevas, a cortar pedaços de cortiça!

Ironias do desgosto

“Onde é que te nasceu”-- dizia-me ela às vezes --
“O horror calado e triste às coisas sepulcrais?
“Porque é que não possuis a *verve* dos Franceses
“E aspiras, em silêncio, os frascos dos meus sais?

“Porque é que tens no olhar, moroso e persistente,
“As sombras dum jazigo e as fundas abstrações,
“E abrigas tanto fel no peito, que não sente
“O abalo feminil das minhas expansões?

“Há quem te julgue um velho. O teu sorriso é falso;
“Mas quando tentas rir parece então, meu bem,
“Que estão edificando um negro cadafalso
“E ou vai alguém morrer ou vão matar alguém!

“Eu vim - não sabes tu? -- para gozar em Maio,
“No campo, a quietação banhada de prazer!
“Não vês, ó descorado, as vestes com que saio,
“E os júbilos, que Abril acaba de trazer?

“Não vês como a campina é toda embalsamada
“E como nos alegra em cada nova flor?
“Então porque é que tens na fronte consternada
“Um não-se-quê tocante e enternecedor?”

E eu só lhe respondia: -- “Escuta-me. Conforme
“Tu vibras os cristais da boca musical,
“Vai-nos minando o tempo, o tempo -- o cancro enorme
“Que te há-de corromper o corpo de vestal.

“E eu calmamente sei, na dor que me amortalha,
“Que a tua cabecinha ornada à Rabagas,
“A pouco e pouco há-de ir tornando-se grisalha
“E em breve ao quente sol e ao gás alvejará!

“E eu que daria um rei por cada teu suspiro,
“Eu que amo a mocidade e as modas fúteis, vãs,
“Eu morro de pesar, talvez, porque prefiro

"O teu cabelo escuro às veneráveis cãs!"

Desastre

Ele ia numa maca, em ânsias, contrafeito,
Soltando fundos ais e trêmulos queixumes;
Caíra dum andaime e dera com o peito,
Pesada e secamente, em cima duns tapumes.

A brisa que balouça as árvores das praças,
Como uma mãe erguia ao leito os cortinados,
E dentro eu divisei o ungido das desgraças,
Trazendo em sangue negro os membros ensopados.

Um preto, que sustinha o peso dum varal,
Chorava ao murmurar-lhe: "Homem não desfaleça!"
E um lenço esfarrapado em volta da cabeça,
Talvez lhe aumentasse a febre cerebral.

Flanavam pelo Aterro os dândis e as *cocottes*,
Corriam *char-à-bancs* cheios de passageiros
E ouviam-se canções e estalos de chicotes,
Junto à maré, no Tejo, e as pragas dos cocheiros.

Viam-se os quarteirões da Baixa: um bom poeta,
A rir e a conversar numa cervejaria,
Gritava para alguns: "Que cena tão faceta!
Reparem! Que episódio!" Ele já não gemia.

Findara honradamente. As lutas, afinal,
Deixavam repousar essa criança escrava,

E a gente da província, atônita, exclamava:
“Que providências! Deus! Lá vai para o hospital!”

Por onde o morto passa há grupos, murmurinhos;
Mornas essências vêm duma perfumaria,
E cheira a peixe frito um armazém de vinhos,
Numa travessa escura em que não entra o dia!

Um fidalgote brada a duas prostitutas:
“Que espantos! Um rapaz servente de pedreiro!”
Bisonhos, devagar, passeiam uns recrutas
E conta-se o que foi na loja dum barbeiro.

Era enjeitado, o pobre. E, para não morrer,
De bagas de suor tinha uma vida cheia;
Levava a um quarto andar cochos de cal e areia,
Não conhecera os pais, nem aprendera a ler.

Depois da sesta, um pouco estonteado e fraco,
Sentira a exalação da tarde abafadiça;
Quebravam-lhe o corpinho o fumo do tabaco
E o fato remendado e sujo da caliça.

Gastara o seu salário -- oito vinténs ou menos --,
Ao longe o mar, que abismo! e o sol, que labareda!
“Os vultos, lá em baixo, oh! como são pequenos!”
E estremeceu, rolou nas atrações da queda.

O mísero a doença, as privações cruéis
Soubera repelir -- ataques desumanos!
Chamava-lhe garoto! E apenas com seis anos
Andara a apregoar diários de dez-réis.

Anoitecia então. O féretro sinistro
Cruzou com um *coupé* seguido dum correio,
E um democrata disse: "Aonde irás, ministro!
Comprar um eleitor? Adormecer num seio?"

E eu tive uma suspeita. Aquele cavalheiro,
-- Conservador, que esmaga o povo com impostos --,
Mandava arremessar -- que gozo! estar solteiro! --
Os filhos naturais à roda dos expostos...

Mas não, não pode ser... Deite-se um grande véu...
De resto, a dignidade e a corrupção... que sonhos!
Todos os figurões cortejam-no risonhos
E um padre que ali vai tirou-lhe o solidéu.

E o desgraçado? Ah! Ah! Foi para a vala imensa,
Na tumba, e sem o adeus dos rudes camaradas:
Isto porque o patrão negou-lhes a licença,
O inverno estava à porta e as obras atrasadas.

E antes, ao soletrar a narração do fato,
Vinda numa local hipócrita e ligeira,
Berrara ao empreiteiro, um tanto estupefato:
Morreu!? Pois não caísse! Alguma bebedeira!"

Contrariedades

Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros

Consecutivamente.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Sentei-me à secretaria. Ali defronte mora
Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;
Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes
E engoma para fora.

Pobre esqueleto branco entre as nevadas roupas!
Tão lívida! O doutor deixou-a. Mortifica.
Lidando sempre! E deve a conta na botica!
Mal ganha para sopas...

O obstáculo estimula, torna-nos perversos;
Agora sinto-me eu cheio de raivas frias,
Por causa dum jornal me rejeitar, há dias,
Um folhetim de versos.

Que mau humor! Rasguei uma epopéia morta
No fundo da gaveta. O que produz o estudo?
Mais duma redação, das que elogiam tudo,
Me tem fechado a porta.

A crítica segundo o método de Taine
Ignoram-na. Juntei numa fogueira imensa
Muitíssimos papéis inéditos. A imprensa
Vale um desdém solene.

Com raras exceções merece-me o epigrama.

Deu meia-noite; e em paz pela calçada abaixo,
Soluça um sol-e-dó. Chuvisca. O populacho
Diverte-se na lama.

Eu nunca dediquei poemas às fortunas,
Mas sim, por deferência, a amigos ou a artistas.
Independente! Só por isso os jornalistas
Me negam as colunas.

Receiam que o assinante ingênuo os abandone,
Se forem publicar tais coisas, tais autores.
Arte? Não lhes convém, visto que os seus leitores
Deliram por Zaccone.

Um prosador qualquer desfruta fama honrosa,
Obtém dinheiro, arranja a sua *coterie*,
E a mim, não há questão que mais me contrarie
Do que escrever em prosa.

A adulação repugna aos sentimentos finos;
Eu raramente falo aos nossos literatos,
E apuro-me em lançar originais e exatos,
Os meus alexandrinos...

E a tísica? Fechada, e com o ferro aceso!
Ignora que a asfixia a combustão das brasas,
Não foge do estendal que lhe umedece as casas,
E fina-se ao desprezo!

Mantém-se a chá e pão! Antes entrar na cova.
Esvai-se; e todavia, à tarde, fracamente,
Oiço-a cantarolar uma canção plangente
Duma opereta nova!

Perfeitamente. Vou findar sem azedume.
Quem sabe se depois, eu rico e noutros climas,
Conseguirei reler essas antigas rimas,
Impressas em volume?

Nas letras eu conheço um campo de manobras;
Emprega-se a *réclame*, a intriga, o anúncio, a *blague*,
E esta poesia pede um editor que pague
Todas as minhas obras...

E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha!

A débil

Eu, que sou feio, sólido, leal,
A ti, que és bela, frágil, assustada,
Quero estimar-te, sempre, recatada
Numa existência honesta, de cristal.

Sentado à mesa dum café devasso,
Ao avistar-te, há pouco, fraca e loura,
Nesta Babel tão velha e corruptora,
Tive tenções de oferecer-te o braço.

E, quando socorreste um miserável,

Eu, que bebia cálices de absinto,
Mandei ir a garrafa, porque sinto
Que me tornas prestante, bom, saudável.

“Ela aí vem!” disse eu para os demais;
E pus-me a olhar, vexado e suspirando,
O teu corpo que pulsa, alegre e brando,
Na frescura dos linhos matinais.

Via-te pela porta envidraçada;
E invejava, -- talvez que não o suspeites! --
Esse vestido simples, sem enfeites,
Nessa cintura tenra, imaculada.

Ia passando, a quatro, o patriarca.
Triste eu saí. Doía-me a cabeça.
Uma turba ruidosa, negra, espessa,
Voltava das exéquias dum monarca.

Adorável! Tu, muito natural,
Seguias a pensar no teu bordado;
Avultava, num largo arborizado,
Uma estátua de rei num pedestal.

Sorriam, nos seus trens, os titulares;
E ao claro sol, guardava-te, no entanto,
A tua boa mãe, que te ama tanto,
Que não te morrerá sem te casares!

Soberbo dia! Impunha-me respeito
A limpidez do teu semblante grego;
E uma família, um ninho de sossego,
Desejava beijar sobre o teu peito.

Com elegância e sem ostentação,
Atravessavas branca, esvelta e fina,
Uma chusma de padres de batina,
E de altos funcionários da nação.

"Mas se a atropela o povo turbulento!
Se fosse, por acaso, ali pisada!"
De repente, paraste embaraçada
Ao pé dum numeroso ajuntamento.

E eu, que urdia estes fáceis esbocetos,
Julguei ver, com a vista de poeta,
Uma pombinha tímida e quieta
Num bando ameaçador de corvos pretos.

E foi, então, que eu, homem varonil,
Quis dedicar-te a minha pobre vida,
A ti, que és tênue, dócil, recolhida,
Eu, que sou hábil, prático, viril.

Num bairro moderno

A Manuel Ribeiro

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadamizada.

Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas.

Como é saudável ter o seu conchego,
E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego,
Aonde agora quase sempre chego
Com as tonturas duma apoplexia.

E rota, pequenina, azafamada,
Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo duma escada,
Como um retalho de horta aglomerada,
Pousara, ajoelhando, a sua giga.

E eu, apesar do sol, examinei-a:
Pôs-se de pé; ressoam-lhe os tamancos;
E abre-se lhe o algodão azul da meia,
Se ela se curva, esguedelhada, feia,
E pendurando os seus bracinhos brancos.

Do patamar responde-lhe um criado:
"Se te convém, despacha; não converses.
Eu não dou mais." E muito descansado,
Atira um cobre lívido, oxidado,
Que vem bater nas faces duns alperces.

Subitamente -- que visão de artista! --
Se eu transformasse os simples vegetais,
À luz do Sol, o intenso colorista,
Num ser humano que se mova e exista

Cheio de belas proporções carnais?!

Bóiam aromas, fumos de cozinha;
Com o cabaz às costas, e vergando,
Sobem padeiros, claros de farinha;
E às portas, uma ou outra campainha
Toca, frenética, de vez em quando.

E eu recompunha, por anatomia,
Um novo corpo orgânico, aos bocados.
Achava os tons e as formas. Descobria
Uma cabeça numa melancia
E nuns repolhos seios injetados.

As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajeite;
E os nabos -- ossos nus, da cor do leite,
E os cachos de uvas -- os rosários de olhos.

Há colos, ombros, bocas, um semblante
Nas posições de certos frutos. E entre
As hortaliças, túmido, fragrante,
Como dalguém que tudo aquilo jante,
Surge um melão, que me lembrou um ventre.

E, como um feto, enfim, que se dilate,
Vi nos legumes carnes tentadoras,
Sangue na ginja vívida, escarlate,
Bons corações pulsando no tomate
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras.

O Sol dourava o céu. E a regateira,
Como vendera a sua fresca alface

E dera o ramo de hortelã que cheira,
Voltando-se, gritou-me, prazenteira:
“Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...”

Eu acerquei-me dela, sem desprezo;
E, pelas duas asas a quebrar,
Nós levantamos todo aquele peso
Que ao chão de pedra resistia preso,
Com um enorme esforço muscular.

“Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!”
E recebi, naquela despedida,
As forças, a alegria, a plenitude,
Que brotam dum excesso de virtude
Ou duma digestão desconhecida.

E enquanto sigo para o lado oposto,
E ao longe rodam umas carruagens,
A pobre afasta-se, ao calor de Agosto,
Descolorida nas maçãs do rosto,
E sem quadris na saia de ramagens.

Um pequerrucho rega a trepadeira
Duma janela azul; e, com o ralo
Do regador, parece que joeira
Ou que borrifa estrelas; e a poeira
Que eleva nuvens alvas a incensá-lo.

Chegam do gigo emanações sadias,
Oiço um canário -- que infantil chilrada! --
Lidam *ménages* entre as gelosias,
E o sol estende, pelas frontarias,
Seus raios de laranja destilada.

E pitoresca e audaz, na sua chita,
O peito erguido, os pulsos nas ilhargas,
Duma desgraça alegre que me incita,
Ela apregoa, magra, enfezadita,
As suas couves repolhudas, largas.

E, como as grossas pernas dum gigante,
Sem tronco, mas atléticas, inteiras,
Carregam sobre a pobre caminhante,
Sobre a verdura rústica, abundante,
Duas frugais abóboras carneiras.

Noites gélidas

Merina

Rosto comprido, airosa, angelical, macia,
Por vezes, a alemã que eu sigo e que me agrada,
Mais alva que o luar de inverno que me esfria,
Nas ruas a que o gás dá noites de balada;

Sob os abafos bons que o Norte escolheria,
Com seu passinho curto e em suas lãs forrada,
Recorda-me a elegância, a graça, a galhardia
De uma ovelhinha branca, ingênua e delicada.

Sardenta

Tu, nesse corpo completo,
Ó láctea virgem doirada,
Tens o linfático aspecto
Duma camélia melada.

Cristalizações

A Bettencourt Rodrigues

Faz frio. Mas, depois duns dias de aguaçeiros,
Vibra uma imensa claridade crua.
De cócoras, em linha os calceteiros,
Com lentidão, terrosos e grosseiros,
Calçam de lado a lado a longa rua.

Como as elevações secaram do relento,
E o descoberto Sol abafa e cria!
A frialdade exige o movimento;
E as poças de água, como um chão vidrento,
Refletem a molhada casaria.

Em pé e perna, dando aos rins que a marcha agita,
Disseminadas, gritam as peixeiras;
Luzem, aquecem na manhã bonita,

Uns barracões de gente pobrezita
E uns quintalórios velhos com parreiras.

Não se ouvem aves; nem o choro duma nora!
Tomam por outra parte os viandantes;
E o ferro e a pedra -- que união sonora! --
Retinem alto pelo espaço fora,
Com choques rijos, ásperos, cantantes.

Bom tempo. E os rapagões, morosos, duros, baços,
Cuja coluna nunca se endireita,
Partem penedos; cruzam-se estilhaços.
Pesam enormemente os grossos maços,
Com que outros batem a calçada feita.

A sua barba agreste! A lã dos seus barretes!
Que espessos forros! Numa das regueiras
Acamam-se as japonas, os coletes;
E eles descalçam com os picaretes,
Que ferem lume sobre pederneiras.

E nesse rude mês, que não consente as flores,
Fundeiam, como a esquadra em fria paz,
As árvores despidas. Sóbrias cores!
Mastros, enxárcias, vergas! Valadores
Atiram terra com as largas pás.

Eu julgo-me no Norte, ao frio -- o grande agente! --
Carros de mão, que chiam carregados,
Conduzem saibro, vagarosamente;
Vê-se a cidade, mercantil, contente:
Madeiras, águas, multidões, telhados!

Negrejam os quintais, enxuga a alvenaria;

Em arco, sem as nuvens flutuantes,
O céu renova a tinta corredia;
E os charcos brilham tanto, que eu diria
Ter ante mim lagoas de brilhantes!

E engelhem, muito embora, os fracos, os tolhidos,
Eu tudo encontro alegremente exato.
Lavo, refresco, limpo os meus sentidos.
E tangem-me, excitados, sacudidos,
O tato, a vista, o ouvido, o gosto, o olfato!

Pede-me o corpo inteiro esforços na friagem
De tão lavada e igual temperatura!
Os ares, o caminho, a luz reagem;
Cheira-me a fogo, a sílex, a ferragem;
Sabe-me a campo, a lenha, a agricultura.

Mal encarado e negro, um pára enquanto eu passo,
Dois assobiam, altas as marretas
Possantes, grossas, temperadas de aço;
E um gordo, o mestre, com um ar ralaço
E manso, tira o nível das valetas.

Homens de carga! Assim as bestas vão curvadas!
Que vida tão custosa! Que diabo!
E os cavadores pousam as enxadas,
E cospem nas calosas mãos gretadas,
Para que não lhes escorregue o cabo.

Povo! No pano cru rasgado das camisas
Uma bandeira penso que transluz!
Com ela sofres, bebes, agonizas;
Listrões de vinho lançam-lhe divisas,
E os suspensórios traçam-lhe uma cruz!

De escuro, bruscamente, ao cimo da barroca,
Surge um perfil direito que se aguça;
E ar matinal de quem saiu da toca,
Uma figura fina, desemboca,
Toda abafada num casaco à russa.

Donde ela vem! A atriz que tanto cumprimento
E a quem, à noite na platéia, atraio
Os olhos lisos como polimento!
Com seu rostinho estreito, friorento,
Caminha agora para o seu ensaio.

E aos outros eu admiro os dorsos, os costados
Como lajões. Os bons trabalhadores!
Os filhos das lezírias, dos montados:
Os das planícies, altos, aprumados;
Os das montanhas, baixos, trepadores!

Mas fina de feições, o queixo hostil, distinto,
Furtiva a tiritar em suas peles,
Espanta-me a atrizita que hoje pinto,
Neste Dezembro enérgico, sucinto,
E nestes sítios suburbanos, reles!

Como animais comuns, que uma picada esquente,
Eles, bovinos, másculos, ossudos,
Encaram-na sanguínea, brutamente:
E ela vacila, hesita, impaciente
Sobre as botinhas de tacões agudos.

Porém, desempenhando o seu papel na peça,
Sem que inda o público a passagem abra,
O demonico arrisca-se, atravessa

Covas, entulhos, lamaçais, depressa,
Com seus pezinhos rápidos, de cabra!

Noite fechada

(L.)

Lembras-te tu do sábado passado,
Do passeio que demos, devagar,
Entre um saudoso gás amarelado
E as carícias leitosas do luar?

Bem me lembro das altas ruazinhas,
Que ambos nós percorremos de mãos dadas:
Às janelas palravam as vizinhas;
Tinham lívidas luzes as fachadas.

Não me esqueço das cousas que disseste,
Ante um pesado templo com recortes;
E os cemitérios ricos, e o cipreste
Que vive de gorduras e de mortes!

Nós saíramos próximo ao sol-posto,
Mas seguíamos cheios de demoras;
Não me esqueceu ainda o meu desgosto
Nem o sino rachado que deu horas.

Tenho ainda gravado no sentido,
Porque tu caminhavas com prazer,
Cara rapada, gordo e presumido,
O padre que parou para te ver.

Como uma mitra a cúpula da igreja
Cobria parte do ventoso largo;
E essa boca viçosa de cereja
Torcia risos com sabor amargo.

A lua dava trêmulas brancuras,
Eu ia cada vez mais magoado;
Vi um jardim com árvores escuras,
Como uma jaula todo gradeado!

E para te seguir entrei contigo
Num pátio velho que era dum canteiro,
E onde, talvez, se faça inda o jazigo
Em que eu irei apodrecer primeiro!

Eu sinto ainda a flor da tua pele,
Tua luva, teu véu, o que tu és!
Não sei que tentação é que te impele
Os pequeninos e cansados pés.

Sei que em tudo atentavas, tudo vias!
Eu por mim tinha pena dos marçanos,
Como ratos, nas gordas mercearias,
Encafurnados por imensos anos!

Tu sorrias de tudo: os carvoeiros,
Que aparecem ao fundo dumas minas,
E à crua luz os pálidos barbeiros
Com óleos e maneiras femininas!

Fins de semana! Que miséria em bando!
O povo folga, estúpido e grisalho!
E os artistas de ofício iam passando,
Com as férias, ralados do trabalho.

O quadro interior, dum que à candeia,
Ensina a filha a ler, meteu-me dó!
Gosto mais do plebeu que cambaleia,
Do bêbado feliz que fala só!

De súbito, na volta de uma esquina,
Sob um bico de gás que abria em leque,
Vimos um militar, de barretina
E galões marciais de pechisbeque,

E enquanto ele falava ao seu namoro,
Que morava num prédio de azulejo,
Nos nossos lábios retiniu sonoro
Um vigoroso e formidável beijo!
E assim ao meu capricho abandonada,
Erramos por travessas, por vielas,
E passamos por pé duma tapada
E um palácio real com sentinelas.

E eu que busco a moderna e fina arte,
Sobre a umbrosa calçada sepulcral,
Tive a rude intenção de violentar-te
Imbecilmente, como um animal!

Mas ao rumor dos ramos e da aragem,
Como longínquos bosques muito ermos,
Tu querias no meio da folhagem

Um ninho enorme para nós vivermos.

E ao passo que eu te ouvia abstratamente,
Ó grande pomba tépida que arrulha,
Vinham batendo o macadame fremente,
As patadas sonoras da patrulha,

E através a imortal cidadezinha,
Nós fomos ter às portas, às barreiras,
Em que uma negra multidão se apinha
De tecelões, de fumos, de caldeiras.

Mas a noite dormente e esbranquiçada
Era uma esteira lúcida de amor;
Ó jovial senhora perfumada,
Ó terrível criança! Que esplendor!

E ali começaria o meu desterro!...
Lodoso o rio, e glacial, corria;
Sentamo-nos, os dois, num novo aterro
Na muralha dos cais de cantaria.

Nunca mais amarei, já que não amas,
E é preciso, decerto, que me deixes!
Toda a maré luzia como escamas,
Como alguidar de prateados peixes.

E como é necessário que eu me afoite
A perder-me de ti por quem existo,
Eu fui passar ao campo aquela noite
E andei léguas a pé, pensando nisto.

E tu que não serás somente minha,
Às carícias leitosas do luar,

Recolheste-te, pálida e sozinha,
À gaiola do teu terceiro andar!

Num álbum

I

És uma tentadora: o teu olhar amável
Contém perfeitamente um poço de maldade,
E o colo que te ondula, o colo inexorável
Não sabe o que é paixão, e ignora o que é bondade.

II

Quando me julgas preso a eróticas cadeias
Radia-te na fronte o céu das alvoradas,
E quando choro então é quando garganteias
As óperas de Verdi e as árias estimadas.

III

Mas eu hei-de afinal seguir-te a toda parte,
E um dia quando eu for a sombra dos teus passos,
Tantos crimes terás, que eu hei-de processar-te,
E enfim hás-de morrer na forca dos meus braços.

Em petiz

I

De tarde

Mais morta do que viva, a minha companheira
Nem força teve em si para soltar um grito;
E eu, nesse tempo, um destro e bravo rapazito,
Como um homenzarrão servi-lhe de barreira!

Em meio de arvoredo, azenhas e ruínas,
Pulavam para a fonte as bezerrinhas brancas;
E, tetas a abanar, as mães, de largas ancas,
Desciam mais atrás, malhadas e turinas.

Do seio do lugar -- casitas com postigos --
Vem-nos o leite. Mas batizam-no primeiro.
Leva-o, de madrugada, em bilhas, o leiteiro,
Cujo pregão vos tira ao vosso sono, amigos!

Nós dávamos, os dois, um giro pelo vale:

Várzeas, povoações, pegos, silêncios vastos!
E os fartos animais, ao recolher dos pastos,
Roçavam pelo teu “costume de percale”.

Já não receias tu essa vaquita preta,
Que eu segurei, prendi por um chavelho? Juro
Que estavas a tremer, cosida com o muro,
Ombros em pé, medrosa, e fina, de luneta!

II

Os irmãozinhos

Pois eu, que no deserto dos caminhos,
Por ti me expunha imenso, contra as vacas;
Eu, que apartava as mansas das velhacas,
Fugia com terror dos pobrezinhos!

Vejo-os no pátio, ainda! Ainda os ouço!
Os velhos, que nos rezam padre-nossos;
Os mandriões que rosnam, altos, grossos;
E os cegos que se apóiam sobre o moço.

Ah! Os ceguinhos com a cor dos barros,
Os que a poeira no suor mascarra,
Chegam das feiras a tocar guitarra,
Rolam os olhos como dois escarros!

E os pobres metem medo! Os de marmita,
Para forrar, por ano, alguns patacos,
Entrapam-se nas mantas com buracos,
Choramingando, a voz rachada, aflita.

Outros pedincham pelas cinco chagas;

E no poial, tirando as ligaduras,
Mostram as pernas pútridas, maduras,
Com que se arrastam pelas azinhagas!

Querem viver! E picam-se nos cardos;
Correm as vilas; sobem os outeiros;
E às horas de calor, nos esterqueiros,
De roda deles zumbem os moscardos.

Aos sábados, os monstros, que eu lamento,
Batiam ao portão com seus cajados;
E um aleijado com os pés quadrados,
Pedia-nos de cima de um jumento.

O resmungão! Que barbas! Que sacolas!
Cheirava a migas, a bafio, a arrotos;
Dormia as noutes por telheiros rotos,
E sustentava o burro a pão de esmolas.

*

Ó minha loura e doce como um bolo!
Afável hóspeda na nossa casa,
Logo que a tórrida cidade abrasa,
Como um enorme forno de tijolo!

Tu visitavas, esmoler, garrida,
Umas crianças num casal queimado;
E eu, pela estrada, espicaçava o gado,
Numa atitude esperta e decidida.

Por lobisomens, por papões, por bruxas,
Nunca sofremos o menor receio.

Temíveis, vós, porém, o meu asseio,
Mendigazitas sórdidas, gorduchas!

Vícios, sezões, epidemias, furtos,
Decerto, fermentavam entre lixos;
Que podridão cobria aqueles bichos!
E que luar nos teus fatinhos curtos!

*

Sei de uma pobre, apenas, sem desleixos,
Ruça, descalça, a trote nos atalhos,
E que lavava o corpo e os seus retalhos
No rio, ao pé dos choupos e dos freixos.

E a douda a quem chamavam a "Ratada"
E que falava só! Que antipatia!
E se com ela a malta contendia,
Quanta indecência! Quanta palavrada!

Uns operários, nestes descampados,
Também surdiam, de chapéu de coco.
Dizendo-se, de olhar rebelde e louco.
Artistas despedidos, desgraçados.

Muitos! E um bêbedo - o Camões - que fora
Rico, e morreu a mendigar, zarolho,
Com uma pala verde sobre um olho!
Tivera ovelhas, bois, mulher, lavoura.

E o resto? Bandos de selvagenzinhos:
Um nu que se gabava de maroto;
Um, que cortada a mão, coçava o coto,
E os bons que nos tratavam por padrinhos.

Pediam fatos, botas, cobertores!
Outro jogava bem o pau, e vinha
Chorar, humilde, junto da cozinha!
“Cinco-réizinhos!... Nobres benfeitores!...”

E quando alguns ficavam nos palheiros,
E de manhã catavam os piolhos:
Enquanto o sol batia nos restolhos
E os nossos cães ladravam, rezingueiros!

Hoje entristeço. Lembro-me dos coxos,
Dos surdos, dos manhosos, dos manetas.
Socavam as calçadas, as muletas;
Cantavam, no pomar, os pintarroxos!

III

Histórias

Cismático, doente, azedo, apoquentado,
Eu agourava o crime, as facas, a enxovia,
Assim que um besuntão dos tais se apercebia
Da minha bluza azul e branca, de riscado.

Mináveis-me, ao serão, a cabecita loira.
Com contos de província, ingênuas criaditas:
Quadrilhas assaltando as quintas mais bonitas,
E pondo a gente fina, em postas, de salmoira!

Na noite velha, a mim, como tições ardendo,

Fitavam-me os olhões pesados das ciganas;
Deitavam-nos o fogo aos prédios e arribanas;
Cercava-me um incêndio ensanguentado, horrendo.

E eu que era um cavalão, eu que fazia pinos,
Eu que jogava a pedra, eu que corria tanto;
Sonhava que os ladrões -- homens de quem me espanto --
Roubavam para azeite a carne dos meninos!

E protegia-te eu, naquele Outono brando,
Mal tu sentias, entre as serras esmoitadas,
Gritos de maiorais, mugidos de boiadas,
Branca de susto, meiga e míope, estacando!

Manhãs brumosas

Aquela, cujo amor me causa alguma pena,
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,
Por entre o campo e o mar, bucólica, morena,
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

Que línguas fala? A ouvir-lhe as inflexões inglesas,
-- Na névoa azul, a caça, as pescas, os rebanhos! --
Sigo-lhe os altos pés por estas asperezas;
E o meu desejo nada em época de banhos,
E, ave de arribação, ele enche de surpresas
Seus olhos de perdiz, redondos e castanhos.

As Irlandesas têm soberbos desmazelos!
Ela descobre assim, com lentidões ufanas,

Alta, escorrida, abstrata, os grossos tornozelos;
E como aquelas são marítimas, serranas,
Sugere-me o naufrágio, as músicas, os gelos
E as redes, a manteiga, os queijos, as choupanas.

Parece um *rural boy!* Sem brincos nas orelhas,
Traz um vestido claro a comprimir-lhe os flancos,
Botões a tiracolo e aplicações vermelhas;
E à roda, num país de prados e barrancos,
Se as minhas mágoas vão, mansíssimas ovelhas,
Correm os seus desdéns, como vitelos brancos.

E aquela, cujo amor me causa alguma pena,
Põe o chapéu ao lado, abre o cabelo à banda,
E com a forte voz cantada com que ordena,
Lembra-me, de manhã, quando nas praias anda,
Por entre o campo e o mar, católica, morena,
Uma pastora audaz da religiosa Irlanda.

O sentimento dum ocidental

A Guerra Junqueiro

I

Ave-Maria

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Há tal soturnidade, há tal melancolia,
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,
O gás extravasado enjoa-me, perturba;
E os edifícios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se duma cor monótona e londrina.

Batem os carros de aluguer, ao fundo,
Levando à via-férrea os que se vão. Felizes!
Ocorrem-me em revista, exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações somente emadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao ombro, enfarruscados, secos;
Embrenho-me, a cismar, por boqueirões, por becos,
Ou erro pelos cais a que se atracam botes.

E evoco, então, as crônicas navais:
Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!
Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado!

Singram soberbas naus que eu não verei jamais!

E o fim da tarde inspira-me; e incomoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flamejam, ao jantar, alguns hotéis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um trôpego arlequim braceja numas andas;
Os querubins do lar flutuam nas varandas;
Às portas, em cabelo, enfadam-se os lojistas!

Vazam-se os arsenais e as oficinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, hercúleas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vêm sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, à cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã à noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe podre gera os focos de infecção!

II

Noite fechada

Toca-se às grades, nas cadeias. Som
Que mortifica e deixa umas loucuras mansas!

A aljube, em que hoje estão velhinhas e crianças,
Bem raramente encerra uma mulher de “dom”!

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.

Na parte que abateu no terremoto
Muram-me as construções retas, iguais, crescidas;
Afrontam-me, no resto, as íngremes subidas,
E os sinos dum tanger monástico e devoto.

Mas, num recinto público e vulgar,
Com bancos de namoro e exíguas pimenteiras,
Brônzeo, monumental, de proporções guerreiras,
Um épico doutrora ascende, num pilar!

E eu sonho o Cólera, imagino a Febre,
Nesta acumulação de corpos enfezados;
Sombrios e espectrais recolhem os soldados;
Inflama-se um palácio em face de um casebre.

Partem patrulhas de cavalaria

Dos arcos dos quartéis que foram já conventos:
Idade Média! A pé, outras, a passos lentos,
Derramam-se por toda a capital, que esfria.

Triste cidade! Eu temo que me avives
Uma paixão defunta! Aos lampiões distantes,
Enlutam-me, alvejando, as tuas elegantes,
Curvadas a sorrir às montras dos ourives.

E mais: as costureiras, as floristas
Descem dos *magasins*, causam-me sobressaltos;
Custa-lhes a elevar os seus pescoços altos
E muitas delas são comparsas ou coristas.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assunto a quadros revoltados:
Entro na *brasserie*, às mesas de emigrados,
Ao riso e à crua luz joga-se o dominó.

III

Ao gás

E saio. A noite pesa, esmaga. Nos
Passeios de lajedo arrastam-se as impuras.
Ó moles hospitais! Sai das embocaduras

um sopro que arrepia os ombros quase nus.

Cercam-me as lojas, tépidas. Eu penso
Ver círios laterais, ver filas de capelas,
Com santos e fiéis, andores, ramos, velas,
Em uma catedral de um comprimento imenso.

As burguesinhas do Catolicismo
Resvalam pelo chão minado pelos canos;
E lembram-me, ao chorar doente dos pianos,
As freiras que os jejuns matavam de histerismo.

Num cutileiro, de avental, ao torno,
Um forjador maneja um malho, rubramente;
E de uma padaria exala-se, inda quente,
Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu que medito um livro que exacerbe,
Quisera que o real e a análise mo dessem;
Casas de confecções e modas resplandecem;
Pelas *vitrines* olha um ratoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
Com versos magistrais, salubres e sinceros,
A esguia difusão dos vossos reverberos,
E a vossa palidez romântica e lunar!

Que grande cobra, a lúbrica pessoa,
Que espartilhada escolhe uns xales com debuxo!
Sua excelência atrai, magnética, entre luxo,
Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquela velha, de bandós! Por vezes,

A sua *traîne* imita um leque antigo, aberto,
Nas barras verticais, a duas tintas. Perto,
Escarvam, à vitória, os seus mecklemburgueses.

Desdobram-se tecidos estrangeiros;
Plantas ornamentais secam nos mostradores;
Flocos de pós-de-arroz pairam sufocadores,
E em nuvens de cetins requebram-se os caixeiros.

Mas tudo cansa! Apagam-se nas frentes
Os candelabros, como estrelas, pouco a pouco;
Da solidão regouga um cauteleiro rouco;
Tornam-se mausoléus as armações fulgentes.

"Dó da miséria!... Compaixão de mim!...
E, nas esquinas, calvo, eterno, sem repouso,
Pede-me sempre esmola um homenzinho idoso,
Meu velho professor nas aulas de Latim!

IV

Horas mortas

O teto fundo de oxigênio, de ar,
Estende-se ao comprido, ao meio das trapeiras;
Vêm lágrimas de luz dos astros com olheiras,
Enleva-se a quimera azul de transmigrar.

Por baixo, que portões! Que arruamentos!
Um parafuso cai nas lajes, às escuras:

Colocam-se taipais, rangem as fechaduras,
E os olhos dum caleche espantam-me, sangrentos.

E eu sigo, como as linhas de uma pauta
A dupla correnteza augusta das fachadas;
Pois sobem, no silêncio, infaustas e trinadas,
As notas pastoris de uma longínqua flauta.

Se eu não morresse, nunca! E eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das cousas!
Esqueço-me a prever castíssimas esposas,
Que aninhem em mansões de vidro transparente!

Ó nossos filhos! Que de sonhos agéis,
Pousando, vos trarão a nitidez às vidas!
Eu quero as vossas mães e irmãs estremecidas,
Numas habitações translúcidas e frágeis.

Ah! Como a raça ruiva do porvir,
E as frotas dos avós, e os nômadas ardentes,
Nós vamos explorar todos os continentes
E pelas vastidões aquáticas seguir!

Mas se vivemos, os emparedados,
Sem árvores, no vale escuro das muralhas!...
Julgo avistar, na treva, as folhas das navalhas
E os gritos de socorro ouvir, estrangulados.

E nestes nebulosos corredores
Nauseiam-me, surgindo, os ventres das tabernas;
Na volta, com saudade, e aos bordos sobre as pernas,
Cantam, de braço dado, uns tristes bebedores.

Eu não receio, todavia, os roubos;

Afastam-se, a distância, os dúbios caminhantes;
E sujos, sem ladrar, ósseos, febris, errantes,
Amareladamente, os cães parecem lobos.

E os guardas, que revistam as escadas,
Caminham de lanterna e servem de chaveiros;
Por cima, os imorais, nos seus roupões ligeiros,
Tossem, fumando sobre a pedra das sacadas.

E, enorme, nesta massa irregular
De prédios sepulcrais, com dimensões de montes,
A Dor humana busca os amplos horizontes,
E tem marés, de fel, como um sinistro mar!

De tarde

Naquele *pic-nic* de burguesas,
Houve uma coisa simplesmente bela,
E que, sem ter história nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aquarela.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão-de-bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima duns penhascos,
Nós acampamos, inda o Sol se via;

E houve talhadas de melão, damascos,
E pão-de-ló molhado em malvasia.

Mas, todo púrpuro a sair da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!

De verão

I

No campo; eu acho nele a musa que me anima:
A claridade, a robustez, a ação.
Esta manhã, saí com minha prima,
Em quem eu noto a mais sincera estima
E a mais completa e séria educação.

II

Criança encantadora! Eu mal esboço o quadro
Da lírica excursão, de intimidade.
Não pinto a velha ermida com seu adro;
Sei só desenho de compasso e esquadro,
Respiro indústria, paz, salubridade.

III

Andam cantando aos bois; vamos cortando as leiras;
E tu dizias: “Fumas? E as fagulhas?
Apaga o teu cachimbo junto às eiras;
Colhe-me uns brincos rubros nas ginjeiras!
Quanto me alegra a calma das debulhas!”

IV

E perguntavas sobre os últimos inventos
Agrícolas. Que aldeias tão lavadas!
Bons ares! Boa luz! Bons alimentos!
Olha: Os saloios vivos, corpulentos,
Como nos fazem grandes barretadas!

V

Voltemos. Na ribeira abundam as ramagens
Dos olivais escuros. Onde irás?
Regressam os rebanhos das pastagens;
Ondeiam milhos, nuvens e miragens,
E, silencioso, eu fico para trás.

VI

Numa colina azul brilha um lugar caiado.
Belo! E arrimada ao cabo da sombrinha,
Com teu chapéu de palha, desabado,

Tu continuas na azinhaga; ao lado
Verdeja, vicejante, a nossa vinha.

VII

Nisto, parando, como alguém que se analisa,
Sem desprender do chão teus olhos castos,
Tu começaste, harmônica, indecisa,
A arregaçar a chita, alegre e lisa
Da tua cauda um poucochinho a rastos.

VIII

Espreitam-te, por cima, as frestas dos celeiros;
O Sol abrasa as terras já ceifadas,
E alvejam-te, na sombra dos pinheiros,
Sobre os teus pés decentes, verdadeiros,
As saias curtas, frescas, engomadas.

IX

E, como quem saltasse, extravagantemente,
Um rego de água sem se enxovalhar,
Tu, a austera, a gentil, a inteligente,
Depois de bem composta, deste à frente

Uma pernada cômica, vulgar!

X

Exótica! E cheguei-me ao pé de ti. Que vejo!
No atalho enxuto, e branco das espigas
Caídas das carradas no salmejo,
Esguio e a negrejar em um cortejo,
Destaca-se um carreiro de formigas.

XI

Elas, em sociedade, espertas, diligentes,
Na natureza trêmula de sede,
Arrastam bichos, uvas e sementes;
E atulham, por instinto, previdentes,
Seus antros quase ocultos na parede.

XII

E eu desatei a rir como qualquer macaco!
"Tu não as esmagares contra o solo!"
E ria-me, eu ocioso, inútil, fraco,
Eu de jasmim na casa do casaco
E de óculo deitado a tiracolo!

XIII

"As ladras da colheita! Eu se trouxesse agora
Um sublimado corrosivo, uns pós
De solimão, eu, sem maior demora,
Envenená-las-ia! Tu, por ora,
Preferes o romântico ao feroz.

XIV

Que compaixão! Julgava até que matarias
Esses insetos importunos! Basta.
Merecem-te espantosas simpatias?
Eu felicito suas senhorias,
Que honraste com um pulo de ginasta!"

XV

E enfim calei-me. Os teus cabelos muito loiros
Luziam, com doçura, honestamente;
De longe o trigo em monte, e os calcadoiros,
Lembravam-me fusões de imensos oiros,
E o mar um prado verde e florescente.

XVI

Vibravam, na campina, as chocas da manada;
Vinham uns carros a gemer no outeiro,
E finalmente, enérgica, zangada,
Tu inda assim bastante envergonhada,
Volveste-me, apontando o formigueiro:

XVII

"Não me incomode, não, com ditos detestáveis!
Não seja simplesmente um zombador!
Estas mineiras negras, incansáveis,
São mais economistas, mais notáveis,
E mais trabalhadoras que o senhor."

Nós

A A. de S. V.

I

Foi quando em dois verões, seguidamente, a Febre
E o Cólera também andaram na cidade,

Que esta população, com um terror de lebre,
Fugiu da capital como da tempestade.

Ora, meu pai, depois das nossas vidas salvas
(Até então nós só tivéramos sarampo),
Tanto nos viu crescer entre uns montões de malvas
Que ele ganhou por isso um grande amor ao campo!

Se acaso o conta, ainda a fronte se lhe enruga:
O que se ouvia sempre era o dobrar dos sinos;
Mesmo no nosso prédio, os outros inquilinos
Morreram todos. Nós salvamo-nos na fuga.

Na parte mercantil, foco de epidemia,
Um pânico! Nem um navio entrava a barra,
A alfândega parou, nenhuma loja abria,
E os turbulentos cais cessaram a algazarra.

Pela manhã, em vez dos trens dos batizados,
Rodavam sem cessar as seges dos enterros.
Que triste a sucessão dos armazéns fechados!
Como um domingo inglês na *city*, que desterros!

Sem canalização, em muitos burgos ermos
Secavam dejeções cobertas de mosqueiros.
E os médicos, ao pé dos padres e coveiros,
Os últimos fiéis, tremiam dos enfermos!

Uma iluminação a azeite de purgueira,
De noite amarelava os prédios macilentos.
Barricas de alcatrão ardiam; de maneira
Que tinham tons de inferno outros arruamentos.

Porém, lá fora, à solta, exageradamente,

Enquanto acontecia essa calamidade,
Toda a vegetação, pletórica, potente,
Ganhava imenso com a enorme mortandade!

Num ímpeto de seiva os arvoredos fartos,
Numa opulenta fúria as novidades todas,
Como uma universal celebração de bodas,
Amaram-se! E depois houve soberbos partos.

Por isso, o chefe antigo e bom da nossa casa,
Triste de ouvir falar em órfãos e em viúvas,
E em permanência olhando o horizonte em brasa,
Não quis voltar senão depois das grandes chuvas.

Ele, dum lado, via os filhos achacados,
Um lívido flagelo e uma moléstia horrenda!
E via, do outro lado, eiras, lezírias, prados,
E um salutar refúgio e um lucro na vivenda!

E o campo, desde então, segundo o que me lembro,
É todo o meu amor de todos estes anos!
Nós vamos para lá; somos provincianos,
Desde o calor de maio aos frios de Novembro!

II

Que de fruta! E que fresca e temporã,
Nas duas boas quintas bem muradas;
Em que o Sol, nos talhões e nas latadas,
Bate de chapa, logo de manhã!

O laranjal de folhas negrejantes,

(Porque os terrenos são resvaladiços)
Desce em socalcos todos os maciços,
Como uma escadaria de gigantes.

Das courelas, que criam cereais,
De que os donos -- ainda! -- pagam foros,
Dividem-no fechados pitosporos,
Abrigos de raízes verticais.

Ao meio, a casaria branca assenta
À beira da calçada, que divide
Os escuros pomares de pevide,
Da vinha, numa encosta soalhenta!

Entretanto, não há maior prazer
Do que, na placidez das duas horas,
Ouvir e ver, entre o chiar das noras,
No largo tanque as bicas a correr!

Muito ao fundo, entre olmeiros seculares,
Seca o rio! Em três meses de estiagem,
O seu leito é um atalho de passagem,
Pedregosíssimo, entre dois lugares.

Como lhe luzem seixos e burgaus
Roliços! E marinham nas ladeiras
Os renques africanos das piteiras,
Que como aloés espigam altos paus!

Montanhas inda mais longinquamente,
Com restevas, e combros como boças,
Lembram cabeças estupendas, grossas,
De cabelo grisalho, muito rente.

E, a contrastar, nos vales, em geral,
Como em vidraça duma enorme estufa,
Tudo se atrai, se impõe, alarga e entufa,
Duma vitalidade equatorial!

Que de frugalidades nós criamos!
Que torrão espontâneo que nós somos!
Pela outonal maturação dos pomos,
Com a carga, no chão pousam os ramos.

E assim postas, nos barros e areias,
As maceiras vergadas fortemente,
Parecem, duma fauna surpreendente,
Os pólipos enormes, diluviais.

Contudo, nós não temos na fazenda
Nem uma planta só de mero ornato!
Cada pé mostra-se útil, é sensato,
Por mais finos aromas que rescenda!

Finalmente, na fértil depressão,
Nada se vê que a nossa mão não regre:
A florescência dum matiz alegre
Mostra um sinal -- a frutificação!

*

Ora, há dez anos, neste chão de lava
E argila e areia e aluviões dispersas,
Entre espécies botânicas diversas,
Forte, a nossa família radiava!

Unicamente, a minha doce irmã,

Como uma tênue e imaculada rosa,
Dava a nota galante e melindrosa
Na trabalheira rústica, aldeã.

E foi num ano pródigo, excelente,
Cuja amargura nada sei que adoce,
Que nós perdemos essa flor precoce,
Que cresceu e morreu rapidamente!

Ai daqueles que nascem neste caos,
E, sendo fracos, sejam generosos!
As doenças assaltam os bondosos
E -- custa a crer -- deixam viver os maus!

*

Fecho os olhos cansados, e descrevo
Das telas da memória retocadas,
Biscates, hortas, batatais, latadas,
No país montanhoso, com relevo!

Ah! que aspectos benignos e rurais
Nesta localidade tudo tinha,
Ao ires, com o banco de palhinha,
Para a sombra que faz nos parreirais!

Ah! Quando a calma, à sesta, nem consente
Que uma folha se mova ou se desmanche,
Tu, Refeita e feliz com o teu *lunch*,
Nos ajudavas, voluntariamente!...

Era admirável! -- neste grau do Sul! --

Entre a rama avistar teu rosto alvo,
Ver-te escolhendo a uva diagalvo,
Que eu embarcava para Liverpool.

A exportação de frutas era um jogo:
Dependiam da sorte do mercado
O boal, que é de pérolas formado,
E o ferral, que é ardente e cor de fogo!

Em agosto, ao calor canicular,
Os pássaros e enxames tudo infestam.
Tu cortavas os bagos que não prestam
Com a tua tesoura de bordar.

Douradas, pequeninas, as abelhas,
E negros, volumosos, os besoiros,
Circundavam, com ímpetos de toiros,
As tuas candidíssimas orelhas.

Se uma vespa lançava o seu ferrão
Na tua cútis -- pétala de leite! --
Nós colocávamos dez-réis e azeite
Sobre a galante, a rósea inflamação!

E se um de nós, já farto, arrenegado,
Com o chapéu caçava a bicharia,
Cada zangão voando, à luz do dia,
Lembrava o teu dedal arremessado.

*

Que de encantos! Na força do calor
Desabrochavas no padrão da bata,
E, surgindo da gola e da gravata,

Teu pescoço era o caule duma flor!

Mas que cegueira a minha! Do teu porte
A fina curva, a indefinida linha,
Com bondades de herbívora mansinha,
Eram prenúncios de fraqueza e morte!

À procura da libra e do *shilling*,
Eu andava abstrato e sem que visse
Que o teu alvor romântico de *miss*
Te obrigava a morrer antes de mim!

E antes tu, ser lindíssimo, nas faces
Tivesses "pano" como as camponesas;
E sem brancuras, sem delicadezas,
Vigorosa e plebéia, inda durasses!

Uns modos de carnívora feroz
Podias ter em vez de inofensivos;
Tinhas caninos, tinhas incisivos,
E podias ser rude como nós!

Pois neste sítio, que era de sequeiro,
Todo o gênero ardente resistia,
E, à larguíssima luz do Meio-Dia,
Tomava um tom opálico e trigueiro!

*

Sim! Europa do Norte, o que supões
Dos vergéis que abastecem teus banquetes,
Quando às docas, com frutas, os paquetes
Chegam antes das tuas estações?!

Oh! As ricas *primeurs* da nossa terra
E as tuas frutas ácidas, tardias,
No azedo amoniacal das queijarias
Dos fleumáticos *farmers* de Inglaterra!

Ó cidades fabris, industriais,
De nevoeiros, poeiradas de hulha
Que pensais do país que vos atulha
Com a fruta que sai de seus quintais?

Todos os anos, que frescor se exala!
Abundâncias felizes que eu recordo!
Carradas brutas que iam para bordo!
Vapores por aqui fazendo escala!

Uma alta parreira moscatel
Por doce não servia para embarque:
Palácios que rodeiam Hyde-Park,
Não conheceis esse divino mel!

Pois a Coroa, o Banco, o Almirantado,
Não as têm nas florestas em que há corças,
Nem em vós que dobrais as vossas forças,
Pradarias dum verde ilimitado!

Anglos-Saxônios, tendes que invejar!
Ricos suicidas, comparai convosco!
Aqui tudo espontâneo, alegre, tosco,
Facílimo, evidente, salutar!

Oponde às regiões que dão os vinhos
Vossos montes de escórias inda quentes!

E as febris oficinas estridentes
Às nossas tecelagens e moinhos!

E ó condados mineiros! Extensões
Carboníferas! Fundas galerias!
Fábricas a vapor! Cutelarias!
E mecânicas, tristes fiações!

Bem sei que preparais corretamente
O aço e a seda, as lâminas e o estofo;
Tudo o que há de mais dúctil, de mais fofo,
Tudo o que há de mais rijo e resistente!

Mas isso tudo é falso, é maquinal,
Sem vida, como um círculo ou um quadrado,
Com essa perfeição do fabricado,
Sem o ritmo do vivo e do real!

E cá o santo Sol, sobre isto tudo,
Faz conceber as verdes ribanceiras;
Lança as rosáceas belas e fruteiras
Nas searas de trigo palhagudo!

Uma aldeia daqui é mais feliz,
Londres sombria, em que cintila a corte!...
Mesmo que tu, que vives a compor-te,
Grande seio arquejante de Paris!...

Ah! Que de glória, que de colorido,
Quando, por meu mandado e meu conselho,
Cá se empapelam “as maçãs de espelho”
Que Herbert Spencer talvez tenha comido!

Para alguns são prosaicos, são banais

Estes versos de fibra suculenta;
Como se a polpa que nos dessedenta
Nem aos menos valesse uns madrigais!

Pois o que a boca trava com surpresas
Senão as frutas tônicas e puras!
Ah! Num jantar de carnes e gorduras
A graça vegetal das sobremesas!...

Jack, marujo inglês, tu tens razão
Quando, ancorando em portos como os nossos,
As laranjas com cascas e caroços
Comes com bestial sofreguidão!...

*

A impressão doutros tempos, sempre viva,
Dá estremeções no meu passado morto,
E inda viajo, muita vez, absorto,
Pelas várzeas da minha retentiva.

Então recordo a paz familiar,
Todo um painel pacífico de enganos!
E a distância fatal duns poucos anos
É uma lente convexa, de aumentar.

Todos os tipos mortos ressuscito!
Perpetuam-se assim alguns minutos!
E eu exagero os casos diminutos
Dentro dum véu de lágrimas bendito.

Pinto quadros por letras, por sinais,
Tão luminosos como os de Levante,
Nas horas em que a calma é mais queimante,

Na quadra em que o Verão aperta mais.

Como destacam, vivas, certas cores,
Na vida externa cheia de alegrias!
Horas, vozes, locais, fisionomias,
As ferramentas, os trabalhadores!

Aspiro um cheiro a cozedura, e a lar
E a rama de pinheiro! Eu adivinho
O resinoso, o tão agreste pinho
Serrado nos pinhais da beira-mar.

Vinha cortada, aos feixes, a madeira,
Cheia de nós, de imperfeições, de rachas;
Depois armavam-se, num pronto as caixas
Sob uma calma espessa e calaceira!

Feias e fortes! Punham-lhes papel
A forrá-las. E em grossa serradura
Acamava-se a uva prematura
Que não deve servir para tonel!

Cingiam-nas com arcos de castanho
Nas ribeiras cortados, nos riachos;
E eram de açúcar e calor os cachos,
Criados pelo esterco e pelo amanho!

Ó pobre estrume, como tu compões
Estes pâmpanos doces como afagos!
"Dedos-de dama": transparentes bagos!
"Tetas-de-cabra": lácteas carnações!

E não eram caixitas bem dispostas

Como as passas de Málaga e Alicante;
Com sua forma estável, ignorante,
Estas pesavam, brutalmente, às costas!

Nos vinhatórios via fulgurar,
Com tanta cal que torna as vistas cegas,
Os paralelogramos das adegas,
Que têm lá dentro as dornas e o lagar!

Que rudeza! Ao ar livre dos estios,
Que grande azáfama! Apressadamente
Como soava um martelar freqüente,
Véspera da saída dos navios!

Ah! Ninguém entender que ao meu olhar
Tudo tem certo espírito secreto!
Com folhas de saudades um objeto
Deita raízes duras de arrancar!

As navalhas de volta, por exemplo,
Cujo bico de pássaro se arqueia,
Forjadas no casebre duma aldeia,
São antigas amigas que eu contemplo!

Elas, em seu labor, em seu lidar,
Com sua ponta como a das podoas,
Serviam probas, úteis, dignas, boas,
Nunca tintas de sangue e de matar.

E as enxós de martelo, que dum lado
Cortavam mais do que as enxadas cavam,
Por outro lado, rápidas, pregavam,
Duma pancada, o prego fasquiado!

O meu ânimo verga na abstração,
Com a espinha dorsal dobrada ao meio;
Mas se de materiais descubro um veio
Ganho a musculatura dum Sansão!

E assim -- e mais no povo a vida é corna --
Amo os ofícios como o de ferreiro,
Com seu fole arquejante, seu braseiro,
Seu malho retumbante na bigorna!

E sinto, se me ponho a recordar
Tanto utensílio, tantas perspectivas,
As tradições antigas, primitivas,
E a formidável alma popular!

Oh! Que brava alegria eu tenho quando
Sou tal-qual como os mais! E, sem talento,
Faço um trabalho técnico, violento,
Cantando, praguejando, batalhando!

*

Os fruteiros, tostados pelos sóis,
Tinham passado, muita vez, a raia,
E, espertos, entre os mais da sua laia;
-- Pobres campônios -- eram uns heróis.

E por isso, com frases imprevistas,
E colorido e estilo e valentia,
As *haciendas* que há na *Andalucía*
Pintavam como novos paisagistas.

De como, às calmas, nessas excursões,
Tinham águas salobras por refrescos;
E amarelos, enormes, gigantescos,
Lá batiam o queixo com sezões!

Tinham corrido já na adusta Espanha,
Todo um fértil platô sem arvoredos,
Onde armavam barracas nos vinhedos,
Como tendas alegres de campanha.

Que pragas castelhanas, que alegrão
Quando cantavam cenas de pousadas!
Adoravam as cintas encarnadas
E as cores, como os pretos do sertão!

E tinham, sem que a lei a tal obrigue,
A educação vistosa das viagens!
Uns por terra partiam e estalagens,
Outros, aos montes, no convés dum brigue!

Só um havia, triste e sem falar
Que arrastava a maior misantropia,
E, roxo como um fígado, bebia
O vinho tinto que eu mandava dar!

Pobre da minha geração exangue
De ricos! Antes, como os abrutados,
Andar com uns sapatos ensebados,
E ter riqueza química no sangue!...

*

Mas hoje a rústica lavoura, quer

Seja o patrão, quer seja o jornaleiro,
Que inferno! Em vão o lavrador rasteiro
E a filharada lidam, e a mulher!

Desde o princípio ao fim é uma maçada
De mil demônios! Torna-se preciso
Ter-se muito vigor, muito juízo
Para trazer a vida equilibrada!

Hoje eu sei quanto custam a criar
As cepas, desde que eu as podo e empo.
Ah! O campo não é um passatempo
Com bucolismos, rouxinóis, luar.

A nós tudo nos rouba e nos dizima:
O rapazio, o imposto, as pardaladas,
As osgas peçonhentas, achatadas,
E as abelhas que engordam na vindima.

E o pulgão, a lagarta, os caracóis,
E há inda, além do mais com que se ateima,
As intempéries, o granizo, a queima,
E a concorrência com os Espanhóis.

Na venda, os vinhateiros de Almería
Competem contra os nossos fazendeiros.
Dão frutas aos leilões dos estrangeiros,
Por uma cotação que nos desvia!

Pois tantos contras, rudes como são,
Forte e teimoso, o camponês destrói-os!
Venham de lá pesados os comboios
E os "buques" estivados no porão!

Não, não é justo que eu a culpa lance
Sobre estes nadas! Puras bagatelas!
Nós não vivemos é de coisas belas,
Nem tudo corre como num romance!

Para a Terra parir há-de ter dor,
E é para obter as ásperas verdades,
Que os agrônomos cursam nas cidades,
E, à sua custa, aprende o lavrador.

Ah! Não eram insetos nem as aves
Que nos dariam dias tão difíceis,
Se vós, sábios, na gente descobrísseis
Como se curam as doenças graves.

Não valem nada a cava, a enxofra, e o mais!
Dificultoso trato das searas!
Lutas constantes sobre as jornas caras!
Compras de bois nas feiras anuais!

O que a alegria em nós destrói e mata,
Não é rede arrastante de escalracho,
Nem é "suão" queimante como um facho,
Nem invasões bulbosas de erva-pata.

Podia ter secado o poço em que eu
Me debruçava e te pregava sustos,
E mais as ervas, árvores e arbustos
Que -- tanta vez! -- a tua mão colheu.

"Moléstia negra" nem *charbon* não era,
Como um archote incendiando as parras!
Tão-pouco as bastas e invisíveis garras,

Da enorme legião do filoxeral!

Podiam mesmo, com o que contêm,
Os muros ter caído às invernias!
Somos fortes! As nossas energias
Tudo vencem e domam muito bem!

Que os rios, sim, que como touros mugem,
Transbordando atulhassem as regueiras!
Chorassem de resina as laranjeiras!
Enegrecessem outras com ferrugem!

As turvas cheias de Novembro, em vez
Do nateiro sutil que fertiliza,
Fossem a inundação que tudo pisa,
No rebanho afogassem muita rês!

Ah! Nesse caso pouco se perdera,
Por isso tudo era um pequeno dano,
À vista do cruel destino humano
Que os dedos te fazia como cera!

Era essa tísica em terceiro grau,
Que nos enchia a todos de cuidado,
Te curvava e te dava um ar alado
Como quem vai voar dum mundo mau.

Era a desolação que inda nos mina
(Porque o fastio é bem pior que a fome)
Que a meu pai deu a curva que o consome,
E a minha mãe cabelos de platina.

Era a clorose, esse tremendo mal,
Que desertou e que tornou funesta

A nossa branca habitação em festa
Reverberando a luz meridional.

Não desejamos, -- nós, os sem defeitos --,
Que os tísicos pereçam! Má teoria,
Se pelos meus o apuro principia,
Se a Morte nos procura em nossos leitos!

A mim mesmo, que tenho a pretensão
De ter saúde, a mim que adoro a pompa
Das forças, pode ser que se me rompa
Uma artéria, e me mine uma lesão.

Nós outros, teus irmãos, teus companheiros,
Vamos abrindo um matagal de dores!
E somos rijos como os serradores!
E positivos como os engenheiros!

Porém, hostis, sobressaltados, sós,
Os homens arquitetam mil projetos
De vitória! E eu duvido que os meus netos
Morram de velhos como os meus avós!

Porque, parece, ou fortes ou velhacos
Serão apenas os sobreviventes;
E há pessoas sinceras e clementes,
E troncos grossos com seus ramos fracos!

E que fazer se a geração decai!
Se a seiva genealógica se gasta!
Tudo empobrece! Extingue-se uma casta!
Morre o filho primeiro de que o pai!

Mas seja como for, tudo se sente
Da tua ausência! Ah! como o ar nos falta,
Ó flor cortada, susceptível, alta,
Que assim secaste prematuramente!

Eu que de vezes tenho o desprazer
De refletir no túmulo! E medito
No eterno Incognoscível infinito,
Que as idéias não podem abranger!

Como em paul em que nem cresça a junca
Sei de almas estagnadas! Nós absortos,
Temos ainda o culto pelos Mortos,
Esses ausentes que não voltam nunca!

Nós ignoramos, sem religião,
Ao rasgarmos caminho, a fé perdida,
Se te vemos ao fim desta avenida
Ou essa horrível aniquilação!...

E ó minha mártir, minha virgem, minha
Infeliz e celeste criatura,
Tu lembras-nos de longe a paz futura,
No teu jazigo, como uma santinha!

E enquanto a mim, és tu que substituis
Todo o mistério, toda a santidade,
Quando em busca do reino da verdade
Eu ergo o meu olhar nos céus azuis!

III

Tínhamos nós voltado à capital maldita,
Eu vinha de polir isto tranqüilamente,
Quando nos sucedeu uma cruel desdita,
Pois um de nós caiu, de súbito, doente.

Uma tuberculose abria-lhe cavernas!
Dá-me rebate ainda o seu tossir profundo!
E eu sempre lembrarei, triste, as palavras ternas,
Com que se despediu de todos e do mundo!

Pobre rapaz robusto e cheio de futuro!
Mas sei dum infortúnio imenso como o seu!
Viu o seu fim chegar como um medonho muro.
E, sem querer, aflito e atônito, morrreu!...

De tal maneira que hoje, eu desgostoso e azedo
Com tanta crueldade e tantas injustiças,
Se inda trabalho é como os presos no degredo,
Com planos de vingança e idéias insubmissas.

E agora, de tal modo a minha vida é dura,
Tenho momentos maus, tão tristes, tão perversos,
Que sinto só desdém pela literatura,
E até desprezo e esqueço os meus amados versos!

Provincianas[11]

I

Olá! Bons dias! Em Março

[11]Trabalho inacabado de Cesário Verde. “Nós”, até onde sabemos, foi o último poema publicado em vida e também o último escrito e concluído pelo poeta, até prova em contrário.

Que mocetona e que jovem
A terra! Que amor esparso
Corre os trigos, que se movem
Às vagas dum verde garço!

Como amanhece! Que meigas
As horas antes de almoço!
Fartam-se as vacas nas veigas
E um pasto orvalhado e moço
Produz as novas manteigas.

Toda a paisagem se doura;
Tímida ainda, que fresca!
Bela mulher, sim senhora,
Nesta manhã pitoresca,
Primaveral, criadora!

Bom sol! As sebes de encosto
Dão madressilvas cheirosas
Que entontecem como um mosto.
Floridas, às espinhosas
Subiu-lhes o sangue ao rosto.

Cresce o relevo dos montes,
Como seios ofegantes;
Murmuram como umas fontes
Os rios que dias antes
Bramiam galgando pontes.

E os campos, milhas e milhas,
Com povos de espaço a espaço.
Fazem-se às mil maravilhas;
Dir-se-ia o mar de sargaço
Glauco, ondulante, com ilhas!

Pois bem. O Inverno deixou-nos.
É certo. E os grãos e as sementes
Que ficam doutros outonos
Acordam hoje frementes
Depois duns poucos de sonos.

Mas nem tudo são descantes
Por esses longos caminhos;
Entre favais palpitantes
Há solos bravos, maninhos,
Que expulsam seus habitantes!

É nesta quadra de amores
Que emigram os jornaleiros
Ganhões e trabalhadores!
Passam *clãs* de forasteiros
Nas terras de lavradores.

Tal como existem mercados
Ou feiras, semanalmente,
Para comprarmos os gados,
Assim há praças de gente
Pelos domingos calados!

Enquanto a ovelha arredonda,
Vão tribos de sete filhos,
Por várzeas que fazem onda,
Para as derregas dos milhos
E molhadelas da monda.

De roda pulam borregos;
Enchem então as cardosas
As moças desses labregos
Com altas botas barrosas
De se atirarem aos regos!

Ei-las que vêm às manadas
Com caras de sofrimento,
Nas grandes marchas forçadas!
Vêm ao trabalho, ao sustento,
Com fouces, sachos, enxadas!

Ai o palheiro das servas
Se o feitor lhe tira as chaves!
Elas chegam às catervas,
Quando acasalam as aves
E se fecundam as ervas!...

II

Ao meio-dia na cama,
Branca fidalga o que julga
Das pequenas da su'ama?!
Vivem minadas da pulga,
Negras do tempo e da lama.

Não é caso que a comova
Ver suas irmãs de leite,
Quer faça frio, quer chova,
Sem uma mamã que as deite
Na tepidez duma alcova?!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

5. Cartas reunidas

A Antônio de Macedo Papança (Conde de Monsaraz)

I

Meu prezado Antônio

Ponho simplesmente o teu nome de batismo porque é certamente a maneira como tua mãe te trata e deve ser-te grato que eu o faça também como um dos teus amigos. Olha, acredita, eu estimo-te muito, mas estou realmente embaraçado para satisfazer ao que tu queres. Dizes-me que te escreva uma carta longa e particularíssima! Longa! Não sei nem quero fazer estilo; particularíssima! é uma ilusão em que tu estás! Eu não sou nem bom nem generoso como tu julgas. É um engano em que tu e mais alguns vivem. Eu sou simplesmente frio e não te digo que sou reservado porque não quero que penses que escondo em mim minas de sentimento. Distingo-te a ti como a uma grande alma imaculada e singela e dou-te uma estima toda particular e especial. Eu compreendo-te; ainda estás muito crente.

Olha, há dias, o Seixas[12] perguntou-me se eu não achava que a carta que lhe escreveste tinha muito estilo. Eu disse-lhe isto: -- O que perde o Papança é não o fazer; nós geralmente afetamos uma certa leviandade amiga que nos consola. Se ele te dissesse três facécias graciosas com alguma ligeireza e familiaridade de amigo, tu não notavas o que notaste.

Tu vais achar enfadonhas e petulantes estas cousas que te digo, mas decerto mas perdoarás.

Outra coisa:

Aquelas palavras da tua carta, palavras que não repito aqui porque naturalmente não as esqueceste, estão sublinhadas ou riscadas?

---

[12]Barros de Seixas (1855-81): poeta, autor de *Cantos modernos* (1879); comerciário e republicano. Dedicou um poema a Cesário Verde.

Tu também és mau? O que pensaste para as riscar sei eu. Duvidas de mim. Repara que eu não te faço confidências porque não tenho segredos e passo a vida mais regular e prosaica deste mundo, mas por isso não deves temer de desabafar comigo. Eu sei escutar-te e avaliar seriamente a fineza dos teus sentimentos. Escrever-te no silêncio do meu quarto! Vou para casa cheio de sono e de aborrecimento, não iria escrever-te nessa ocasião. Escrevo-te, sabes de onde? Da loja! Já vês que me romantizas.

Eu entendo perfeitamente esta coisa de estudar e gosto de o fazer e de trabalhar, embora muitas vezes me deixe levar na corrente da nossa Boêmia; mas em detrimento da própria saúde, nunca faria excessos de estudo. Primeiro do que tudo está a vida; se te sentes doente ou fraco trata de ti e descansa. Ainda estás muito novo e nada te apressa. Eu descubro aí também uma certa saudade! Oh! que sim! Do "Artes e Letras" como sabes não conheço senão o Guimarães;[13] falei-lhe ontem e ele disse-me que o lº. e 2º. números já estão compostos, mas que no terceiro poderá ir a tua poesia. Manda-ma e não digas que ela é piegas, dize que é sentida. Aí te mando eu uma que acho tão maricas que não te peço que a publiques no *Mosaico.*[14] Dá-lhe o destino que quiseres.

Mando-te também a *República e o Ilustrado* que falam de ti. Não é preciso dizer-te que rias da crítica deste. A tua poesia, sem nebulosidades afectadas, era a melhor de todas. Conhecia-a e até sabia os últimos versos de cor. Disseste-ma no quarto do Pelicano no segundo dia que travei relações contigo. Os rapazes da nossa *troupe* gostaram dela, assim como do artigo do Sérgio.[15]

Dize ao Coelho[16] que não lhe escrevo porque ele já escreveu ao Fernandes, creio, e nem se nos recomendou. Chama-lhe ingrato e infiel como um Mouro. Que nos escreva.

---

[13]Guimarães Fonseca: escritor e tradutor. Dentre outros livros, publicou: *A virtude dos anjos* (1864); *A Fada, poema de amor* (1866); e *A propósito dos Srs. Castilho e Ramalho Ortigão* (1886). Traduziu *A dama das Camélias* e *Rafael*, de Lamartine.

[14]Provavelmente "Deslumbramentos".

[15]Sérgio de Castro: jornalista político.

[16]Coelho de Carvalho (1855-1934): diplomata; foi presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Escreveu *Viagens de Coelho de Carvalho -- Madrid, Barcelona, Nice,*

Provavelmente sabes que o Falcão Roiz[17] falou largamente do *Mosaico* na correspondência para o País. Não li, mas dizem-me que dizia bem.

Como sabes, os jornais daqui recebem com grande indiferentismo as publicações literárias; apenas o fatal "recebemos e agradecemos". O *Ilustrado*, com a sua coluna e meia de crítica, produziu-nos em todos um assombro enorme.

Escreve-me bastante. As tuas cartas serão sempre recebidas com verdadeiro alvoroço de alegria, e não as mostrarei, crê. São para mim, só.

Manda-me os versos para o "Artes e Letras" e também para o "Mundo Novo"; ainda que a saída deste último seja, parece-me, um pouco problemática.

Tu não repares na redação disto. Também te escreve só a ti, só, o teu verdadeiramente do coração

25-1-75

Cesário

Recebi agora carta do Coelho; escrever-lhe-ei em breve. O que ele diz é verdade e tem muita razão.

2

Meu querido Antônio de Macedo

Mônaco -- cartas e notas dedicadas a Cesário Verde, publicando-as em Lisboa, em 1888, através da Livraria de Antonio Maria Pereira, Editor.

[17]Antônio Falcão Rodrigues (1852-84): jornalista, fundador e diretor do *Correio de Lisboa.*

Não vás julgar que por excesso de cortesia escrevo aquela epígrafe. Disse-te e repito: Sou duma frieza glacial para todo o mundo. Mas se não faço expansões, sei entesourar os sentimentos grandes. Apenas conversei contigo durante algumas horas e deixaste-me uma bela impressão. A tua carta veio fortificá-la e enobrecê-la mais. Acredita-o. Andei hoje preocupado com ela. Não a rasgo, não, meu bom amigo; tenho-a como uma fotografia do teu excelente coração.

Mas tu causas-me uma estranheza enorme! Parece-me impossível que um rapaz que tem a livre escola de Coimbra, ainda tenha a alma assim pronta a libertar-se, e tão pura. Eu não tenho idade para dar-te conselhos, nem tu talvez te queiras ou possas dominar, mas aquele que for reservado não será tão iludido. Com exceção de dous ou três rapazes não tenho encontrado amigos: acredita também que os não tenho buscado. O Silva Pinto que, por quem ler os seus ímpetos de leão será julgado um homem intratável, é para mim o mais leal e o maior de todos os amigos. Em algumas coisas tem muitos pontos de contacto contigo. Tem-me por vezes contado a história das suas dores e aberto a sua alma como se fosse uma mulher e com a singeleza duma criança. Agora me deu ele uma prova da sua grande amizade. Declara no sábado, no *Jornal da Tarde*, que a pedido dum amigo não tornará a falar no Magalhães.[18] Foi um grande alívio para mim e tu hás-de estimá-lo muito.

Eu também como tu gozo da grande tranqüilidade do seio da família. Não lhe dou porém todo o valor senão quando me afasto dele por alguns dias. Tu agora aprecia-lo porque o terás por pouco tempo e há muito não o tinhas. Li e reli enternecido a tua carta. És uma grande, generosa e bela alma sensível. Sê sempre o mesmo para tua mãe. É a pessoa que mais te ama.

As "Mártires cristãs" vieram no *Mosaico*. Todos nós gostamos imenso. Deixa voar, meu poeta, a imaginação e o sentimento. Tu tens as verdadeiras inspirações. A poesia da arte pela arte tem belezas, não contesto, mas precisa mais dos artistas que dos poetas. Tu és natural como a natureza. Desculpa-me isto que parece tolice.

---

[18]Magalhães Lima (1850-1928): defensor republicano e jornalista.

Os versos para o Sérgio[19] ainda os não fiz e não sei se os mandarei. Eu te conto. O *Diário Ilustrado* falando do *Mosaico*, não estou bem certo, deprimia o Bettencourt espantosamente e elogiava o M. Lima. Dizia que não costumava *gastar cera com ruins defuntos* e que quando ataca alguém é porque lhe acha um certo merecimento, etc. Ora eu estou com um grande terror, receando que o *Ilustrado* me elogie.

Manda-me dizer o que pensas sobre isto.

Saíram no domingo os versos do João de Deus.

Foste tu certamente que influíste no ânimo do Barros.

Se quiseres manda-me alguns versos do rapaz daí, de quem tu me falaste.

Escreve-me brevemente e crê na sinceridade das minhas palavras.

Abraça-te do íntimo o teu

[1875]

Cesário Verde

3

Meu querido amigo

Não gostei muito que deixasses, tu mesmo, de me escrever, mas gostei ao mesmo tempo para ter a alegria de ouvir o Bettencourt[20] que desde que engordou não fala a todos. Tu quando começaste a leitura daquele "não gostei muito" julgavas que me referia ao teu livro, e tiveste para mim um pensamento zangado.

[19]Sérgio de Castro.

[20]Bettencourt Rodrigues (1854-1933): médico alienista e republicano. Ao ser preterido para o cargo de diretor do Manicômio de Lisboa, transferiu-se para o Brasil em 1892.

Recebi tarde, porque não estava cá, o teu magnífico volume e não te escreveria hoje a agradecê-lo, se o Coelho[21] me não dissesse que só virás na 4.ª ou 5.ª feira.

As "Crepusculares" têm só uma coisa falsa -- o título. Tu és uma criança lúbrica fazendo poesia morena. Os teus versos cheios dum hálito ardente são da hora do meio-dia, da hora do calor e da claridade. Abundam neles as palavras: -- turbilhões, coração, peitos; louco, enorme amor febril e, no meio dum sensualismo, inocente quase, que não visa ao imoral e que é simplesmente a expressão dum peninsular robusto, têm uma naturalidade original que nos comove.

Achas a nota humana verdadeira em simples alexandrinos despretensiosos: "Sinto-me estremecer quando te aperto a mão".

O que tu não fazes, tu que és um meridional, é cantar de longe, afastado, com essa paixão resignada e tímida do Norte, e confessas: "Nos teus braços cantei, etc."-- na VITA NUOVA -- que tem dois esplêndidos versos, que te definem talvez.

"Era um rapaz feliz sem pretensões algumas,
Que pensava em morrer alegre e satisfeito."

Há sobretudo uma afirmação constante com que eu simpatizo imenso; é o protesto franco e salutar em favor do povo. Não coras e dizes com um alto ar de nobreza, de força, de independência que és um democrata de cuja alma sai a torrente da revolução. Mas já que eu te tenho dito mal e com sinceridade a minha opinião, confesso-te também que acho, às vezes, que te pasmas diante das elegâncias baratas a que tu chamas caras desta desgraçada e burguesa Corte, como se fosse "ante o grande esplendor dum templo iluminado", verso que vale um poema.

Perdoa-me estas prosas infelizes que te dirijo, porque tenho uma idéia de tu me teres pedido essa coisa.

[21]Coelho de Carvalho.

O teu livro fica porque é natural, justo, correto, e denota uma individualidade sensatamente distinta e forte.

Crê tu, meu bom amigo, que te digo isto com a sinceridade do olhar de tua mãe que ilumina e santifica as páginas do teu trabalho, com clarões de santo amor.

Um fundo abraço

19-6-76

Cesário Verde

4

Meu bom amigo

Quando eu vi duas estampilhas sobre o envelope da tua carta imaginei que ele continha os versos que me prometeste. Mas não os continha. Os dous selos eram simplesmente um luxo alegre a cobrir uma prosa inundada de tristeza. De que precisas tu para ficares risonho, para te encheres de contentamento?

Das caretas literárias do Chagas?[22] dos sorrisos boêmios do Guimarães?[23] dos ares graves de comendador do Aires?[24] dos trejeitos feminilmente críticos da Valentina?[25]

[22]Pinheiro Chagas: historiador, romancista e anticlericalista.
[23]Guimarães Fonseca.

Ora, adeus!

Tu passas bem sem isso e o teu livro, digo-te eu sem pretensões a consolador, tem tido uma bela aceitação simpática de todos.

Estive uns dias, e estarei mais, na Quinta; de lá quis responder-te mas não tinha papel, nem mesmo ordinário e transparente como este.

Quando o Bettencourt lamenta as suas dispepsias e congestões, eu, para o consolar, digo-lhe coisas animadoras.

Faço o mesmo agora contigo, que tens apreensões de livros infelizes e de literatos fatais e desdenhosos. E para te ver começar, com a febre do poeta entusiasmado por elogios, o poema de que me falaste, procurarei os indivíduos que desejas ler e, em conversa, apressá-los-ei.

Criança lúbrica!

Em tudo; em glória, em mulheres, em tempo.

As tuas cartas adoráveis não as rasgo, e, se possuísse um cofre de sândalo marchetado de madre-pérola e oiro, guardá-las-ia nele.

Isto foi imagem; porque eu odeio o sândalo e verdadeiramente só estimo trazê-las, no bolso, de encontro ao peito, como a tua loira e travessa namorada traz, com certeza, as tuas "Crepusculares" no seio branco.

Procura-as lá com as mãos de amante.

Estreito-te nos braços.

6-7-76

Cesário Verde

---

[24] Cristóvão Aires (1855-1930): foi militar, contista, historiador e poeta. Como poeta publicou *Indianas e portuguesas* e *Novos horizontes*, entre outros. Como historiador deixou vários títulos, dentre eles a *História da Cavalaria Portuguesa* (4 v.) e a *História orgânica e política do exército português* (20 v.).

[25] Valentina de Lucena: pseudônimo de Maria Amália Vaz de Carvalho.

5

Antônio

Fiquei hoje em casa, um pouco adoentado, com suposições de doenças, de futuros quebrados, confusamente baço, sem lucidez no cérebro nem de ponto de vista. Enquanto o sol, numa grande esteira clara, me entrou pelo quarto, estive bem contente, exuberante, cheio; a luz doirada e tépida sorria no estuque das paredes, nas cercaduras de flores pintadas, no mogno polido das cadeiras, no verniz de ferro do meu leito modesto de solteiro, na colcha muito lavada, com um bom cheiro de barrela e de alfazema e na minha imaginação de rapaz saudável.

Mais tarde abri todas as três janelas para receber mais claridade; invadiu-me a sombra triste, a melancolia do crepúsculo, a friagem antipática da humidade. Quando pus a testa sobre os vidros para espairecer os olhos pelo jardim que vegeta debaixo, lembrei-me de imensas coisas que passaram, dos meus tempos de criança, do colégio de que voltava às quatro horas a um toque de sineta, de minha irmã que morreu e que iluminava todas as casas com a sua beleza alta e sossegada, dos meus temas de francês, dum caixeiro que foi para o Brasil e que me agarrava ao colo balançando-me com ameaças e sustos de me arremessar lá ao fundo do pátio que já não existe também.

Agora há aqui uma padaria em que se está erguendo uma chaminé enorme de forno, para deitar o fumo muito acima. Os pedreiros, porque era quase Ave-Marias, demoravam o trabalho devagarinho, poupavam o resto do aviamento, da cal; e tudo, a natureza, os arvoredos dos quintais próximos, a linha dos prédios na Praça da Alegria aonde mora o Oliveira,[26] o rumor longínquo dos trens, e até um homem que passava descalço, com um regador verde numa das mãos, pelas sinuosidades das áleas no jardim; tudo, tudo me parecia lento, tristonho, com silêncios de preguiça iluminada.

---

[26]Alberto de Oliveira (1861-1922): um dos freqüentadores do "Grupo do Leão".

Mandei acender o candeeiro e passou-me a doença imediatamente; e não sei por que corrente de pensamentos. Ah! já sei: No Domingo encomendei um fiambre numa salsicharia francesa que há na Rua Nova do Carmo e que tem na montra um pequenino viveiro de peixinhos de água doce, num rio em miniatura.

Ora, ou eu me engano bastante ou a casa de *madame* é a única daquele gênero que se encontra em Lisboa. Pois bem; lembrei-me de lhe fazer concorrência, de me estabelecer com luxo, espavento, *reclame* e fregueses da alta vida que se dissipa em molhos apetitosos, em carnes frias que vêm do estrangeiro, em temperos esquisitos.

Eu queria ver o salame, o porco, as frutas em pirâmides, as conservas com grandes rótulos, o chouriço de sangue, as hortaliças em grande *toilette*, todos os peixes variegados do Oceano a reluzirem; eu queria ver tudo preparado, a ganhar dinheiro, a fazer escândalo honesto, a dar-me celebridade prática, satisfação, gordura recomendável.

E que me dizes?

No entanto, os desejos imensos de te enviar um *bouquet* de saudades.

Lisboa, 1877

Cesário

É claro que recebi a tua carta.

6

Meu doente

Eu ontem não estava ainda farto de te não escrever, quando aquele capitão vesgo -- sabes? -- me disse que tu recaíste na tua doença. É verdade?

Se te incomodar por tua mão responder a esta carta pede ao Augusto Rosa[27] que me conte os detalhes disso tudo.

É uma coisa horrível.

Eu cada vez receio mais qualquer alteração de saúde, porque sinto decompor-me com uma facilidade enorme e em vida.

Agora trago sempre no pescoço umas escrófulas que se alastram, que se multiplicam depressa. Não sei se é resultado sifilítico se que é. O diabo.

Vou daqui a nada acompanhar o Reis e Lima[28] até ao paquete. Ele parte, coitado! sem uma notícia tua, sem um abraço teu. Que magnífica viagem! Gibraltar, Malta, a Grécia ao longe, e sobretudo o canal de Suez.

Como eu gostava de o seguir até ao Cairo, mas que desolação depois no Sul da África, sozinho, num tribunal, a exigir justiça! Vesti, por curiosidade, eu, a beca que ele leva. Fica-me bem; mas é triste, sombrio, Idade Média, aquilo.

Recolherei para ti as despedidas dele.

Abraça-te muito o teu

12-7-1877

Cesário Verde

7

[27]Augusto Rosa (1852-1918): ator.

[28]Manuel Álvaro dos Reis e Lima: amigo de Macedo Papança, magistrado no Ultramar.

Meu amigo

Depois duma grande volta pela província, calejado pelas esteiras de tábua em que ficamos, embrutecido pelo tremor constante das diligências cujos guizos ainda me atordoam e arrotando ainda a chouriço com ovos e ranço e a queijo branco que é preciso raspar com a navalha, depois duma acidentada volta pela província, eu encontro o teu delicadíssimo livro.

Talvez tu não conheças a Estremadura. Todo este bocado de terra, quase uma península, que fica entre o Atlântico e o Tejo, é magnífico em irregularidades montanhosas, em diversidades de culturas. Montes tão agrestes mais cultivados não há! Como me deu saúde, cor, peito, ombros largos, andar um dia inteiro na carreta dum almocreve que dorme, enquanto as mulas puxam pessimamente para fora, graciosas e rijas, de ferro, com as grandes orelhas, e as enormes coelheiradas brancas, cheias de serradura, no pescoço! Como me deu alegria serena e fecunda, e uma larga compreensão deste povo forte, pacífico e incansável, vir na falua, à bolina, carregada de cevada para a Companhia de Carruagens Lisbonenses, enquanto o arrais segurava a escota e a tripulação comia a caldeirada, em roda, com colheres de pau!

Além disso, pelo país dentro, este ano a fruta abundava formidavelmente, esperdiçava-se até. As macieiras, carregadas, pousavam a extremidade dos ramos no chão, e, na copa, o dorso redondo, lembravam enormes lagostas verdes de inumeráveis pernas em meio dos vinhedos que se sucedem contínuos. As searas de trigo, o que eu vira até então, umas mais escuras, outras mais claras, por causa das sementeiras que se fazem umas mais cedo que outras, no tom divergem muito das vinhas. Nestas, léguas e léguas, o verde é igual, monótono, fatigante, porque a parra rebenta toda ao mesmo tempo.

Tudo vasto, grandioso, brutal!

Eu partira desta cidade amarela de icterícia, bem aborrecido, bem intransigente, resolvendo cortar todo o passado romântico e poético, de mandrião. Ia a caráter, a minha jaleca, a minha calça de bombazina

azul, o meu chapéu de marchante, o meu pau de chapa, os meus sapatões ferrados e o meu revólver entalado na cinta de três voltas. Explorei a ignorância provinciana, as dificuldades de comunicações, a inércia dos ricaços; mas, em compensação, executando a função do comércio que é a distribuição dos produtos, fiz chegar às sobremesas dos *lords* e dos comuns ingleses e às fazendas dos senhores brasileiros, isto é ao Thames e ao Amazonas, deliciosos frutos de Portugal.

Como fisiologicamente os órgãos que não funcionam desaparecem evolutivamente, eu, pacato, e ordeiro entre uma população bondosa e valente, perdi a única arma de fogo que levava, sem dar por isso, pelos caminhos.

Ah! Quanto eu ia indisposto contra tudo e contra todos! Uma poesia minha, recente,[29] publicada numa folha bem impressa limpa, comemorativa de Camões, não obteve um olhar, um sorriso, um desdém, uma observação! Ninguém escreveu, ninguém falou, nem num noticiário, nem numa conversa comigo; ninguém disse bem, ninguém disse mal!

Apenas um crítico espanhol chamava às chatezas dos seus patrícios e dos meus colegas -- pérolas -- e afirmava -- fanfarrão! -- que os meus versos "hacen malísima figura en aquellas páginas impregnadas de noble espíritu nacional".

Tu mesmo, meu caro, enviando-me o teu poema tão fino e tão mimoso, e que, embora não seja verdadeiro e justo psicologicamente e historicamente, é todavia, como poesia, um sublime desenho linear de sentimento, tu mesmo, na dedicatória pões expansões afetuosas, generosidades de estima; mas literariamente parece que Cesário Verde não existe.

Escreve ao teu amigo e crê na franqueza indesculpável do teu

29-8-80

C. Verde

[29]Trata-se evidentemente de "O sentimento dum ocidental".

8

Meu bom amigo

Esta doença é uma insignificância, sem futuro mau e levemente repugnante; mas, como as ruas estão molhadas e o tempo húmido, parece-me melhor não sair, como o mercúrio.

Tu, que tens mais razão de queixa, tomas por mim o interesse bondoso dos que se vêem bastante doentes e sentem, por isso, cuidado com os demais. Deixa, que isto não vale nada.

Antes de tudo isto já te deveria ter dito que me penhora muito a delicadeza de tua mãe; e não te esqueças, julgando que as minhas palavras são apenas uma obrigação, de lhe participar o quanto me sinto grato.

Eu tenho imensos desejos de te escrever longamente, para te entreter, para te espairecer, mas, vê lá, só por me lembrar que está ali o moço à espera, estou nervoso e não te digo coisa alguma.

Qualquer dia irei conversar contigo; e então, naturalmente, esperdiçaremos tempo com grandes espaços de silêncio, calados sem nada em que falar.

Não sei mais.

Se ambos estivéssemos bons e sãos dar-nos-íamos um abraço forte, de lavradores trigueiros e corados.

Até breve.
Teu

[1886]

Cesário

9

Meu amigo

Eu sou tão descuidado que não me lembrei que nesta terra apenas se vende papel almaço; de maneira que isto assim parece uma remessa a um tipógrafo.

Também me rala a dificuldade que tenho em escrever cartas. Calcula que, por uma fatalidade, que eu não pressinto, na ocasião de receberes isto podia o cortador Barbosa[30] estar a dilacerar-te e tu a morder a fronha.

Devo ser alegre?

Devo ser triste?

Que de qq aí acima.

Admira-te. As *Lettres à une Inconnue* impressionaram-me mal, até este desastre; e a meu ver o Prosper Mérimée quase que não tinha talento nenhum. Simplesmente um homem "*comme il faut*". Chamava gênio ao Terrail e desdenhava Hugo, Flaubert, Baudelaire, Wagner, Rochefort. Incrível! E como ele se queixava de constipado e fazia charadas em Compiègne, para os seus "soberanos" decifrarem! E

[30]Possivelmente Antônio Maria Barbosa (1825-92): cirurgião e professor da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa à época.

admirava, e nisso há patifaria, os ditos espirituosos do príncipe imperial!

Maço-te? Se preferes o nitrato de prata pede ao Queirós[31] que se prontifica logo, se lho pedires.

Mas tu acreditas nas amizades de trinta ou quarenta anos de correspondência contínua? Não julgues que nós em 1900 ainda nos correspondamos, tanta vez.

Não sei se vou melhor, ou não.

Do meio-dia às duas horas as nuvens afastam-se de cima; e, em montanhas, no horizonte, recordam-me aquele doce muito branco e balofo que tu aí tinhas. O Sol consegue enfim tornar todas as coisas cintilantes: o rio como uma gibóia estendida, as searas verdes que parecem galopar com o vento, as paredes lavadas das quintas, as árvores que se destacam límpidas e o cimo das pedras na calçada que seca. É uma alegria.

Mas à noite um horror, uma tristeza, nesta pobre casa de campo. Na sala do milho a humidade enegreceu o papel pintado das paredes, como a ferrugem que cobre as oliveiras velhas, sabes? De manhã, ao levantar-me, não tenho escova para lavar os dentes; e a carne fresca de vaca só a há às terças e sábados.

Talvez esta carta vá pelo correio, mas se for pelo meu criado tem tu a bondade de lhe dar alguns livros para me entreteres. Conheces o meu gosto. Que instruam.

Tomara já sentir-me bem e ver-te.

Teu amigo

Cesário Verde

Os meus respeitos para tua mãe.

[1886]

[31]Teixeira de Queirós (1848-1919): romancista naturalista e médico.

10

.

Bom e estimado amigo

Não há desculpas possíveis; eu devia responder imediatamente à tua carta, tão fina e tão delicada. Fiquei-me: porquê? Porque sou e estou um desleixado. Não posso ser perdoado, bem sei. Aqui está o meu magro pescoço, faze favor de passar a corda e de puxar o nó de correr. Só enforcado.

Mas olha, sério, em volta de mim, pessoas, coisas, tudo anda amolentado, cansado. As melhoras, as próprias melhoras que os medicamentos chamam e espicaçam com o aguilhão da sua química, e que eu estimulo com a aguilhada da minha vontade, essas mesmas vão ronceiras, moles, a passo de boi, muito devagar, muito devagar. Mal as vejo mexerem-se na longa estrada do tempo. De modo que apenas a grandes intervalos te posso noticiar, meu amigo, um avanço, um adiantamento. Sabes, já tenho casa em Caneças, é na situação e por acaso tem o feitio que eu tinha imaginado, e que eu havia indicado a meu pai e a meu irmão, que lá foram.

A minha nova pequena casa é tudo o que há de mais rústico e de mais pitoresco; da janela do meu quarto, estendendo o braço, toco a rama dum pinheiro balsâmico e bravo. De roda tudo pinhais espessos e rumorejantes. Não fica na Caneças oficial e consagrada, das fanfarras, dos Hintzes e dos hotéis; fica longe, do outro lado das ribeiras e dos

pomares, no sítio a que chamam O *lugar d'além*. Sabes quem fez esta minha habitação? Foi o próprio dono, mestre carpinteiro e marceneiro, à hora presente fabricando com mais 30 companheiros, numa grande oficina do Aterro, uma rica mobília para a princesa de Orléans. Tudo isto...

Mas subitamente chegam-me dúvidas, descrenças, terrores do futuro. Curo-me? Sim, talvez. Mas como fico eu? Um cangalho, um canastrão, um grande cesto roto, entra-me o vento, entra-me a chuva no corpo escangalhado.

Caneças, 16 de Junho, 86, pela manhã

Cesário

A Bettencourt Rodrigues

Linda-a-Pastora, [16 de novembro de 1879][32]

Meu amigo -- Tem chovido bastante e há dias que temos as comunicações cortadas com Lisboa, como numa ilha por um mar bravo. De modo que talvez tu me escrevesses alguma carta, que esteja lá em cima e a que não respondo agora por conseguinte.

[32]Esta é a mais provável data da carta, segundo o cesarista Pedro da Silveira. Esta carta foi publicada em *O Interesse Público*, com a data de 16 de julho de 1886. Foi também impressa no jornal *Folha Nova*, a 23 de julho de 1886 e reimpressa em OLIVEIRA, Luiz Amaro de – *3 sentidos fundamentais na poesia de Cesário*. Lisboa, Edição do Autor, 1949, p. 58-9, que por sua vez presenteou este organizador com um exemplar. Na carta que Amaro reimprimiu em seu livro a data acima consta no topo e à esquerda.

Por aqui e por todo o país, naturalmente, continua tudo na mesma, isto é, tudo está parado. Dizer mal disto parece uma coisa pedante do Visconde Reinaldo, mas não é.

A tua estada em Paris faz-me um imenso mal, a mim particularmente: produz-me a idéia fixa, a monomania de partir para aí. Faço esforços inauditos para presenciar o que se passa nesse mundo superior e descuido-me deploravelmente do que me rodeia. Como um astrônomo abstrato assestei para o estrangeiro um telescópio e cansado dos olhos, dorido dos rins, olho atentamente, constantemente. Podem dar-me uma facada, o que é provável, que não verei quem ma der.

Ora acontece que disponho apenas de um longa-vista ordinário da pobre agência de navios de vela, e que não vejo para cá nem para lá; e esta impossibilidade acabrunha-me muitas vezes a vida, rala-me, faz-me velho antes do tempo. Este Verão, por exemplo, durante os três dias que durou o arraial em Linda-a-Velha, num alto a que tu foste o ano passado, lembrei-me bem de ti. Havia um francês, grande, desembaraçado, com um *bonnet* de seda de caminho de ferro, que dançava, que pulava entusiasticamente no adro com as saloias. É estudante em *ponts et chaussées* e veio a Portugal passar as férias com o pai, um alsaciano de cabeça larga, que tem minas de manganês (!) no Alentejo.

Pois esse rapaz alegre, de olhar claro, com um futuro científico de ricaço, e com quem tu talvez te dês, aumentou-me a minha paixão pela França.

Li há poucos dias o romance de Alphonse Daudet, *Les Rois en Exil*, a 24.ª edição. É um livro enternecedor, conciliante, simpático e altamente *boulevardier*, mas que é escrito por um homem que conhece as roldanas do teatro e em estilo de folhetinista. A não ser isto -- esplêndido. O segundo capítulo *Un royaliste* (todos os capítulos têm um título, o que é também feio) e o penúltimo, *Fides Spes*, descreveram-me o bairro em que moras. A tua rua, que eu já conhecia do quadrado 52 amarelo, do Guia momentâneo, e cujos prédios acabam em ângulos no *boulevard Saint-Michel*, a rua Monsieur-le-Prince teve por habitante um tipo notável do romance. Lê-o e conta-me com a tua

crítica pessoal se eu, pelas descrições que vi, posso imaginar os arredores da Escola de Medicina. Dá-me a tua opinião sobre tudo.

As traduções do Fernando[33] estão quase a sair magnificamente editadas pelo Júlio,[34] meu primo. Eu disse editadas; enganei-me: o editor é o visconde de Bucelas; queria dizer impressas ou o que é. O Fernando dedica-te uma poesia original.

Eu não faço nada, falto de estímulos, aborrecido contra esta gente da cidade a que tenho raiva como um marreco. Ao menos, pelo campo ainda há coisas primitivas, sinceras , de uma boa paz regular; e embora a existência não apresente alterações nenhumas, o caminhar da estação, a mudança quase insensível no aspecto da natureza todo o ano, é admirável, sugestivo. Chega o Inverno; e hoje, que é Domingo, sabes em que me entretenho? Em partir pinhões com uma pedra à porta de casa. Compram-se aos salamins no padeiro do lugar, um brutamontes de mangas arregaçadas e braços peludos, e cheios de pastas de farinha, que nos diz: -- Viva! -- com mau modo. No enfastiamento domingueiro, o que se pode fazer senão isto? No verão, comíamos tremoços que nos despertavam uma grande sede, apetitosos, escorregadiços; depois foi-se o Outono nos arraiais pelos lugarejos próximos. Agora os rapazes deitam o pião nos largozitos, e quando chove muito, e a cheia alaga as baixas e os caminhos, apupam-se monte para monte com buzinas de chavelho. Lembra a Idade Média, Rolando, Roncesvalles, não sei o quê.

Ah! Meu amigo, se tu me tirasses desta apatia, deste enervamento, como seria bom! Seria impossível, completamente, numa formidável capital de trabalho, de inteligência, de febre, arranjar um cantinho para mim? Um ano, um ano só para me desemburrar! Pois quê, com as minhas habilitações comerciais, com o conhecimento do português tão raro aí, com a minha sujeição *voulue*, não alcançaria nada! Não digo que fosse para uma loja, mas escreveria a correspondência para Portugal, poderia fazer escriturações, rever provas, desenvolver o

---

[33]Fernando Leal (1846-1910): publicou *Reflexos e penumbras* (1880) e *Relâmpagos* (1888), dentre outros.

[34]Júlio Hermenegildo Verde: editor e proprietário de tipografia.

comércio francês com este país, uma imensidade. Repara tu sempre nos anúncios das agências, e se aparecer alguma coisa pronto.

Eu farei todas as vontades, trabalharei desde as 8 às 4 ou mais, despirei um pouco o meu orgulho de patrão, mas o que eu quero, o que eu preciso é tirar-me deste foco de mandriice e de asneiras.

Este ano engrossei na caça às perdizes por terras; tive dias de dez léguas, e acho-me apto a trabalhar valentemente. Tu ignoras decerto o que é esta caça. Na perdiz tudo é redondo, o olho, o corpo que arredondam para voar, o ruído do voo que lembra um *roulement* de tambor, tudo redondo. Não atirava para as ver sempre vivas. Por este país fora, há coisas interessantes e caçando-se descobrem-se imensas. Em Caneças as lavadeiras acompanham o bater da roupa com um *ai* enorme, medonho, aflitivo. Nos vales parecem mochos com fome. -- O outro dia para os lados de Torres, vi 4 mulas lavrando uma courela a meio galope e aos couces, em desordem. -- Eu gostaria imenso de fazer uma viagem pelo *plateau* da Serra da Estrela até aos Pireneus, com uma caçadeira, uma espingarda de dois canos, e um óculo de campanha e um companheiro. Mas vês, lá caio eu insensivelmente na França, na Gasconha, o diabo.

Escreve, e escreve todos os dias se for possível.

Teu amigo

Cesário Verde

A João de Sousa Araújo[35]

[35]Jornalista, funcionário público e escritor. Como jornalista, fundou O partido Liberal em 1875, bem como ajudou a fundar a Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses. Como escritor, publicou *Quadras do Século* (1869). Sua proximidade com Cesário Verde deve-se sobretudo ao fato de Sousa Araújo ter sido noivo de Júlia, irmã de Cesário, que veio a falecer em 1872.

1

Meu estimado amigo

Estou realmente envergonhado, por não ter respondido há mais tempo à sua prezada carta, porém, os muito afazeres e um poucochinho de incúria, me têm obstado a cumprir com o meu dever pelo que peço mil perdões ao meu caro amigo (permita-me o tratamento).

É com bastante sentimento, que lhe tenho a dizer, que o não posso satisfazer no seu pedido de lhe enviar um retrato, pois o não tenho agora, mas estou brevemente para o tirar e então o remeterei. No entretanto muito me obsequiará se me mandar o seu pelo que lhe ficarei muito grato.

Quanto ao escrever-lhe farei a diligência para o fazer o maior número de vezes possível.

Pelos jornais que tenho lido vejo que as festas da Rainha Santa estiveram esplêndidas e daqui colijo que o amigo devia gozar bastante, o que muito estimo.

Seu muito amigo e obrigado

J. J. Cesário Verde

Lisboa, 20-7.º-71

2

Meu caro amigo

Tenho a pedir-lhe mil perdões pelo meu insólito procedimento, não lhe agradecendo o seu retrato, logo depois de o ter recebido, como era meu dever, o que agora gostosamente faço.

Conforme as suas ordens remeto-lhe o meu retrato, pedindo ao meu amigo, me queira igualmente desculpar pela demora.

Setembro está próximo e por isso me alegro lembrando-me que gozarei algum tempo da sua seleta conversação.

Disponha deste seu muito amigo

J. J. Cesário Verde

[1871][36]

3

Meu prezadíssimo amigo

A carta que teve a bondade de me escrever foi recebida em tempo competente, e não tenho respondido por motivos alheios à minha vontade.

Disse-me ontem minha irmã (com bastante surpresa e pesar meu), que o meu caro amigo estava doente, e eu vi-a tão oprimida e tão entristecida, que não tive ânimo para lhe pedir mais informações, o que

[36]Joel Serrão, antologista de Cesário Verde, faz anteceder à data entre colchetes o mês de agosto, seguido de um ponto de interrogação, assim querendo sugerir que essa carta pode ter sido escrita naquele mês. Cf. VERDE, Cesário -- *Obra completa de Cesário Verde* (org., pref., e anot. por Joel Serrão). 4. ed., Lisboa, Livros Horizonte, 1983, p. 172.

fez com que eu me apresse a escrever-lhe, para saber de que doença sofre e se é grave.

Creia que fico esperando impaciente a sua resposta, pois tenho bastante receio, que a sua saúde fosse seriamente alterada.

Conforme as suas ordens tenho visto se na Cruz Quebrada há alguma carta para si, mas até agora não tem havido nenhuma.

Diz-me na sua carta que seja bastante extenso, mas eu temo que à força de ser longo me torne fastidioso, pois a falta de assunto, e o que ainda é mais a pouca habilidade, da pena, necessariamente farão a carta mais estólida possível.

Linda-a-Pastora, desde que o amigo partiu para Coimbra, muito me está aborrecendo, porque passo ali, uma vida muito estúpida, não havendo já aquelas celebérrimas cavalhadas, que tanto nos divertiam.

Também a estação já não permite a estada no campo, pois ora chove a cântaros, ora faz frio de rachar as pedras. No sábado cheguei a Lisboa gelado até à medula dos ossos, proveniente da chuva, hoje a mesma coisa proveniente do frio.

Desculpe a maçada que lhe tenho dado, e o que lhe desejo é que quando receber esta tenha experimentado sensíveis melhoras.

Seu muito amigo muito obrigado

Lisboa, 14-11.º-71

J. J. Cesário Verde

4

Meu prezadíssimo amigo

O princípio das minhas cartas devia-o mandar imprimir, (à laia das circulares) para me tirar o trabalho de lhe estar sempre a dizer a mesma coisa, pedindo-lhe desculpa de não ter escrito mais cedo, e alegando para isso razões falsas. Ora como eu não sou mentiroso por gosto, e como a franqueza nos crimes veniais é circunstância muito atenuante, quando o juiz é indulgente e honra com a sua amizade o pobre réu, contrito lhe confesso quem é o cúmplice no meu delito.

É a preguiça a causa primordial dos meus crimes, e se o amigo não estivesse tão longe, ver-me-ia corar de vergonha pelo meu desleixo. Espero pois ansioso a sua absolvição.

Muito estimei saber que o meu caro amigo tinha experimentado melhoras sensíveis, e eu estou convencido que seguindo o tratamento aconselhado pelo médico, breve se achará de todo restabelecido. O que eu lhe diga que deve fazer, é divertir-se o mais possível, para se distrair, porque a meu ver tristezas não pagam dívidas. Creia que tudo isto é para seu bem.

Cumpre-me agradecer-lhe a sua extrema bondade mandando-me os 3 números do *Jornal da Noite* e 1 número da *Ibéria*.

Li os seus folhetins sobre a Ermida de Castromino, e na minha humilde opinião acho que foram traçados por mão de mestre. Quem os ler e que não conheça o autor, julgará que foram ditados pela cabeça dum velho e erudito pensador, já muito versado nas lides literárias, e não pela precoce mas já muito robusta inteligência dum rapaz novo.

Tenho a certificar-lhe que o meu caro nunca me importuna mandando-me produtos da sua lavra, mas que pelo contrário muito gosto me dará nisso.

Apesar dos seus, aliás muito convincentes, argumentos sobre o campo cada vez estou mais aborrecido por viver nele.

A família de meu tio Gregório já se retirou para Lisboa, e nós com esta falta passamos aqui as noites mais intoleráveis do universo; deitamo-nos muito cedo, por causa de uns abrimentos de boca, que nos apoquentam logo ao anoitecer. Eu cá ainda tenho a distração de passar todo o dia na Lysbia amada, porém a minha família que não goza das

mesmas vantagens, já tem imensos desejos de se recolher à capital do reino lusitano.

Aceite um protesto de sincera amizade do seu

muito amigo e obrigado

José Joaquim Cesário Verde

[1871][37]

5

Meu caro amigo

É meu imperioso dever o agradecer-lhe com profundo reconhecimento a sua jovial carta de 30 de novembro, o livro do Pereira Rodrigues,[38] e os dous números do *Tribuno Popular,*[39] que teve a extrema bondade de me remeter.

À *vol d'oiseau* li os seus escritos reprovando o restabelecimento das ordens religiosas em Espanha, vendo com prazer que os golpes que deu no seu rude adversário foram de gladiador consumado, e ficando ainda mais convencido que o amigo é defensor acérrimo das idéias liberais, no que é muito digno de louvor. Note que não lhe digo isto por lisonja pois não sou pródigo em frases encomiásticas, mas sim por ser a verdade, embora ela ofenda a sua modéstia. Mas voltando à vaca fria,

[37]Provavelmente de novembro de 1871, como especula Joel Serrão. Cf. *op. cit*., p. 174.
[38]José Maria Pereira Rodrigues (1837-85): crítico de teatro e de política; funcionário aduaneiro e jornalista, tendo sido deputado (1874). Publicou *O prestigitador* (em parceria com Eduardo Coelho); *Ensaios literários* (1863) e *Uma troca de maridos* (1869).
[39]Jornal de Coimbra.

(na frase familiar) muito me admiro que ainda haja um jornal, que arrostando a animadversão pública, ouse sustentar doutrinas reacionárias com tanta protérvia. De cá lhe mando um bravo pelo castigo que deu na feroz *Nação.*[40]

Por ter voltado a fazer parte da redação do *Tribuno* não sei se lhe dê os parabéns, se os pêsames, porque, se por um lado tem mais um esperançoso horizonte diante de si, por outro lado, também tem mais maçada sem apanágio, a não ser a glória de bons artigos com que lá colabore.

Recebi sem desprazer a benéfica sentença, com que me cominou, e tenha a certeza que ainda que houvesse Supremo Tribunal de Justiça para apelar, não usaria dos meus direitos.

Descrever-lhe o júbilo que me assaltou ao ler as suas duas últimas cartas, é incompatível com a minha débil pena. Passar do grave ao alegre, do austero ao humorístico é um fato que não pode ser indiferente ao meu coração, que é todo regozijo. Eu fujo a sete pés de tudo o que é sério, sisudo, severo etc. etc. porque lhe acho um cheirozinho a incenso, que me faz lembrar as antigas naves dos lúgubres conventos, que repercutiam o eco dos fúnebres passos dos ferais monges.

Estava para me dirigir ao João do Armazém taverneiro e ínclito juiz de Linda-a-Pastora, para alcançar privilégio de saloio, quando por participações semi-oficiais, soube que partiríamos para Lisboa lá para 11 ou 12 do corrente. A não ser isto, já teria enviado plenipotenciário junto do Il.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Joaquim da Silva Lavra para entabular negociações tendentes a restabelecer ligações mais amigáveis que as atuais.

Quanto a D. Isidora encontrei-a antes de ontem e teve o cuidado de me perguntar pela sua saúde e de lamentar a sua ausência. Dos nossos passeios diurnos e noturnos, não me esqueci, não me esqueço, e não me esquecerei. Daquele belo açoite aplicado com látego de cinco correias sobre o ás de copas do pobre homem da Rua dos Fanqueiros, e da sua fleumática resposta, ainda me recordo. Da roliça e descorada cara do

[40]Jornal católico e tradicionalista.

Cocó[41] (agora eleito vereador da Câmara Municipal de Lisboa!) inda me lembro. Da nossa vertiginosa corrida *acaburro* diante do *char-à-bancs* em Pedroiços, da queda do palafrém, da perda da luneta e da libra e do rasgão nas calças jamais me esquecerei.

Agora sério. Tive bastante pena que o Graça esteja com uma doença tão funesta como a que ataca o pulmão -- a tísica. É um rapaz com quem simpatizei, porque me pareceu sincero e despido de todas essas imposturas com que tantos por aqui se pavoneiam.

Desculpe a caligrafia que é péssima por duas razões: pelo artífice e por estar muito frio, fazendo-me tremer muito a mão. Tenha saúde como a deseja para si o seu

muito amigo e obrigadíssimo

J. J. Cesário Verde

Lisboa, 6-12.º-71

6

Meu amigo

Não repondi logo à sua última carta porque o tenho esperado em Linda-a-Pastora, mas como até hoje não viesse, apresso-me a escrever-lhe para saber se o motivo por que não tem vindo é a falta de saúde. Espero que terá dado ouvidos aos meus conselhos e aos das pessoas

[41] Cocó é apelido de José Gregório Rosa Araújo (1840-93). Foi Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. A abertura da Avenida da Liberdade e muitas outras iniciativas de transformação e modernização de Lisboa devem-se a ele. Começou a trabalhar aos 13 anos, auxiliando na confeitaria paterna. Os afamados pastéis denominados "cocós" foram criados por ele.

sensatas e experientes, tendo resignação e firmeza com a sorte. As suas más idéias de morrer já não as terá, assim o creio. Nós continuamos por aqui até ao fim do mês, segundo diz meu pai.

Minha mãe é que não tem vontade de ir para Lisboa, onde as dores se lhe avivarão. Continua muito inconsolável, chorando desde manhã até à noite com o seu inesgotável coração de mãe.

Nós sempre pesarosos sentimos com inquebrantável pena a irreparável falta daquele anjo. Não é só o meu amigo que sofre, porque não era só a amá-la, mas o tempo o eterno gastador tudo modifica.

Minha família, toda, muito se recomenda tanto ao amigo como a seu pai, assim como meu tio Gregório e minha tia Cristina; muito agradecendo esta a sua bondade remetendo-lhe o seu retrato.

Espera notícias da sua saúde, e envia-lhe um saudoso abraço o seu

sempre muito amigo

J. J. Cesário Verde

Linda-a-Pastora, 20/outubro/72

A Mariano Pina

Mariano Pina, meu caro Diretor

A sua "Ilustração" impressa nesse tumultuoso Paris, em grande formato, composta por tipógrafos franceses que devem achar muito *drôle* a abundância do til e a falta do acento grave, anunciada com *réclames* estonteantes e um tapage ensurdecedor nesta pacífica Lisboa tão morna e tão dorminhoca, a sua "Ilustração", duma tiragem muitíssimo reparável, fez-me nascer o desejo de lhe oferecer a Você a minha colaboração. Conquanto V. não me enviasse o seu cartão de convite, o meu ideal de luxo e a minha pretensão de ver os meus versos numa elegante *toilette* parisiense, instigara-me a recomendar-lhe um pequeno poema que fiz com todo o esmero de que sou capaz, e cujas provas eu quereria ver pessoalmente, no caso de ser publicado. Compõe-se de heróicos e alexandrinos numas 130 quadras que no tipo miúdo (como é mais distinto e mais discreto para a poesia) encherão essas colunas de Hércules durante pouco mais de 2 páginas.

Mas a direção literária ou administrativa duma publicação como a sua tem dificuldades. Você tem de consultar os grossos apetites dos seus leitores e os fastios nevrálgicos das suas leitoras, e realmente eu não sei se o deva embaraçar com esta exigência.

Em todo o caso sempre lhe direi que é um trabalho *réussi*, correto, honesto e dum sentimento simples e bom. Chama-se "Nós", e é talvez a minha produção última, final. Trato de mim, dos meus, descrevo as propriedades no campo em que nós criamos, a fartura da vida de província, as alegrias do labor de todos os dias, as mortes que tem havido na nossa família, e enfim os contratempos da existência. Para animar tudo isso, para dar a tudo isso a vibração vital eu empreguei todo o colorido, todo o pitoresco, todo o amor que senti, que me foi possível acumular.

Ora como esta obra começa com a descrição da Febre Amarela e do Cólera-Morbus quando nós fugimos em crianças, lá para fora, e depois continua com descrições do nosso Verão adusto e forte; e como nós

agora estamos com a ameaça da epidemia e Julho e Agosto vão começar, eu pretendia que estas coincidências convergissem; publicando imediatamente.

É uma paixão pela arte que me faz pensar assim, não julgue V. crueldade. A famosa ciência de Pasteur e dos outros há-de atalhar o mal, e o pavor será a maior dor que se sentirá.

Outra coisa: Sabe V. que tenho saudades desse aborrecido mês que vivi em Paris tão contrariado e esmagado, e que hoje fiz volte-face e agora, digo constantemente bem dessa França, desses Franceses e dessas Francesas, como um doido ou um apaixonado?

Bem. Escreva-me Você sem demora com a sua decisão.

Seu confrade amigo e obrigado.

Dia de S. Pedro
29/julho/84
R. dos Fanqueiros, 2 *Cesário Verde*
Lisboa

A Silva Pinto

Meu bom Silva Pinto

Recebi e agradeço a tua carta. Cá vou vivendo cheio de trabalho comercial. Estes últimos dias tenho tido algumas novidades.

-- Ontem à noite, quando saía da loja encontrei o Henrique das Neves[42] que me disse isto:

-- "O Teófilo[43] leu os seus versos e, falando a respeito do Guilherme de Azevedo,[44] disse que este era talvez o único que no futuro poderá representar a poesia moderna, por ser quem trilha a verdadeira senda; tanto mais que se apresenta agora uma nova turba de rapazes que andavam mal."

"E referindo-se à sua "Esplêndida" censurou que um homem, para captar as simpatias de uma mulher, desça ao lugar dos lacaios. Disse que um poeta amante e moderno devia ser trabalhador, forte e digno e não se devia rebaixar assim." Dize francamente o que pensas disto.

Julgo dever absolver o Gomes Leal[45] da frieza que me mostrou. Explicou-me a causa. Disse-me que eu não obrara bem marcando um prazo certo para os meus versos serem publicados no *Diário de*

[42]Henrique José das Neves (1841-1915): jJornalista e escritor. Publicou *A cova de Viriato* (1893), *Individualidades* (1910) e *Esbocetos individuais* (1911).

[43]Teófilo Braga (1843-1924): mentor intelectual do movimento republicano, representante ativo da "Geração de 7O". Escreveu *Teoria da História da Literatura Portuguesa* (1872), *Contos tradicionais do Povo português* (1883): *O Povo português nos seus costumes, crenças e tradições* (1883); *História da poesia popular portuguesa* (1902-1905); *História do Romantismo em Portugal* e outras.

[44]Guilherme de Azevedo (1839-82): poeta. Publicou dentre outros *Radiações da Noite* (1871) e *Alma nova* (1874). Foi correspondente em Paris da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

[45]Antônio Duarte Gomes Leal (1848-1921): poeta e autor de *Claridades do sul* (1875), além de poemas panfletários e satíricos, como *O tributo de Sangue*, *A canalha* (ambos de 1873) e *Troça à Inglaterra* (1890).

Notícias e exigindo do Eduardo Coelho[46] que eles saíssem primeiramente que a "Justiça" dele. Não sei. Os meus estavam lá havia muito e os dele foram entregues então.

Leste com certeza a "Justiça". Eu gostei muito. É incontestável que ele é uma individualidade literária. Destaca-se de todos os mais.

Ele concordou em que havia sujeitos que nos intrigavam. Diziam-lhe que eu dizia mal dele e diziam-me que ele dizia mal de mim. Agora creio que estamos bem. As *Tragédias* não m'as entregou ainda. O Bettencourt apresentou-me o Coelho de Carvalho. Não me parece mau rapaz. De resto mostra-se-me afeiçoado e sabe alguns versos meus de cor, o que, francamente, me lisonjeia.

Desculpa, meu Silva Pinto, estas minuciosidades que talvez te façam rir. Hoje é dia santo e disponho de tempo.

Conheces um rapaz chamado Cristóvão Aires[47] de quem o Tómas Ribeiro diz muito bem? Foi-me apresentado. Julgo-o um pouco estouvado, mas um bom coração, que se deixa levar pelas primeiras impressões. No dia seguinte àquele em que me conheceu foi levar-me a casa uma poesia que me é dedicada e em que me aconselha a que siga a escola do Sentimento, ou antes a que escreva apenas o que sinto. A poesia tem um certo perfume oriental. Diz ele que a mandará para o *Diário Popular*. Verás...

Disseram-me que o Guimarães Fonseca leu no Martinho um folhetim em que me descompõe, e que bastantes rapazes tomaram a minha defesa e pediram que o retirasse. Creio porém que sairá, mas não sei quando. Embora; parece-me que não me incomodará.

Aquele rapaz alto, -- o Seixas --, disse-me que te tinha escrito, mas que julgava que a carta se perdera, porque não tinha ainda recebido resposta.

O teu

---

[46]Foi fundador do *Diário de Notícias* , de Lisboa, e quem primeiro imprimiu versos de Cesário na imprensa portuguesa. Foi, também, empregado da loja de ferragens do pai de Cesário Verde.

[47]Vide nota 24.

C.V.

1875

2

Meu irmão

Escrevo-te sobre uma secretária comercial, cheia de papéis, de livros, de notas, de trinta mil coisas que me tornam muito positivo e prático.

Eu não sou como muitos que estão no meio dum grande ajuntamento de gente e completamente isolados e abstratos. A mim o que me rodeia é o que me preocupa, e para te falar com delicadeza profunda sobre o que me dizes deve decerto deparar-se-me ocasião melhor.

São realmente coisas tão finas, tão delicadas, essas de que me falas, que eu tenho medo de as maltratar lançando sobre elas palavras pouco meditadas, e que te dariam uma idéia menos verdadeira de mim.

Olha: às vezes as crianças falam a verdade; eu ignoro tudo o que te tem envolvido e tenho também a inexperiência e a ignorância das crianças, mas peço-te humildemente uma coisa muito simples: não te precipites!

Lembra-te de que a gente se arrepende hoje do que fez ontem e naturalmente se arrependerá amanhã do que faz hoje. Se alguém te aconselhar, escuta-o, mesmo que ele pareça atrevido.

Todos te querem bem, e eu, meu querido amigo, desejo a tua felicidade como a minha própria, e tu, decerto, a minha como a tua; com a diferença, que tu, quando me guias, pensas serenamente, e eu, quando penso em ti, faço-o também com sossego e sem febre.

Um grande abraço leal e sério do teu

Cesário Verde

1875

3

Meu querido irmão

Que tem havido?

Não me escreves, não me dizes em que param essas coisas: disse-me o Gomes de Sousa,[48] agora, que não lhe respondeste a uma carta. Tens estado incomodado?

Quando cheguei ontem julgava que havia de encontrar notícias tuas; nem uma! A última vez estavas de mau humor. Imagina.

Eu estava lendo *O Mistério de Edwin Drood* do Dickens, debaixo duns parreirais, sobre um comprido poial de pedra; era quase noite e custava-me a ver. O romance tem umas cenas sossegadas de cidade pequena de Inglaterra, quase campo; se tu lesses compreenderias melhor o sossego, a quietação, a simplicidade mesmo, que eu sentia no meio daquela paz do livro e da natureza. De vez em quando lembrava-me se seriam horas de chegar o moço de Lisboa. Nisto, chegou a tua carta, e magoou-me, fez-me mal tu dizeres-me que notavas em mim uma certa quedazinha para teu crítico: em mim! Nunca mais penses que eu te possa dizer senão lealdades de amigo; e se tu conhecesses a indiferença com que eu vejo as ações dos outros não o terias pensado. Tanto me importa a mim que eles pratiquem duma maneira ou doutra, bem ou mal. A ti digo-te o muito que me inspiras.

[48]Francisco Maria Gomes de Souza (1835-1914): jornalista, escritor e tradutor de Balzac e Zola.

Mas não insisto nesta explicação.

Nem tu o faças.

A Companhia Americana consolida-se? Precisas dalguma coisa daqui, em Lisboa? Não hesites comigo.

Hoje, pela manhã, quando vinha de casa, encontrei o Bonança,[49] que me contou aquelas cenas sujas do Centro. Perguntei-lhe se tinham organizado alguma coisa no Porto. Ele disse que sim, e eu para o ouvir estranhei-lhe, como reparos meus, que tu, que tens sido vítima destas lutas, não fosses consultado aí. Diz ele que escreveu e que te vai escrever novamente, mas que um de lá lhe afirmara que tu vivias num grande apartamento, isolado de política.

Tenho guardado cá o teu Montesquieu e ontem, quando fui mexer nuns livros, é que me lembrei que não to mandara ainda. São difíceis de cintar para irem pelo correio e juntamente os outros dois volumes que me emprestaste. Como deve ser?

O Luís de Andrade[50] ainda te não deu o Planche?[51]

P.S. -- O alto das cartas escreve-o sempre depois da carta feita. Faço-as na loja e pode alguém ver ao passar o tratamento que nos damos.

Sabes tu que se riria -- o Comércio?!

Teu amigo *exclusivo, único e excepcional*,

Cesário Verde

1875

---

[49]João Bonança (1836-1924): historiador, jornalista e defensor do ideário republicano. Dirigiu *O Trabalho*, em que Silva Pinto publicou suas primeiras colaborações a jornais.

[50]Foi colega de Silva Pinto e Cesário Verde no curso de Letras em 1873. Publicou *Caricaturas em prosa*. Natural de Recife.

[51] Autor de obra de literatura grega da qual Luís de Andrade necessitava em seus estudos.

4

Meu querido irmão

Procurei o Leão[52] que me disse ser o Bonança o mais competente para o que queres; acrescentou que a *Democracia* dava 400 réis e só aos que revêem as provas todas - os revisores, e que a maior parte dos redatores não recebia nada.

Depois procurei o Bonança no Centro da rua do Norte, na rua de S. Boaventura, na Biblioteca Pública e no *Martinho*, donde escrevo. Ninguém sabe onde ele mora.

Escrevi-lhe uma carta, expondo-lhe o fato. Devem entregar-lha esta noite e eu peço-lhe a resposta para amanhã. Ele vem aqui, provavelmente logo.

Não te digo mais nada porque vejo que estás numa situação em que não se ouve com sossego os que parecem muito sossegados da sua vida, como a ti te parecerá que eu estou.

Estás enganado. Eu sinto os teus desgostos deveras como se fossem meus, ou mais. Se eu pudesse remediá-los!

Um abraço de conforto se o pode haver.

Teu do coração

Cesário Verde

1875

5

[52]Antônio Pinto Leão de Oliveira (1846-98): médico republicanista.

Meu bom Silva Pinto

Cá recebi os 20 números das *Noites.*[53] Já passei 10; os restantes não me tem sido possível vender.

Mando-te 1.000 rs. em estampilhas. Logo que possa receber o resto, que será dificílimo, remeter-to-ei.

Entreguei alguns ao Seixas.

As *Noites* vêm esplêndidas e corajosas como tudo o que é teu.

A respeito do Bettencourt, parece-me que outro dia não me fiz compreender por ti. Ele *chorou*, não por causa das provações que tem passado, em resultado da luta que quer sustentar com a sociedade burguesa; *chorou* por causa do que ele chama a tua ingratidão. Ainda não lhe respondeste?

Eu não lhe quis mostrar a tua carta. Escreve-lhe, faze-me isso, sim?

Se falares para o futuro nalgum número do *Mosaico*, dize o que pensares a respeito do Papança. É um belíssimo rapaz como eu te provarei com mais vagar; repara que eu não quero dizer com isto que digas bem. Nem eu te proporia semelhante coisa.

Escrevo-te de corrida. Conversa comigo, sê sempre o mesmo, como eu o sou também.

Abraça-te o teu *Cesário Verde*

[1875]

6

Meu prezadíssimo Silva Pinto

[53]*Noites de Vigília.*

À sórdida e estúpida doença que eu tinha sobreveio uma hérnia que me levou à cama, há 8 dias. Tenho sofrido dores insuportáveis. Estou em Linda-a-Pastora, isto é, a 2 léguas ou mais de Lisboa, e com poucas comunicações para ali. O nosso Bettencourt sabe onde é, porque ia muito a Oeiras. Hoje é o primeiro dia que tenho de melhoras. As tuas duas cartas, assim como grande número de jornais, estiveram retardados em Lisboa. Só hoje recebi tudo junto.

Cá li o "Palco". Não era preciso ver as tuas iniciais para conhecer os teus artigos. Vais fazer um grande serviço, inaugurando uma crítica teatral completamente independente, sem intrigas de bastidores, sem contemplações de amizades, nem ódios particulares. Sê justo, ou antes sede justos, porque falo também ao bom Bettencourt. Tu, e agora falo só contigo, não te deixes levar por entusiasmos; modera-os.

Nessas lutas de Imprensa, quem está longe é que analisa friamente. Toma sempre cuidado com as frases que empregares, quer para divinizar, quer para destruir. Não vás agora pensar que eu te estou dando conselhos. Não. Quero mostrar-te mais uma vez que sou teu amigo. Escuta sempre a voz dos sensatos e dos moderados; é necessário conformares-te, amoldares-te com eles. Entre o público, entre a grande massa é que tu hás-de criar glória...

És um caráter excepcional!

Tenho às vezes vontade de benzer-me com a mão esquerda, quando leio os teus artigos e as tuas cartas! Pois um homem que vive em pleno idílio tem tanto fogo e tanta vida para as coisas exteriores do seu mundo. Eu, no teu caso, tinha um completo indiferentismo por tudo aquilo que não fosse do meu ninho de amor.

Não compreendo, e admiro.

Não vi ainda a tua carta em resposta ao Camilo.[54] Calcula a minha impaciência. Cuidado, porém, nos exageros. Vê lá!

[54]Trata-se naturalmente de Camilo Castelo Branco (1825-90), com quem Silva Pinto travou polêmica.

Como eu não vou tão depressa a Lisboa peço-te o obséquio de escreveres ao João de Deus dizendo-lhe o que há a respeito dos artigos. Dirige a carta para o *Martinho*.

-- Dispõe de mim, e faze por te conservares, ou antes, por vos conservardes na terra da promissão.

Um abraço saudosíssimo do teu

Cesário Verde

[1875]

7

Bom e querido irmão

Está realmente um calor de Inferno e não sabes ainda que o recebi de chapa, uns dias, nos arredores de Setúbal até Palmela. Fui lá em serviço da casa, numa diligência de cobrança, que falhou naturalmente - pela aptidão do cobrador.

Andei sempre com o Henrique das Neves, um bom caminheiro, que em vão tentou cansar-me numas digressões à hora do meio-dia.

Ele recebeu uma carta do Luís de Andrade, anunciando-lhe “300 páginas de prosa mais ou menos digerível”-- textual. Parece que vêm precedidas dum tônico do Junqueiro. Modéstia. Bem! Encontrei

também na minha importante viagem o Luciano,[55] que está a banhos na foz do Sado, e houve discussões estéticas e políticas, em voz tão alta, que Setúbal chegava às janelas debruçando-se. Já tens notado que estou hoje em boas disposições ligeiras e alegres: não gostas de me ver assim?

Tu desconfias que do *País* segredem insinuações para o *Progressista* a teu respeito e por causa dos *Enjeitados*? Não sei se me pareceu ver essa desconfiança no artigo que traz uma dedicatória do Ennes,[56] mas era talvez melhor tê-lo dito para que não imaginem vaidade o que não é. Não achas?

Se as notícias teatrais te dão elasticidade, fazem-te talvez inimigos pequeninos que influem na vida diária do homem, mas que não são lançados, como peso, na história grande do literato. Não me explico bem claramente? Essas questões não chegam fora do local e do tempo em que interessam e roubam-te decerto à crítica, sobre a Valentina, por exemplo, na qual me têm falado diversas vezes, com insistência. Da gazeta[57] encontrei ontem cá 6 números cintados num só maço.

A tua carta é tão sossegada e doce! É para mim, unicamente para mim, como as minhas são para ti, unicamente para ti. A do Fernando era outra coisa, era literária apenas.

Esses alferes! Compreendo que só para lhe perguntares por mim o ouviste repisar. Obrigado por esse esforço que avalio!

A poesia pediu-ma o Tomás de Melo.[58]

É verdade: Pedi na semana passada ao Andrade, a favor de um rapaz modesto e bom cornetista, José Rodrigues.

Julgo que não gostaste do sujeito!

Teu com toda a alma

---

[55]Luciano Cordeiro (1844-1900): jornalista, deputado e defensor do colonialismo.

[56]Antônio José Ennes (1848-1901): jornalista político e teatral, foi ministro da marinha após o *Ultimatum* inglês de 1890. Chegou a escrever peças teatrais, como *Os lazaritas*.

[57] *Gazeta do Povo*, de Lisboa.

[58]D. Tomas de Fletcher de Melo Homem (1836-1906): jornalista e escritor. Publicou *Cenas de Lisboa* (1874) e *Boêmia antiga* (1879).

Cesário Verde

[1875 ou 1876][59]

8

Meu muito amigo

Tenho visto o imenso trabalho que o jornal te dá e que te deve cansar e não censuro, por isso, a tua falta de cartas. Mas para não esperdiçar tempo escreve-me agora uma coisa qualquer, pequena, com notícias de ti, da tua saúde, dos teus projetos desse momento.

Recebi com alguns dez ou doze dias de atraso *Os Jesuítas*, segundo verifiquei pela marca do correio. Eu estava lendo nessa tarde um livro de Quinet[60] sobre o assunto e em meio da leitura passei para o teu panfleto com uma grande facilidade de idéias.

Notei desta vez uma coisa em ti: a alegria manifestada no *bon mot*, talvez violenta, com ímpetos; mas a alegria, e em ti, o que tanto me alegra! Eu não sei bem o que digo mas quer-me parecer que a Igreja estará morta desde que se prove a todos que a Moral pública moderna é incompatível com a sua moral. Portugal precisa de propaganda científica, e tu pelo estilo, pelo estudo, pelo caráter podias, devias aproveitar esta quadra para uma explosão de panfletário; mas sempre com o ponto de vista da verdade, da ciência e fugindo da política de *clocher* que se desvanece logo e não chega a distância. Os homens da *Enciclopédia* é que estarão, talvez, fora da filosofia de hoje e ainda há

[59]Joel Serrão grafa entre colchetes as duas datas, informando que Pedro da Silveira é da opinião de que esta carta é de 1876. Cf. *op. cit.*, p. 193.

[60]Edgar Quinet (1803-75): historiador e escritor francês influenciador da "Geração de 70".

bem pouco eu vi no Max Muller[61] um engano, uma *bévue* (não sei traduzir) do Voltaire, uma tolice crassa para hoje que a lingüística se adiantou tanto, e assentou as bases da Ciência das religiões. Explica-me, meu querido amigo, quando tiveres vagar, as tuas idéias a este respeito, e aclara-me as minhas que eu tenho a franqueza de te confessar a ti, porque é a ti, que estão um tanto obscuras.

O teu retrato é dos melhores, é característico: Parece que te voltaste, de repente, a responder a uma insolência, ferido, orgulhoso. Bem vi que tinha a data dos teus anos.

Esqueci-me?

Esta semana tenho estado doente bastante, do estômago, da cabeça, de tudo, sempre agoniado e enevoado. Aquele artigo do Teófilo sobre o Camilo que fala em disciplina mental faz-me pensar no que eu devo seguir; agora há uns poucos de dias que não leio. Estou à espera que saia a última edição do dicionário de medicina do Littré para me estudar. Que te parece? Achas extravagante.

Que queres, se não me sinto bem em parte nenhuma e ando cheio de ansiedades de coisas que não posso nem sei realizar.

Despede-se com uma grande saudade.

[1877]

O teu

Cesário Verde

9

[61]Filólogo alemão.

Meu velho amigo

Tínhamos combinado, o Fernando,[62] o Coelho de Carvalho e eu, ir hoje ao Lazareto, para te ver, para te avistar ao menos; mas por mim, pela minha parte, não posso agora sair daqui. Vim acompanhado por meu pai.

E amanhã, meu amigo, amanhã nem estarei na loja, nem te esperarei no caminho de ferro. Vivo em Linda-a-Pastora, sempre. Escreve-me uma carta formidável, assim que chegares ao Porto, assim que sossegares o teu espírito. Não sei o que te escreva agora, eu, para te fazer bem!

Um raro braço.

[1879]

Teu

Cesário Verde

10

Meu amigo

[62]Fernando Leal.

Acontece chegar enfim a ocasião de te escrever. Tenho visitado três vezes o Fernando Leal no Hospital Militar e foi ele quem me fez ciente duma carta quase muito justa e cheia de exprobrações, tua. Pobre rapaz! Também nervoso, também febril, e engaiolado num quarto que servia a doidos furiosos, com grade na porta, para ser espreitado, por lá passeia como uma fera, indomável mas incorruptível. Falta-lhe o sangue, e na janela que deita para o jardim inglês da Estrela não dá nunca o sol.

Resta-lhe a consolação dum capote que lhe deram, de uniforme, marcado nas costas como dum forçado. Ele queria ir aquecer-se para o outro lado, para o oriente, mas não o pode convenientemente, porque se encontraria com os soldados rasos! E não te deve passar que aquele sítio se chama a Estrela: é frio como a alta serra do mesmo nome. Da última vez, quando subi, havia nevoeiro, e, não sei se foi diferença de temperatura, se foi doença que vagava aborrecida pelos corredores e que quis vir comigo, o que sei é que tive uma febre violenta indefinida pelo velho clínico daqui. Eu nunca tivera febre, e sentindo grandes arrepios pela espinha dorsal, detestáveis, estava vendo se ia ceder à moléstia: se ia perder a minha autonomia - e delirar. Eu nunca delirei. Cambaleante, pela dieta, custando-me a equilibrar o edifício da minha estatura cá vou indo menos mal. A facilidade com que isto se desmorona!

Parece que os homens baixos se formam melhor na vida. Recebi agora 14 números atrasados da "Voz".[63] O teu trabalho cotidiano lido à medida que o vais produzindo admira, mas em bloco espanta. Como diabo conseguiste tu multiplicar as faculdades? Peço-te o favor de me dizeres de que meio propício te resulta uma soma tão enorme e tão certa.

[1875 ou 1879][64]

[63]Será, por ventura, o jornal *A Voz do Povo*, que se publicou entre 1878 e 1882.

[64]Serrão grafa duas datas, acatando também a hipótese, mais provável, levantada por Pedro da Silveira, de que esta carta teria sido escrita em 1879. Cf. *op. cit.*, p. 182.

Do teu

Cesário Verde

11

Meu querido amigo

...O meu desejo é que esse estado excelente seja em duração o que é em intensidade. Com certeza tu agora não pensas na desgraça nem na fatalidade que pesa sobre um homem, nem em nada fatal e inevitável.

Sem dúvida deves ter planos para muitos anos, vastos, de execução trabalhosa e lenta: como um ilustre ministro de obras públicas.

E como a tua metafísica, que antigamente era indizível e vaga, se manifesta neste momento com fatos, formas, gritos, cores, nuances! Muito bem, muito bem em tudo!

Somente, para que atiras tu a uns medíocres, a uns banais, às vezes?

Eu não quero dizer que não sejas caçador em crítica, de quando em quando, para desenferrujar as penas velhas. Mas não faças pontaria a pardalitos, nem, o que é pior, a papagaios de papel. Bem sei que não há águias, mas há belas perdizes, galinholas, grandes milhafres. No teu conto, por exemplo, sobre *Jorze* de Oliveira. Conhecia-se à légua o teu desejo de matar com uma cajadada dois coelhos; fazendo uma hora de arte e respondendo a uns insignificantes. Engano-me, meu amigo? Ora,

a minha vontade era que não te distraísses com o que não presta para nada: logo que te sentes ágil, vigoroso, procura boa caça, a tiros decisivos como tu tanta vez empregas admiravelmente. Fora dessas horas de luta, levanta monumentos de grandes linhas arquiteturais, que possam vir a ter um aspecto secular e que sejam duma destinação boa, elevada.

Eu por aqui me afasto da literatura; amando-a ainda muitíssimo, não penso exclusivamente nela e sem pressão nenhuma que me obrigue a aplicar-me, vou perdendo de vista as antigas árvores de sombra, inúteis e majestosas, para me entreter pelo meio destes pomares burgueses e produtivos.

Escreve-me sempre.

[1879]

Teu amigo

Cesário Verde

12

Meu bom amigo

Achei-te contrafeito na última carta; pareceu-me que procuravas enchumaçar as pequenas coisas que tinhas para me dizer; que distanciavas as linhas e engrossavas as letras. - Eu, se te não escrevo mais vezes e com mais expansão, não é por falta de sentir, é por motivo material.

É claro que ao meu companheiro de tantos dias eu tenho sempre uma comunicação a fazer.

E gostaria bem de te encontrar de quando em quando, para te dar parte dos projetos que sigo e para saber a direção que tomas. Assim afastados, sem notícias um do outro, não poderemos nós ambos fazer *fausse route*? Por mais confiança que se possua no seu roteiro, no seu estudo independente, sempre é bom de tempos a tempos perguntar a pessoa sincera e bondosa pelo nosso caminho, embora nos sujeitemos a que nos diga: -- O senhor vai enganado.

Amanhã tenciono mandar-te de Lisboa, se houver, um número da "Revista de Coimbra", um paspalhão que traz apenas um artigo bibliográfico bem feito, do Coelho de Carvalho, e onde eu colaborei; já sabias?

São uns versos agudos, gelados, que o Inverno passado me ajudou a construir; lembram um poliedro de cristal e não sugerem por isso quase nenhuma emoção psicológica e íntima. Mas ao menos bem o conheço.

Faltando-te os amigos, não percebo o apego que conservas pelo Porto.

Afinal o que amas tu: é a aglomeração das suas casas, o seu imponente relevo geológico, uma certa aparência de águas e de sol-posto; amas o suicídio no nevoeiro? Se essa humidade te mina, te desagrega a atividade artística, para que persistes?

Eu estou que essa cidade húmida, de que tu só conheces as noitadas, te pode subtrair insensivelmente o azedo e o ríspido que te caracterizam tanto. Deves naturalmente analisar os estados de espírito por que tens passado aí e os que sentiste fora daí, e se a prova for contra o Porto, nesse caso foge a todo o vapor.

Em meio desta carta balofa, chega-me às mãos o teu livro no *Brasil*.[65]

Folheando-o em cinco minutos, como tu costumas fazer, fica-me esta impressão: As primeiras páginas são um esplêndido farrapo de alma. Parece que estes problemas dum grande vago, dum grande tenebroso, duma grande luz, duma grande profundeza só podem ser abraçados, como numa visão mística e divina, pelos homens que vêem

[65]A referência diz provavelmente respeito a *No Brasil. Notas de Viagem,* publicado no Porto em 1879.

o mar: Camões, Ossian, não sei quem mais, que naufragam e firmando mal os pés no fundo, nas areias, tocam com os dois braços abertos nos litorais distantes.

Os que nascem no interior, por terra dentro, caminhando bem solidamente na firmeza do chão duro, nunca sofreram nem gozaram a angústia de se sentirem afogar e embalar.

Fez-te bem a viagem? Outro meio grandioso, o do oceano, e se tu esfarrapasses sempre o teu espírito, convulso e plácido ao mesmo tempo, em pedaços tão luminosos como aquele (mas só aquele em todo o livro!), eu sentiria ainda uma maior atração planetária e irresistível para ti, meu amigo!

[1879]

Cesário Verde

13

Meu muito querido e excelente irmão:

Como hoje é domingo, só tarde recebi a tua bondosa carta e não posso dizer-te, como desejo, a expansão que ela me produziu.

És uma alma extraordinária; eu sou indigno de ti; acredita-o. Valho tanto como os demais.

Não te iludas comigo.

Os conselhos dedicados que me dás, e que eu recebo com o maior reconhecimento, são a verdade. E é isso que eu já pensava, mas julgo que não me fiz compreender bem.

A poesia que eu hoje te mando é a minha última maneira. Vês por ela que eu não desprezo de modo algum o coração, que quando desprezado não deixa brotar *nenhuma* obra de arte.

Mas o que eu desejo é aliar ao lirismo a idéia de justiça.

Eu não sei a quem te referes quando me falas dos *pérfidos*.

Eu aqui não me dou senão com dois ou três rapazes do comércio, bem amigos.

O que eu hoje recebi de ti justificou-me, sem necessidade e mais uma vez, a grande lealdade da tua alma diferente de todas que tenho observado. És um tigre amoroso.

Perdoa-me; eu nem sei o que digo.

Mas aqui ninguém me quer mal, também é verdade. O Junqueiro, de quem tanta gente diz mal, é um dos homens que me trata com mais especial deferência; até quando fala de mim aos rapazes. Ele tem fama de desfrutador: e apesar disso julgo-o sincero comigo, chegando a dispensar-me cavacos duma grande intimidade que ele confessa raríssima para os outros. Os versos que te mando sugeriram-lhe umas frases que, se eu não fosse desconfiado, encher-me-iam duma fatuidade intolerável.

A mais ninguém escuto e sigo com plena confiança como a ti: afianço-te.

Os outros entretêm-me no cavaco, têm bons ditos, conversam bem e fazem-me sorrir. Que, com verdade, não tenho razão de queixa de nenhum, e, às vezes, cismo na razão por que todo o mundo me trata bem. Ninguém me deve obséquios, ninguém me quer enganar e muitos me procuram e me penhoram de pequenas delicadezas que eu não sei pagar, muitas vezes, com igualdade.

Isto superficialmente; que amigos íntimos, íntimos, só tenho um: - és tu.

Mas, pelo amor de Deus, não te exponhas assim comigo, que me fazes mal!

Sinto remorsos e uma grande impossibilidade de retribuir a um coração tão singular como o teu.

Eu sou frio, pausado, calculista como todas as organizações criadas neste meio comercial. E tu não. És ardente, imaginoso, excessivo, e isso leva a imensas decepções e a imensos desgostos.

Não te fies em mim, que sou igual a todo o mundo -- sendo tu, na vida prática, a única amizade real e verdadeira que se me tem dedicado.

Beijo-te reconhecido.

[1880]

Teu

Cesário Verde

14

...Vi agora o Gomes de Souza que esteve aqui, e que costumava cá vir todos os dias ler o *Diário Português*, e não me trouxe recomendações do meu amigo Silva Pinto. Não sei bem porquê. Eu estive-lhe a dizer quando ele me falou da tua exaltação crescente: "Aquele homem parece o centro nervoso da humanidade; sente pelo Porto, por Portugal, pelo Mundo inteiro; se acontece uma desgraça, uma injustiça, uma vitória, em qualquer parte, em Paris, na Turquia, em Lisboa, recebe um choque enorme. Agora não me escreve, esqueceu-se de mim. Vibra para outro lado".

E é verdade, eu receio até mandar-te cartas compridas; pode ser que não as leias. Para mim são tão pequenas as que fazes, que parece que pensas em todas as coisas, menos em mim. Se tu quisesses imaginar o estado do meu cérebro, dos meus nervos! Não trabalho senão

fisicamente, sobretudo em caminhadas que me prostram; não sei executar o que concebo, e para o meu pulso a coisa mais pesada é uma pena. Eu todos os dias te oiço, todos os dias tenho notícias tuas, que me recordam os teus modos, os teus sorrisos, os bons e os maus, as tuas palavras. Vejo o teu jornal. Mas tu? Quando sabes de mim? Não me vou eu apagando no teu espírito?

Também te escrevo isto *quand même*, como tu dizias literariamente no bilhete desse Joaquim de Araújo[66] que se fartou de me recitar versos.

Serias tu capaz de julgar que eu tomava o partido do L..., naquela questão, e que por isso estava calado? Doidice.

A tua carta mostrei-a a todos os rapazes que se riem dele e que são imensos. Agora dei-a ao Fernando Leal para o Ennes. Como tu dizias valia mais a cabeça do dedo mínimo do Ennes que toda a cabeça pensante do L...[67], afirmação que não foi de boa tática, eu quis tornar isso conhecido do dramaturgo. Fiz mal?

Um fato que eu notei e que não explico: Aquele atrevimento não te fez saltar de raiva. Era risonha a resposta, brincavas com ele, humilhava-lo a rir.

Não tenhas nunca suposições desfavoráveis à amizade do teu amigo e supõe-me sempre justo e bom. Se às vezes o desgosto da vida, das mulheres, dos amigos, deste estado de coisas, me retrai numa grande concentração de idéias, num isolamento reservado e silencioso, isso é sempre favorável à estima que temos pelos nossos caracteres: isso obriga-me a ser mais teu amigo.

[data desconhecida]

Cesário Verde

---

[66]Joaquim de Araújo (1858-1917): poeta e fundador das revistas *Renascença* e *A Harpa*, que acolheram colaboração de Cesário Verde. Publicou *Lira íntima* (1881), *Ocidentais* (1888), dentre outros.

[67]Magalhães Lima (1851-1928).

Miscelânea

1

Lisboa, 29 de maio de 1878

Il.mo Senhor [?]

Respondendo à proposta de V.ª S.ª relativa à compra dos terrenos destinados ao Forte do Alto de Caxias e que se denominam Mirante, Abaçaludo, Coelho Grande, Coelha Pequena, Barro do Pereiro e Barro do Pereiro do Moinho, tenho a honra de dizer o seguinte:

Lembro novamente a V.ª S.ª que estes terrenos fazem parte dum prazo do qual eu pago ao Marquês de Pombal 303,5 litros de trigo e 303,5 de cevada com laudêmio de vintena. Haverá, portanto, a pagar o laudêmio e eu teria de continuar a pagar o mesmo foro ao Marquês porque, segundo me consta, o Estado não paga foros.

Sobre a sua avaliação, atendendo às qualidades férteis destas terras e a havê-las adubado em Outubro p.p. com adubos caros, que tiveram importantes despesas de transporte e a estarem em grande parte guarnecidas de oliveiras, que seriam no futuro uma boa fonte de receita e às perdas notáveis que as obras do Forte me produziram em embaraços de trabalho, chão pisado, etc. ... e atendendo ainda aos prejuízos e eventualidades que V.ª S.ª compreende muito bem, calculo o seu justo valor na quantia de 2.000.000 rs.

Deixando, pois, aos bons desejos de V.ª S.ª a bondade de ponderar e de tomar na devida justiça estas explicações, asseguro-me com toda a consideração

De V.ª S.ª, At.º, V.or e Obg.º
Por seu pai, o sr. José Anastácio Verde

José Joaquim Cesário Verde

2

Lisboa, 11 de Junho de 1878

Il.mo Senhor [?]

Em resposta à carta de V.ª S.ª com data de 7 do corrente na qual se digna participar-me que o dig.mo Chefe da Comissão de Defesa de Lisboa me oferece 1.600.000 rs. pelos meus terrenos cumpre-me dizer que achei esta quantia diminuta, visto que esta transação não poderá efetuar-se, como agora estou informado, sem ter remido o foro de que já falei.

Para esse fim dirigi-me ao Marquês de Pombal e ontem recebi carta do procurador de S.ª Ex.ª que me exige 500.000 pela remissão do foro.

Como V.ª S.ª muito bem sabe esta quantia está sujeita aos acréscimos de imposto de registo, selos, escrituras e mais emolumentos e é por isso que eu acho cada vez mais razoável o valor de 2.000.000 rs. das minhas propriedades.

Fazendo ainda observar a V.ª S.ª que desta maneira o Governo poupa o laudêmio, que é importante, assino-me com a maior consideração

De V.ª S.ª, at.º, v.or e obg.º

José Anastácio Verde[68]

[68]Carta elaborada por Cesário Verde. Opinião sustentada pelo seu biógrafo, João Pinto de Figueiredo, com o qual temos que concordar, até porque, nessa época, Cesário já se encontrava à testa dos negócios da loja, ocupando-se de tudo, inclusive, e, com mais razão, da correspondência comercial.

3

Sr. redator da Tribuna do Povo

Não resido em Lisboa. Só agora, por acaso, é que li o seu jornal de 6 do corrente. Quero saber imediatamente quem é o cobarde que assina com o pseudônimo "Juvenal Pigmeu"[69] ou quem é que toma a responsabilidade do que esse patife escreve.

Cesário Verde

Lisboa, 17 de Julho de 79
Rua Nova da Palma, 21-1.º

4

[69]Juvenal Pigmeu é pseudônimo de Angelina Vidal (1853-1917): poeta e professora.

Declaração

Cumpre-me declarar publicamente que às provocações do *Diário Ilustrado* respondi hoje com uma carta prevenindo o Sr. Pedro Correia[70] de que queria tirar um desforço como homem, visto que, como literato não me digno discutir com S. S.ª e que recebi, como esperava, um bilhete de evasivas.

4 de Outubro de 1879

Cesário Verde

5

Ao Jornalista Emídio de Oliveira

Recebi em tempos as circulares de V. e só agora posso enviar alguma coisa para o excelente jornal projetado[71]. O que remeto,

[70]Diretor do mencionado jornal, responsável por dois grosseiros artiguetos, o primeiro deles, "Pérolas realistas" (publicado a 30 de setembro de 1879) e o segundo, "Execução patibular"(de 4 de outubro, do mesmo ano), vazados em forma grosseira, e desfavoráveis, ambos, quer ao poema "Em petiz" (que havia sido anteriormente impresso no Diário de Notícias), quer à estesia de Cesário Verde.

[71] *Portugal de Camões*, em que Cesário publicou "O sentimento dum ocidental".

desviando-se talvez do que outros escreverão, liga-se perfeitamente ao grande fato que pretende celebrar.[72] Não poderia eu, por falta de aptidão, dedicar um trabalho artístico especial a Luís de Camões; mas julgo que fiz notar menos mal o estado presente desta grande Lisboa, que em relação ao seu glorioso passado, parece um cadáver de cidade.

[1880]

[sem assinatura]

6

Lisboa, 25 de março de 1883

Amigo e Senhor Manoel Cabaço[73]

Cheguei ontem finalmente de volta de Bordéus, depois de cinco semanas de viagem pela França. Como deve calcular, gastei muito dinheiro, mas como era de prever pelas notícias recebidas antes de partir, o resultado imediato dos negócios foi nenhum. Já aí[74] deve constar que o mercado de vinhos está péssimo naquele país por causa dos enormes carregamentos que constantemente chegam de Itália, de Espanha, enfim, de toda a parte e por causa também de uma certa paragem nas exportações. Todos os negociantes censuram muito que os vinhateiros portugueses tenham exigido tanto pelos seus vinhos, que este ano não são duma qualidade superior.

Apresentei as minhas amostras nalgumas das mais importantes casas e fiquei de dar uma resposta em relação à baixa de preços assim que chegasse a Lisboa. Em geral as qualidades não deixam de agradar e

[72]Centenário do falecimento de Camões.
[73]Vinicultor e amigo de Cesário. Proprietário do Paço do Lumiar, para onde o poeta se transfere pouco antes de falecer.
[74]Aldeia Galega da Marceana, concelho de Alenquer.

qualquer dessas casas não só me compraria esta pequena partida como até porções avultadíssimas.

Por conseqüência peço a V.ce o favor de me dizer com brevidade se aí já estão resolvidos a modificar os seus preços e se o vinho do seu pai, do Neves e do Joaquim Pereira está ainda por vender, o que é natural. Queira também dizer se todos já fizeram as trasfegas. V.ce fará ver a esses senhores que os compradores franceses não estão dispostos a uma carestia tal e que só baixando V.ce as suas exigências é que se poderá negociar atualmente.

Eu desejaria começar relações comerciais, considerando-me habilitado mais do que ninguém a efetuar transações vantajosas com a praça francesa apresentando propostas razoáveis e conseguindo venda para os nossos vinhos diretamente.

Em França queixam-se bastante de adulterações que alguns lavradores portugueses praticam deitando vinho branco nos vinhos tintos e fazendo assim com que as remessas não confiram com as amostras e sejam às vezes recusadas.

Espero as respostas acima pedidas e desejando-lhes saúde e prosperidades assim como a toda a família a quem envio os meus cumprimentos

Muito at.o, v.or e obg.o
Por seu pai, sr. José Anastácio Verde

J. Cesário Verde

7

Lisboa, 28 de março de 1883

Ilustríssimo Senhor Charles Delapièrre
Bordeaux

Am.º e Sr.

Sem carta nenhuma sua a que deva resposta, apresso-me a participar-lhe que recebi hoje notícias sobre o nosso negócio. Falei pessoalmente com um dos lavradores cujas amostras de vinho aí lhe entreguei e sei que nenhum deles está resolvido a modificar os seus preços. Enquanto eu estive em França caiu sobre os vinhedos portugueses uma grande geada que estragou e queimou os rebentos novos das cepas o que leva todos ao receio dum péssimo ano agrícola. Esta previsão, como é claro, conduz os vinhateiros a conservarem o seu vinho que eles esperam vender mais caro em pouco tempo. Consta também que um francês se estabeleceu em Portugal e anda a comprar a mais de 50.000 tendo mandado construir grande porção de vasilhame. Tudo isto me faz crer que seria bem aproveitado o momento atual para comprar neste país.

Espero receber um dia destes uma proposta sua razoável para estabelecermos relações.

Com toda a estima e consideração

J. Cesário Verde

8

Lisboa, 11 de abril de 1883

Il.mo Sr. Charles Delapièrre
Bordeaux

Am.º e Sr.

Privado do favor da sua resposta, confirmo hoje a minha carta de 28 p.p. e tenho a informá-lo de que a procura de vinho em Portugal tem aumentado consideravelmente desde que lhe escrevi.

Assim a adega correspondente à minha amostra n.º 1 está já vendida e com vantagem.

Como eu tinha previsto, esta animação atribui-se ao cálculo de que a colheita futura seja inferior à precedente, cálculo que naturalmente os compradores franceses fizeram em seguida ao contratempo de todo o mês de março.

Aguardando as suas notícias e rogando-lhe a fineza de me recomendar particularmente a Jaime de Séguier,[75] subscrevo-me com estima e consideração

muito at.º, v.or e obg.º
Por seu pai, o sr. José Anastácio Verde

J. J. Cesário Verde

9

Lisboa, 10 de Agosto de 1884

Il.mo Sr. Augusto Francisco Vieira

[75] Cônsul em Bordeaux.

Tenho diante de mim o seu bilhete com data de hoje, recebido agora mesmo à noite, e sem dar importância ao pedantismo comercial com que ele é escrito, quererá V.ª S.ª permitir que eu lhe esclareça a situação.

No Cais da Areia houve há dias uma confusão estabelecida pelos seus carroceiros, carregadores e não sei quem mais com respeito ao embarque de 20 pacotes de madeira. Desta mistura involuntária está ao fato o sr. Cardoso a quem logo pedi uma nota do que tem sido enviado, mas que não me a pôde dar por deficiência de escrituração. O que, porém, eu posso assegurar a V.ª S.ª é que a madeira que já estava a bordo duma falua de Vila-Franca quando eu cheguei ao Cais e que o arrais me disse ser para a Alhandra, mas ignorar para quem, compunha-se de 20 pacotes marcados FAV, dos quais 19 sem nenhuma contramarca e 1 com a minha contramarca V. Eu vi isto pessoalmente e por isso o dirigi para a guarda de Antônio Fernandes onde recolho os meus materiais.

É claro que nestes embarques feitos a correr é muitíssimo fácil um engano, tanto do meu lado como do lado de V.ª S.ª.

No que, porém, V.ª S.ª erra sozinho e com toda a certeza é em formar uma opinião leviana e precipitada do meu modo de proceder e em me dar lições e repreensões que eu rejeito, tendo o meu cérebro e a minha consciência que me dirigem perfeitamente bem.

Cesário Verde

10

Lisboa, 18 de Agosto de 1884

Il.mo Sr. Augusto Francisco Vieira

Acabo de receber uma carta sua cheia de faltas de sintaxe, de ortografia e de educação e respondo imediatamente. Acho espantosa a sua pretensão de que eu não estou à altura de compreender os seus negócios. Ora eu tenho dado superiores provas intelectuais em muitos ramos da arte, da filosofia e da ciência e seria curiosíssimo se eu, que entendi as estâncias de Lord Byron, não entendesse uma estância de madeiras.

Sobre a questão fundamental, já lhe afirmei, mas torno a afirmar-lhe terminantemente que se dispus dos pacotes, o que ainda não averigüei, foi na persuasão de que eles eram meus.

Resta-me pedir-lhe que tire a minha conta, pois quero liquidar.

Por último advirto-o de que sou um homem de letras antes de ser negociante e que o meu gosto literário é muito exigente. Nem todos os autores me agradam. Rogo-lhe por isso que me poupe à leitura das suas insuportáveis lucubrações mercantis.

Cesário Verde

11

Lisboa, 7 de Novembro de 1884

Amgo e Sr. Manuel Cabaço

Paiol

Recebi o seu último favor e ficando ciente do que me diz tenho hoje a participar-lhe que já encomendei há dias os cinco cascos de 40 almudes como combinamos e que devem estar prontos no dia 17. Queira V.ce dizer se já arranjou os cascos da sua parte para podermos fazer o primeiro embarque de 10. Torno a recomendar-lhe que o principal neste negócio é comprarmos vinho de primeira qualidade.

Sem outro assunto, sou com estima

Seu at.º e obg.º
Pelo sr. José Anastácio Verde

José Cesário Verde

12

Lisboa, 15 de Novembro de 1884

Sr. Manuel Cabaço
Paiol

Am.º e Sr.

Recebi o seu favor com data de 13 e em resposta tenho a dizer-lhe que o negócio dos vinhos nesta ocasião está mal figurado. O cólera que se manifestou há dias em Paris e as medidas de quarentena que o nosso Governo toma com respeito à França para as transações. Além disso V.ce e eu calculamos o vinho a 500 rs., depois passou para 600, depois a 700; e tudo isto, apesar de eu já ter encomendado os meus cinco cascos, obriga-me a futurar mal este negócio e a suspendê-lo por ora.

Parece-me que isto é razoável com relação aos nossos interesses.

Estimarei receber notícias suas e a sua opinião e sou com estima

Seu at.º, v.or e obg.º
Por seu pai, J. A. Verde
J. Cesário Verde[76]

[76]Cartas de Cesário Verde extraídas de: FIGUEIREDO, João Pinto de -- *Cesário Verde -- a obra e o homem*. Lisboa, Arcádia, 1981. E de VERDE, Cesário -- *Obra completa de Cesário Verde* (org., pref. e anot. por Joel Serrão). 6. ed., Lisboa, Estúdios Horizonte, 1992. Foi esporadicamente consultada também a 4. ed., da mesma obra, publicada pela mesma editora, em 1983, bem como o trabalho de Luiz Amaro de Oliveira, *op. cit*.